

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS - MG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

LEANDRO HENRIQUE CUNHA FERMINO

TRANSFORMAÇÕES DO MEIO GEOGRÁFICO EM POUSO ALEGRE (MG):
DINÂMICA POPULACIONAL E FORMAÇÃO TERRITORIAL NOS
PERÍODOS TÉCNICO E TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL

Alfenas/MG

2025

LEANDRO HENRIQUE CUNHA FERMINO

**TRANSFORMAÇÕES DO MEIO GEOGRÁFICO EM POUSO ALEGRE (MG):
DINÂMICA POPULACIONAL E FORMAÇÃO TERRITORIAL NOS
PERÍODOS TÉCNICO E TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Análise Sócio-Espacial e Ambiental.

Orientador: Prof. Dr. Gil Carlos Silveira Porto

Alfenas/MG

2025

Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Alfenas

Fermino, Leandro Henrique Cunha

Transformações do meio geográfico em Pouso Alegre (MG): dinâmica populacional e formação territorial nos períodos técnico e técnico-científico-informacional/ Leandro Henrique Cunha Fermino. - Alfenas, MG, 2025. 145f.: il. -

Orientador(a): Gil Carlos Silveira Porto.

Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2025.

Bibliografia.

1. Técnica. 2. Eventos. 3. Ferrovia. 4. Rodovia. 5. Usos do Território. I. Silveira Porto, Gil Carlos, orient. II. Título.

LEANDRO HENRIQUE CUNHA FERMINO

TRANSFORMAÇÕES DO MEIO GEOGRÁFICO EM POUSO ALEGRE (MG): DINÂMICA POPULACIONAL E FORMAÇÃO TERRITORIAL NOS PERÍODOS TÉCNICO E TÉCNICO-CIENTÍFICO-INFORMACIONAL

O Presidente da banca examinadora abaixo assina a aprovação da Dissertação apresentada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Alfenas. Área de concentração: Análise sócio-espacial e ambiental

Aprovada em: 20 de fevereiro de 2025.

Prof. Dr. Gil Carlos Silveira Porto

Presidente da Banca Examinadora

Instituição: Universidade Federal de Alfenas - UNIFAL-MG

Profa. Dra. Maria Mónica Arroyo

Instituição: Universidade de São Paulo - USP-SP

Prof. Dr. Rubens de Toledo Junior

Instituição: Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA-PR



Documento assinado eletronicamente por **Gil Carlos Silveira Porto, Professor do Magistério Superior**, em 20/02/2025, às 20:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unifal-mg.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1443965** e o código CRC **0539B7CB**.

Dedico este trabalho a:

Minha mãe e minha vó, que mesmo não estando aqui, apoiou-me para a realização de cada conquista.

Meu vô, Sebastião Fermino, pelo seu apoio incansável para chegar a este momento.

Minha comunidade, Cidade Jardim, por todos os anos felizes ali vividos.

Gil C. S. Porto, por seu afinco com o ensino, a pesquisa e a extensão. Suas orientações são para a vida!

AGRADECIMENTOS

No dia 17 de outubro de 2024, em uma linda tarde ensolarada, escrevo esta seção com o coração profundamente emocionado. Chegar até aqui não foi fácil! Retorno no tempo e revisito as experiências mais marcantes da minha vida, especialmente destes últimos seis anos – dedicados às Graduações e ao Mestrado na Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG).

Agradeço, em primeiro lugar, à Deus e à minha família. À minha avó e mãe (in memoriam), meu avô Sebastião Fermino, meu irmão Gustavo Fermino e meus tios e tias (Vanilda, Rosangela, Ivone, Sandra, Marlene, Ivete, Ilma, Raquel, Diego e Claudio). Sem o apoio e o amor de vocês, nada disso teria sido possível.

Ao meu querido Bairro Cidade Jardim, pela solidariedade que marcou minha infância e adolescência.

À Tia Márcia, Tia Mara, Lilian, Huigor, Matheus, Gabriel e Ygor, minha eterna gratidão pelo carinho e pela presença em momentos tão importantes.

Às minhas amigas Ana Caroline e Sandra Couto, que me inspiraram a enxergar o ingresso no Ensino Superior como um ato de transformação e emancipação. As trocas que tivemos no Cursinho Popular Municipal de Pouso Alegre foram verdadeiramente transformadoras.

Aos amigos Igor Reis, Gustavo Marinho e Raissa Archanjo, que estiveram comigo desde os tempos da graduação em Geografia (Bacharelado). Vocês são incríveis e essenciais na minha vida! Amo vocês e levo Alfenas no coração para sempre.

À Débora Santos (minha querida Casca de Bala), pela construção de uma amizade tão rápida e intensa. Você me transformou e continua a me transformar todos os dias. Estar com você é reviver as melhores loucuras da adolescência.

Aos amigos da Unifal que levo para a vida: Flavio Honorato, Douglas Flora, Mariana Romanzini, Thaís Lemos, Flávia Lourenço, Marcelo Pires, Gian, Taíssa, Guilherme Guiari, Larissa Marques e Maraisa de Paula, agradeço por toda a amizade e apoio ao longo dessa

jornada.

Às políticas de ações afirmativas, sem as quais eu não estaria aqui escrevendo este agradecimento.

À Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PRACE), pelo auxílio permanência durante minhas Graduações e o Mestrado.

À Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPG), pelas bolsas concedidas ao longo dessa trajetória acadêmica.

A todos que fazem parte da Geografia e do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNIFAL-MG, em especial a Cleide Lana Vitor e aos professores Marcel Batista D'Alexandria, Ana Rute do Vale, Sandra de Castro de Azevedo, Flamarion Dutra Alves, Evânio Branquinho, Alexandre Carvalho, Felipe Gomes Rubira, Paulo Henrique de Souza e Clibson Santos.

Aos profissionais terceirizados e servidores da UNIFAL-MG, que, com seu trabalho, garantem o funcionamento da universidade: equipe de transporte, extensão, biblioteca, limpeza, manutenção, secretarias, segurança, técnicos de TI e saúde, além do pessoal da lanchonete.

Ao Núcleo de Estudos Populacionais, Econômicos e Territoriais e Teoria e Método em Milton Santos (NEPETTeMM), pela inspiração acadêmica e pelo acolhimento.

Ao pessoal da Arquidiocese de Pouso Alegre (MG), em especial à Cristina, responsável pelo setor de documentos, pelo inestimável suporte oferecido ao longo dos anos de investigação sobre o passado.

Ao meu orientador, professor Gil Carlos Silveira Porto, expresso minha profunda gratidão por todo o ensinamento, apoio e comprometimento. Sua dedicação como educador revolucionário e sua crença na educação transformadora são capazes de mudar trajetórias, e eu sou a prova viva disso.

Aos professores Maria Mônica Arroyo e Rafael Straforini, pelas valiosas contribuições na etapa de qualificação da pesquisa.

E aos professores Maria Mônica Arroyo e Rubens de Toledo Junior, pelas valiosas contribuições na defesa desta dissertação.

“O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”.

Várias famílias, vários barracos. Uma mina grávida. E o mano tá lá trancafiado. Ele sonha na direta com a liberdade. Ele sonha em um dia voltar pra rua longe da maldade. Na cidade grande é assim. Você espera tempo bom e o que vem é só tempo ruim. No esporte, no boxe ou no futebol. Alguém sonhando com uma medalha o seu lugar ao sol, porém. Fazer o que se o maluco não estudou. 500 anos de Brasil e o Brasil aqui nada mudou. Desesperô aí, cena do louco. Invadiu o mercado farinhado armado e mais um pouco. Isso é reflexo da nossa atualidade. Esse é o espelho derradeiro da realidade. Não é areia, conversa, xaveco. Porque o sonho de vários na quebrada é abrir um boteco. Ser empresário não dá, estudar nem pensar. Tem que tramar ou ripar pros irmãos sustentar.

(Racionais MC's, 2012)

É no território, tal como ele atualmente é, que a cidadania se dá tal como ela é hoje, isto é, incompleta. Mudança no uso e na gestão do território se impõem, se queremos criar um novo tipo de cidadania, uma cidadania que se nos ofereça como respeito a cultura e como busca da liberdade.

(Santos, 1987, p. 18)

RESUMO

O objetivo principal deste trabalho é compreender a transformação do meio geográfico de Pouso Alegre (MG) com base na periodização proposta por Milton Santos, considerando a formação territorial e a dinâmica populacional, nas quais a técnica desempenha um papel central. Quanto ao método, adotou-se o materialismo histórico-dialético para analisar as transformações do meio geográfico na localidade. A metodologia foi estruturada a partir da investigação de obras que caracterizam a formação territorial de Pouso Alegre como reflexo e condição da formação socioespacial brasileira nos períodos analisados. Além disso, realizou-se uma recomposição demográfica histórica, utilizando fontes como as listas nominativas de 1833, os censos do IBGE e dados extraídos de registros da diocese. Os resultados indicam que a dinâmica populacional de Pouso Alegre apresentou um crescimento expressivo entre 1833 (28.140 habitantes) e 2022 (152.217 habitantes), com um aumento de 124.077 pessoas ao longo de 189 anos. Esse crescimento reflete eventos que influenciaram diretamente o desenvolvimento demográfico e as transformações geográficas históricas do município. Entre os eventos mais relevantes, destacam-se: a emancipação política do Arraial para Freguesia em 1811, da Freguesia para Vila em 1831 e da Vila para Cidade em 1848; a chegada da estação da Rede Mineira de Viação em 1895; a instalação da diocese em 1901; e as emancipações políticas de Silvanópolis (1911), Borda da Mata (1923), Estiva (1948) e Congonhal (1953). No período técnico-científico-informacional, a implementação da BR-381 (Fernão Dias) configura-se como o principal fator responsável pelas transformações no meio geográfico de Pouso Alegre.

Palavras-chave: Técnica; Eventos; Ferrovia; Rodovia; Usos do Território.

ABSTRACT

The main objective of this study is to understand the transformation of the geographical environment of Pouso Alegre (MG) based on the periodization proposed by Milton Santos, considering the territorial formation and population dynamics, in which technology plays a central role. Regarding the methodology, historical-dialectical materialism was adopted to analyze the transformations of the geographical environment in the locality. The methodology was structured based on the investigation of works that characterize the territorial formation of Pouso Alegre as a reflection and condition of the Brazilian sociospatial formation in the analyzed periods. In addition, a historical demographic recomposition was carried out, using sources such as the nominal lists of 1833, IBGE censuses, and data extracted from diocesan records. The results indicate that the population dynamics of Pouso Alegre showed significant growth between 1833 (28,140 inhabitants) and 2022 (152,217 inhabitants), with an increase of 124,077 people over 189 years. This growth reflects events that directly influenced the demographic development and historical geographical transformations of the municipality. Among the most relevant events are: the political emancipation from Arraial to Freguesia in 1811, from Freguesia to Vila in 1831, and from Vila to City in 1848; the arrival of the Rede Mineira de Viação station in 1895; the installation of the diocese in 1901; and the political emancipations of Silvanópolis (1911), Borda da Mata (1923), Estiva (1948), and Congonhal (1953). In the technical-scientific-informational period, the implementation of BR-381 (Fernão Dias) is configured as the main factor responsible for the transformations in the geographical environment of Pouso Alegre.

Keywords: Technology; Events; Railroad; Highway; Land Use.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização do Município de Pouso Alegre, Minas Gerais.....	21
Figura 2 - Mapa das comunidades existentes no Brasil antes da invasão	35
Figura 3 - Mapa da divisão do Brasil em Capitânicas Hereditárias feito por Luís Teixeira no século XVI.....	39
Figura 4 - Mapa da organização política-administrativa do Brasil em 1763	40
Figura 5 - Povoamento na Comarca do Rio das Mortes (MG)	46
Figura 6 - A exportação de mercadorias pela Comarca de Rio das Mortes no período entre 1802 e 1811.....	48
Figura 7 - Representação do uso do território citadino nos arredores da ferrovia em 1904.....	59
Figura 8 - A expansão das ferrovias e a fatia do café nas exportações brasileiras.....	68
Figura 9 - Esquema das Estradas de Ferro no Brasil em 1952.....	71
Figura 10. Malha ferroviária dos Estados de Minas Gerais e Espírito Santos em 1931	72
Figura 11- Estrada de Ferro Sapucaí em 1898, contendo a localização de algumas cidades sul-mineiras.....	73
Figura 12 - Desmembramentos municipais de Pouso Alegre no século XX.....	84
Figura 13 - O Município de Pouso Alegre (MG) na regionalização do Brasil proposta por Santos e Silveira (2003).....	100
Figura 14 - Plano Nacional de Estradas do Departamento Nacional de Estradas e Rodagem no Brasil.....	101
Figura 15 - Mapa da Região de Influência de Pouso Alegre (MG) em 2018	105
Figura 16 - Mapa de ligação de destino de Pouso Alegre (MG) em 2018	106

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografias 1 - a) Antiga fachada do teatro municipal. b) Fachada atual do teatro municipal. c) Igrejas católicas do bairro rural dos Afonsos em Pouso Alegre	108
Fotografias 2 - a) Estação ferroviária de Pouso Alegre nos dias de hoje. b) Biblioteca Municipal. c) Escola Estadual Monsenhor José Paulino	109
Fotografia 3 - a) Avenida Doutor Lisboa no século XX. b) Avenida Doutor Lisboa no século XXI	110

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Primeiros tempos de expedição e exploração do Brasil	37
Quadro 2 - Eventos ocorridos em Pouso Alegre no período entre 1840 e 1960.....	56
Quadro 3 - Pouso Alegre no período do meio técnico.....	62
Quadro 4 - Períodos de análise	70
Quadro 5 - Fatores determinantes da migração	92

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Composição da riqueza do Município de Pouso Alegre, 1870-1899.....	53
Tabela 2 - População total do Brasil no período entre 1776 e 1869	78
Tabela 3 - População do Brasil nos censos demográficos do século XIX e XX	79
Tabela 4 - População total e por sexo de Pouso Alegre no período entre 1833 e 1960	82
Tabela 5 - População residente da paróquia, da sede, e total da unidade territorial de Pouso Alegre em 1901	83
Tabela 6 - Registro de nascimento da unidade territorial de Pouso Alegre em 1916.....	86
Tabela 7 - Registro de nascimento da unidade territorial de Pouso Alegre em 1949.....	86
Tabela 8- Número de óbitos da unidade territorial de Pouso Alegre em 1901	89
Tabela 9 - Número de óbitos da unidade territorial de Pouso Alegre em 1916.....	89
Tabela 10 - Número de óbitos da unidade territorial de Pouso Alegre em 1949	90
Tabela 11- Número de estrangeiros em Pouso Alegre (MG) em 1872 e 1920.....	93
Tabela 12 - Unidades industriais em funcionamento em Pouso Alegre no período entre 1953 e 2014	103
Tabela 13 - População e distribuição da população pelas Grandes Regiões e Unidades da Federação nos censos demográficos no período entre 1960 e 2022.....	111
Tabela 14 - População total residente no Município de Pouso Alegre (MG) no período entre 1960 e 2022	112
Tabela 15 - População residente por sexo em Pouso Alegre (MG) no período entre 1960 e 2022	113
Tabela 16 - População residente por situação de domicílio em Pouso Alegre (MG) no período entre 1970 e 2010	114
Tabela 17 - Registro civil de nascidos no Município de Pouso Alegre no período entre 2004 e 2021	116
Tabela 18 - Taxa de mortalidade infantil no Município de Pouso Alegre no período entre 2006 e 2022	119
Tabela 19 - Coeficiente de mortalidade geral em Pouso Alegre de 2013 a 2016	120
Tabela 20 - Mortalidade (morbidade) ocorrida, por sexo, no município de Pouso Alegre no período entre 2006 e 2021	121
Tabela 21 - Migrantes em Pouso Alegre, no período entre 1970 e 2010	123
Tabela 22 - Número de registros de imigrantes internacionais no ano de 2000 e de 2023	125

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Representação da população, por grupo de Idade no Brasil, no período entre 1872 e 1960.....	81
Gráfico 2 - Taxa de fecundidade de filho por mulher no Brasil no período entre 2006 e 2021	115
Gráfico 3 - Taxa de mortalidade infantil no Brasil no período entre 2000 e 2021	118

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNIFAL - Universidade Federal de Alfenas

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

IC - Iniciação Científica

PRPPG - Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

PRACE - Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantils

PPGEO - Programa de Pós-Graduação em Geografia

NEPETTeMM - Núcleo de Estudos Populacionais, Econômicos e Territoriais e Teoria e Método em Milton Santos

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

SIDRA - Sistema IBGE de Recuperação Automática

FES - Formação Econômica e Social

MTCI - Meio técnico-científico-informacional

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

RMV - Rede Mineira de Viação

RFFSA - Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima

RVS - Rede de Viação do Sapucaí

RSM - Rede Sul Mineira

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

APM - Arquivo Público Mineiro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	20
2 UMA GEOGRAFIA HISTÓRICA DE POUSO ALEGRE: EVENTOS DE DESTAQUE DO PERÍODO DO MEIO TÉCNICO	26
2.1 O que é a técnica?	28
2.2 Caracterização do período técnico	32
2.3 A formação socioespacial brasileira	34
2.3.1 Eventos políticos	36
2.3.2 Economia	41
2.3.3 Configuração técnica vigente.....	43
2.4 Minas Gerais e o Sul de Minas	44
2.4.1 Eventos políticos	44
2.4.2 Economia	47
2.4.3 Configuração técnica vigente.....	49
2.5 Pouso Alegre	50
2.5.1 Eventos políticos	50
2.5.2 Economia	52
2.5.3 Configuração técnica vigente.....	54
3 DIMENSÃO DA DINÂMICA POPULACIONAL EM POUSO ALEGRE NO PERÍODO DO MEIO TÉCNICO	61
3.1 O que é um evento?	62
3.2 Ferrovia: um evento que concretiza Pouso Alegre no período do meio técnico	65
3.2.1 Ferrovia no Brasil, em Minas Gerais e no Sul de Minas	66
3.2.2 Ferrovia em Pouso Alegre	74
3.3 Dinâmica populacional no período do meio técnico	77
3.3.1 Natalidade	85
3.3.2 Mortalidade.....	87

3.3.3 Migração	91
4 POUSO ALEGRE NO ATUAL CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO	95
4.1 A inserção de Pouso Alegre no meio técnico-científico-informacional.....	95
4.1.1 O meio técnico-científico-informacional	97
4.1.2 Dimensões do meio técnico-científico-informacional	100
4.1.3 Coexistência de tempos no município	107
4.2 Dinâmica populacional do município no contexto atual.....	110
4.2.1 Natalidade	115
4.2.2 Mortalidade	117
4.2.3 Migração	122
4.3 A relação entre o período atual e a dinâmica populacional de Pouso Alegre	124
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS.....	130
ANEXOS.....	143

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento técnico da formação socioespacial brasileira ocorreu de forma progressiva ao longo do processo de colonização iniciado com a chegada de Portugal, que influenciou profundamente o curso histórico do Brasil e de suas partes. A materialidade que, até então, apresentava-se como um vasto campo de natureza natural foi gradativamente artificializada, culminando no período atual, conhecido como meio técnico-científico-informacional. Este período caracteriza-se pela fluidez da informação, pelo avanço científico e pela dinamicidade de um tempo marcado pela técnica (Santos, 1994; 1996; Santos; Silveira, 2003).

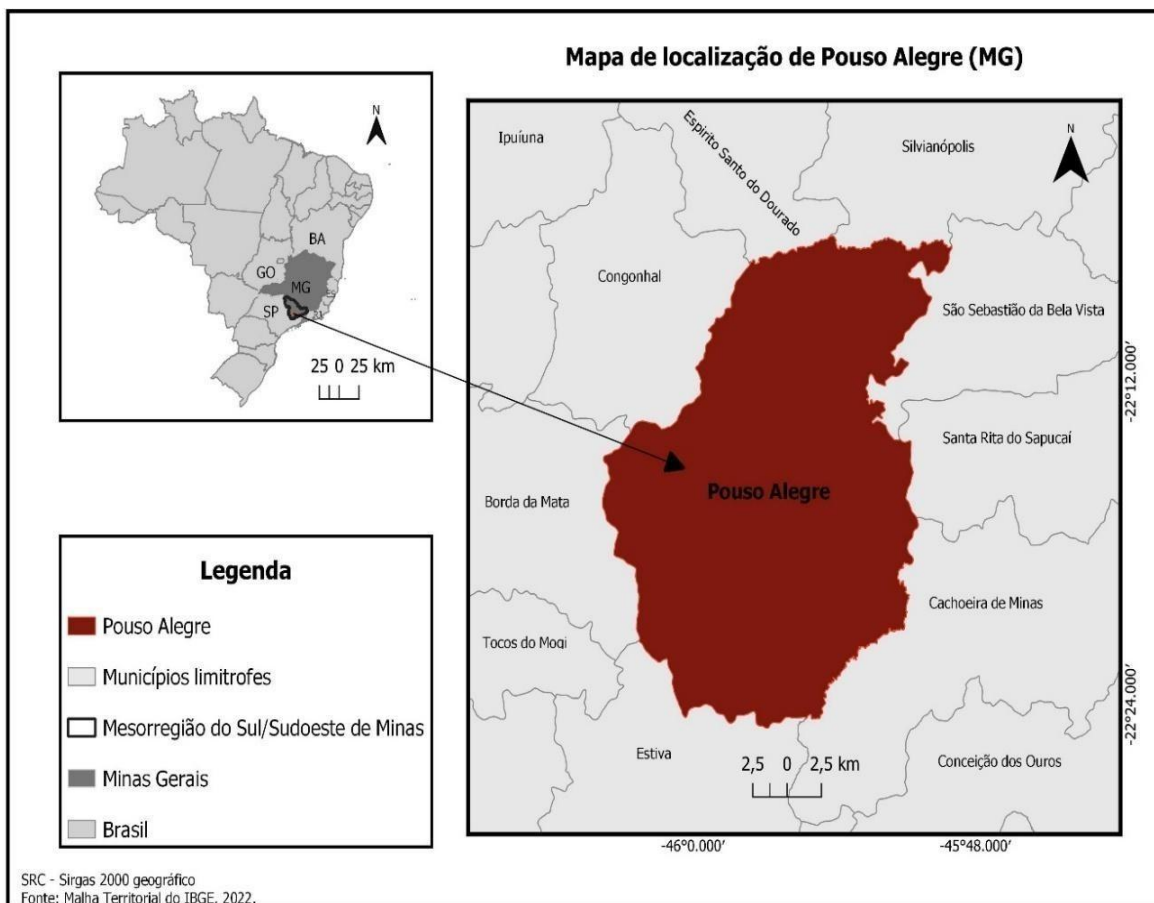
Santos (1996), ao analisar o quadro histórico das formações socioespaciais, dos lugares e do mundo, propõe uma divisão em três períodos históricos: o meio natural, o meio técnico e o meio técnico-científico-informacional. O meio natural (ou pré-técnico) apresenta características singulares, nas quais as técnicas são escassas e frágeis.

O meio técnico, por sua vez, é definido como o resultado da necessidade de um espaço mecanizado. A transição para este período é marcada pela transformação do natural em artificial, ou seja, pela substituição de objetos naturais e culturais por objetos técnicos, que passam a compor a pré-mecanização e a mecanização dos usos do território. Por fim, o meio técnico-científico-informacional, que corresponde ao meio geográfico contemporâneo, é guiado pela integração entre ciência, técnica e informação.

A proposta de periodização elaborada por Milton Santos contribui significativamente para que os geógrafos compreendam o uso do território — seja como recurso ou abrigo — por meio dos sistemas de objetos e/ou sistemas de ações, envolvendo agentes e as populações que deles utilizam, em cada momento específico da história. Com o avanço técnico, a totalidade e suas partes estão em constante transformação.

Como definido por Santos (1999), o uso do território está intrinsecamente relacionado a múltiplas escalas, manifestando-se no cotidiano de nossas vidas e sendo tanto condição quanto reflexo da formação socioespacial brasileira e da totalidade global. Investigar as ocorrências ao longo do tempo cronológico a partir da perspectiva geográfica (Corrêa, 2016) implica debruçar-se sobre questões cruciais que moldaram e continuam moldando o cotidiano político, econômico e social de uma localidade específica. No caso desta pesquisa, o foco recai sobre o Município de Pouso Alegre, situado na mesorregião do Sul/Sudoeste de Minas Gerais, como ilustrado na figura 1.

Figura 1 - Mapa de localização do Município de Pouso Alegre, Minas Gerais.



Fonte: Autor (2024).

A presente pesquisa entende que a formação territorial e a dinâmica populacional do município abarcadas por este trabalho, no período do meio técnico pré-mecanizado e mecanizado e no meio técnico-científico-informacional, iniciadas com a invasão dos bandeirantes, com a colonização encetada em 1747, com a chegada da ferrovia em 1895 e com a inauguração da rodovia Fernão Dias (BR-381) em 1961 (eixo Belo Horizonte–São Paulo), têm conjunturas subjetivas e objetivas, entretanto estão relacionadas com o processo de construção histórica do Brasil e do mundo. A presente pesquisa proposta justifica-se pelo pioneirismo deste feito e pela falta de trabalhos científicos que unam a área de Geografia Histórica — com a periodização de Milton Santos — e de Geografia da População sobre o Brasil, Minas Gerais, Sul de Minas e o topônimo aqui abarcado.

Desse modo, o objetivo geral da investigação foi compreender a formação territorial, a dinâmica populacional e a transformação do meio geográfico de Pouso Alegre (MG) considerando a técnica como ponto basilar. Os objetivos específicos foram: analisar os eventos de destaque da formação socioespacial brasileira, de Minas Gerais e do Sul de

Minas, que condicionaram a formação territorial de Pouso Alegre no período do meio técnico; investigar e explicar o evento condicionante, a dinâmica populacional do Brasil, de Minas Gerais, do Sul de Minas e de Pouso Alegre no período do meio técnico; investigar a formação territorial e a dinâmica populacional de Pouso Alegre atualmente.

A metodologia é uma das partes mais cruciais de uma pesquisa, pois é por meio dela que o leitor compreende os procedimentos adotados pelo pesquisador para alcançar os resultados. Essa discussão foi orientada pelo método materialista histórico dialético, que busca entender os fenômenos a partir de sua materialidade, enraizada em um contexto histórico e marcada por relações contraditórias (Sposito, 2003).

O materialismo histórico-dialético, segundo Paulo Neto (2011), constitui uma teoria social que exige a análise da produção das condições da vida social. Dessa forma, não se observa influência direta das questões pessoais do pesquisador, uma vez que a imparcialidade é essencial para a condução de uma investigação. Contudo, além dessa definição, o materialismo histórico-dialético, enquanto método, apresenta uma abordagem crítica que rompe com a ideia de neutralidade. Como destacado por Alves (2010), esse método confere à pesquisa núcleos de sentido fundamentados na noção de contradição.

Esta pesquisa também se apoia na análise quantitativa com o objetivo de compreender determinadas questões através da análise de dados secundários previamente coletados (Coronel *et al.*, 2013). Assim, utilizam-se estatísticas e a operacionalização conceitual da periodização proposta por Santos (1996) para entender os fenômenos ocorridos no passado, com foco específico no período do meio técnico e do meio técnico-científico-informacional.

A metodologia foi organizada de acordo com as seções, de modo que cada uma foi desenvolvida de forma interdependente. A estruturação da primeira seção seguiu etapas diferentes das da primeira. A primeira delas foi a consulta a documentos específicos no Arquivo Público Mineiro, em Belo Horizonte, que guarda materiais importantes sobre a história de Minas Gerais. Durante essa pesquisa de campo, poucos materiais relacionados à formação territorial de Pouso Alegre foram encontrados.

Diante desse problema, recorreu-se a outros arquivos documentais, como o museu local e a Arquidiocese do Sul de Minas. Essas investigações de campo foram bastante produtivas, resultando na obtenção de alguns materiais, incluindo um pen drive com 320 imagens e fotografias, além de jornais publicados ao longo do século XX, livros que abordam o processo de desenvolvimento técnico do município e revistas que retratam os eventos da cidade. Para a estruturação dessa primeira seção, após o levantamento documental local, procedeu-se à consulta bibliográfica em obras que abordam o processo econômico, político e

social do período do meio técnico, desde a formação socioespacial até a unidade territorial de Pouso Alegre. Entre os autores consultados, estão Prado Júnior (1978; 2004), Fausto (2001), Moraes (2005; 2007; 2011), Schwarcz e Starling (2015), Moreira (2020), Leal (2022), Vale (2018; 2019; 2023; 2024) e Andrade (2014).

Para o desenvolvimento da segunda seção deste trabalho, a primeira etapa consistiu na consulta às obras de Santos (1996) e Silva (2015) e ao Dicionário Online de Língua Portuguesa (2024) com o objetivo de definir os termos e conceitos de "evento". Em seguida, retomou-se a definição de meio técnico, destacando a ferrovia como um marco fundamental na transformação do uso do território e como o principal fenômeno responsável pela inserção de Pouso Alegre na era mecanizada desse período.

Após essas definições, buscou-se dimensionar a dinâmica populacional na formação socioespacial brasileira, com ênfase em Pouso Alegre. Para isso, foram utilizados os recenseamentos realizados no Brasil entre 1872 e 1960, permitindo compreender o dinamismo populacional no período do meio técnico. Adicionalmente, recorreu-se às listas nominativas de 1833, disponíveis no Arquivo Público Mineiro, para investigar o dinamismo populacional local.

Essa delimitação temporal, no entanto, não reflete de forma integral a difusão do meio técnico em escala local, uma vez que o processo de tecnificação não ocorre de maneira homogênea, mas, sim, de forma seletiva, conforme o modelo econômico, político e social vigente no Brasil. Dessa forma, a consolidação do meio técnico em Pouso Alegre seguiu um ritmo condicionado por instâncias superiores, sendo incorporado gradualmente conforme as demandas específicas do lugar.

Ciente das dificuldades inerentes à obtenção de determinados dados em pesquisas históricas (Bacelar, 2008), optou-se por complementar a análise com obras de escritores locais e jornais que suprissem as lacunas temporais na análise populacional. Apesar dos censos nacionais disponíveis, constatou-se que muitos apresentam um número reduzido de variáveis demográficas. Assim, a partir de trabalhos de campo realizados na Arquidiocese de Pouso Alegre, foi possível acessar levantamentos paroquiais dos anos de 1901, 1916 e 1949, que incluem informações como nascimentos, batismos, população total e óbitos, enriquecendo a análise com dados complementares e mais específicos.

A presente análise, para empregar uma abordagem multifacetada para além dos ditos anteriormente, recorreu, também, a registros da pesquisa de Silva (2012), que complementa a série temporal com dados de 1873, 1890, 1907 e 1910. O censo de 1872 é o mais abrangente da realidade, contendo bastantes variáveis não abarcadas nos outros (1890, 1900, 1920, 1940

e 1950), portanto a análise deste se concentrou nas seguintes variáveis demográficas para o município de Pouso Alegre: sexo, nacionalidade e condição jurídica (escravizados e livres).

A última seção foi construída a partir de várias etapas, sendo a primeira a busca por materiais bibliográficos relacionados aos temas abordados. Nessa fase, foram selecionadas obras de autores como Santos (1977; 1978; 1985; 1988; 1994; 1996), Lencioni (1991), Erthal (2003), Andrade (2014), entre outros.

Na segunda etapa, foram realizados a leitura e fichamento desses materiais, iniciando, assim, o esboço do texto da dissertação. Durante essa etapa, também se desenvolveu a interpretação dos textos e de fenômenos específicos, utilizando-se o REGIC (2018) e o IBGE (2022) para a confecção de mapas com a plataforma gratuita QGIS (Quantum GIS). Em seguida, procedeu-se à consulta de dados secundários disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), através da plataforma SIDRA, abrangendo um período de 50 anos, de 1970 a 2022. Para alguns indicadores, como o crescimento populacional total do município em foco, foi possível alcançar esse intervalo temporal. No caso das variáveis de mortalidade e natalidade, analisaram-se dados disponíveis para o século XXI devido à ausência de informações claras e completas para as décadas finais do século XX na plataforma SIDRA.

Após essa coleta, os dados foram organizados em tabelas e gráficos na terceira etapa. Como o trabalho não se limita à interpretação dos fenômenos atuais da globalização no Município de Pouso Alegre, foi necessário buscar referências na geografia da população para interpretar as mudanças demográficas, recorrendo às obras de Damiani (1991), Bomtempo (2000), Scavazza (2003), Matos (2011), entre outras.

Estruturou-se este feito nas seções 1, 2 e 3, na introdução e nas considerações finais. Guiou-se a presente pesquisa com as seguintes perguntas norteadoras: quais foram os eventos da formação socioespacial brasileira que condicionaram, no período técnico, a formação territorial de Pouso Alegre? Qual foi o evento que inseriu Pouso Alegre no período do meio técnico mecanizado e como se configurou a dinâmica populacional em Pouso Alegre? Quais são as características da formação territorial e populacional de Pouso Alegre no período do meio técnico-científico-informacional?

Diante disso, desenvolveu-se a elaboração de três capítulos; o primeiro foi denominado: “Uma geografia histórica de Pouso Alegre: eventos no período do meio técnico”, na qual desenvolve-se o significado do que é meio técnico e retrata-se os eventos históricos de destaque ocorridos no município em consonância com as outras escalas no período analisado. Já a segunda seção, nomeada “Dimensão do período do meio técnico na formação territorial e

na dinâmica populacional de Pouso Alegre”, retratará a dimensão da dinâmica populacional e da formação a partir de certos eventos da unidade territorial pesquisada.

Por fim, o último capítulo, intitulado “Pouso Alegre no atual contexto da globalização”, discutirá a conceitualização (o que é a técnica, o meio técnico-científico-informacional e demais), o contexto de adentramento e a dinâmica populacional do município no atual período.

2 UMA GEOGRAFIA HISTÓRICA DE POUSO ALEGRE: EVENTOS DE DESTAQUE DO PERÍODO DO MEIO TÉCNICO

A análise geográfica em sua história científica centralizou o debate em determinados temas e conceitos, como: o território, a paisagem, o espaço geográfico, o lugar e a região. O desenvolvimento desta temática era produzido conforme cada momento histórico. Sendo assim, a sua centralização não ocorria de forma generalizada, e sim com o debate conceitual sendo construído ao mesmo tempo, pois ocorria uma centralização de cada conceito/tema conforme os eventos presentes.

Porém, por mais que o desenvolvimento conceitual da ciência geográfica aconteça de forma separada em relação a outras ciências, é possível observar uma confusão didática entre os conceitos, haja vista que eles se interligam e se conectam, ou seja, o conceito de paisagem se encontra interligado com o de região, assim como o de espaço geográfico com o do uso do território para Santos e Silveira (2003, p. 20).

O que interessa discutir é, então, o território usado, sinônimo de espaço geográfico. E essa categoria, território usado, aponta para a necessidade de um esforço destinado a analisar sistematicamente a constituição do território. Como se trata de uma resposta totalmente empirizável, segue daí o enriquecimento da teoria.

Esse fragmento reforça a questão abordada por Erthal (2003) de que a Geografia, em seu processo de construção enquanto ciência, por fazer um conceito adjacente ao outro, sustenta uma dificuldade pedagógica na compreensão do que significa cada expressão temática que foi por ela desenvolvida e discutida.

Erthal (2003, p. 29) pondera que a confusão dos conceitos não ficou restrita à Geografia. O posicionamento das escolas do pensamento geográfico, com a busca de um conceito central para a Geografia, o espaço, direciona, também, para uma interpretação perdida e confusa da constituição desta ciência.

Cada uma destas categorias, por seu turno, registra significativo avanço conceitual. A título de exemplo, o espaço era concebido por I. Kant "como a condição de possibilidade dos fenômenos", recorda Santos (1980: 3 1/32). A esta concepção de espaço tridimensional como continente (receptáculo) que, inclusive foi incorporada ao pensamento hartshorniano, agregou-se aquela do espaço como reflexo da fenomenologia social. Ambas visões, porém, destituíram o espaço do atributo de dinamicidade. Na nova geografia, além de ser concebido como relativo, "o espaço aparece pela primeira vez na história do pensamento geográfico, como o conceito-chave da disciplina", afirma Corrêa (1995: 20). Com o advento da chamada geografia crítica, observam-se grandes avanços no entendimento formal do espaço, considerado como produto (histórico e dialético) e fator sociais, como nos apresenta Santos (1980).

A evolução epistemológica da Geografia demonstra que, para além da centralização do

conceito de espaço geográfico, o seu aporte teórico-metodológico se estruturou por diferentes áreas, como a urbana, a regional e a econômica, o que, para o autor, contribuiu com a nutrição teórica e científica de sua epistemologia.

Para além destas definições e centralizações feitas por Erthal (2003), a Geografia se preocupa com a dimensão espacial da sociedade, que é dinâmica e está ligada com os fenômenos sociais, que são temporais; desta maneira, a Geografia se debruça sobre os aspectos que estão em movimento e não se congelam. Portanto, ponderada a partir de Erthal (2003), a diferenciação entre Geografia e Ciências Sociais está na compreensão da dimensão do real da sociedade.

Se a geografia se coloca como um campo de conhecimento preocupado com a dimensão espacial da sociedade, não se pode esquecer que os fenômenos sociais são, também, temporais. Tempo e espaço, fenômenos inter-relacionados e que ocorrem de modo simultâneo, são tomados pela filosofia e pela ciência como categorias universais e históricas, respectivamente. Portanto, estas categorias não são prisioneiras desta ou daquela ciência e podem, conseqüentemente, ser apreendidas por todas. Desse modo, no entender de Abreu (2000: 15) as distinções entre a geografia e as ciências sociais são "exatamente as questões que (a geografia) coloca para o entendimento desse real da sociedade. E essas questões não podem ser apenas as do presente (p. 30).

Nesse sentido, é preciso entender um movimento geográfico que parte de uma ciência que considera o tempo e o espaço, que, diferentemente das ciências sociais, consegue se atrelar à dimensão temporal, espacial e social do real. Erthal (2003) pontua que é a Geografia Histórica que se debruça sobre as dimensões citadas anteriormente. Portanto, a construção desta área se constitui por estes pontos.

Neste sentido, papel fundamental deve ser dado à chamada geografia histórica que, inclusive, além de se preocupar em recuperar as espacialidades pretéritas que marcam as espacialidades atuais, busca metodologias apropriadas e esforça-se em refletir a categoria tempo, a fim de fornecer subsídios à abordagem espacial e temporal. O próprio Carl Ritter já recomendava, em termos metodológicos, uma extensa pesquisa bibliográfica do passado a fim de melhor entender a região (p. 30).

Diante desta definição, é importante reiterar que a Geografia Histórica constitui papel significativo na discussão e no debruçamento sobre metodologias que se esforçam por entender a categoria tempo, tanto na perspectiva específica do passado quanto na interpretação de especificidades atuais. A Geografia Histórica, como área da Geografia, não obteve uma centralização, haja vista que não foi tida como disciplina autônoma. Durante o desenvolvimento ideológico das escolas do pensamento geográfico, ela terá seu destaque em países como Inglaterra, França, Estados Unidos, Canadá e Japão (Erthal, 2003).

No caso do Brasil, para Erthal (2003), a Geografia Histórica será esquecida dentro dos debates epistemológicos que fundamentam cada escola do pensamento geográfico, ou seja, ela

não terá uma linha lógica. Serão Maurício de Almeida Abreu, estudando o Rio de Janeiro, e Pedro de Almeida Vasconcelos, abarcando Salvador, que teorizarão e contribuirão para esta área na perspectiva brasileira.

Partindo da construção de uma Geografia Histórica do passado como se fosse o presente, para Abreu (2003) é necessário um mergulho na cotidianidade vivida pelos homens e mulheres do período estudado. Dessa maneira, este capítulo retrata a caracterização do período técnico com relação aos eventos políticos e econômicos que moldaram a formação socioespacial do Brasil e a formação territorial de Pouso Alegre durante esse momento histórico. Discute-se, aqui, sobre os aspectos ali presentes, como o funcionamento dos transportes e demais configurações territoriais que eram existentes nesse período. As reconstruções desses momentos pertencentes ao tempo pretérito remontam ao uso do território pelos sistemas técnicos que modificavam os objetos e as ações que vigoravam e pertenciam à dialética da conectividade do lugar com o mundo naquele momento.

2.1 O que é a técnica?

Considera-se a técnica como o principal meio de sobrevivência da humanidade, que a utiliza como meio de obtenção de recursos para a subsistência básica. Dentro da história epistemológica do conceito de técnica, Novaes (1996) diz que Aristóteles considera, inicialmente, que ela é um modo de fazer o novo em relação ao fazer natural.

Donde uma primeira "definição": técnica é um modo de fazer, novo em relação ao "fazer natural", assentado e envelhecido no e pelo próprio ato de sua instauração. Nessa concepção, pode-se identificar uma "dupla novidade": a natureza, que tem por essência o florescimento, é sempre novidade em relação à sua causa final, posto que sempre geradora; tendo gerado o intelecto humano, aloca em sua essência a faculdade da arte, criação daquilo que ela própria não engendra, não importando os motivos pelos quais não o faz (p. 25).

Pensar na técnica consiste em uma preocupação que não se inicia apenas no desenvolvimento do pensamento filosófico da Idade Moderna — sua terminologia inicial é “*Tecnhē*”. Loureiro (2013) salienta que esse movimento começa antes mesmo da consideração de Platão, haja vista que o termo já denota o esboço de uma expressão que passa por mudança.

A discussão feita por Novaes (1996) enfatiza que o pioneirismo em se pensar a técnica ocorreu na filosofia como ponto de partida para ser debatida em outras ciências, entre elas: a Geografia, a Sociologia, a Antropologia e demais. Já Fighera (1993) aborda que a forma de pensar do homem e o seu meio já reproduzem forma de se viver, por isso atrelar as ferramentas de sua existência, que contribuirá para a produção do uso do território, é o

caminho epistemológico feito por muitos autores para se considerar a técnica como algo voltado para o manuseio da vida, sendo utilizado pela humanidade desde seu reconhecimento enquanto seres habitantes do mundo, ou seja, vigente desde a Pré-História.

Em outros momentos, como no caso da Idade Média, Novaes (1996) aponta que há uma evolução da técnica na agricultura e na construção de templos religiosos, por mais que o período seja um momento muito obscuro para a evolução de um pensamento social mais crítico, tendo em vista o controle ideológico.

Uma primeira e notável evolução técnica se verifica na agricultura, a partir do século X. Mudanças no arado, que passa não só a fazer sulcos mais profundos, como também a cortar horizontalmente a terra e as raízes não desejadas ali encravadas e, adicionalmente, revolvendo o solo assim trabalhado. Em conexão com as invasões bárbaras (e sua 'cavalaria ligeira'), a tração animal potencializa a 'força de trabalho', até então penosa e de baixo rendimento. Finalmente, em relação ao cultivo da terra, introduz-se a rotação trienal, segundo a qual um terço da área permanece em repouso, um terço é usado para plantio de inverno e o restante, para plantio de verão. Um aumento da produtividade que, paulatinamente, vai modificando a forma de organização espacial da sociedade feudal: ao lado das velhas cidades, núcleos de populações rurais concentram atividades manufatureiras (principalmente têxteis) e comerciais.

De outra parte, e a partir do século XII, as cidades que conquistam o status de sede episcopal assistem a uma verdadeira febre de louvor a Deus, com a edificação de templos que buscam, cada vez mais, uma aproximação com o Senhor. Principalmente no norte da França, as catedrais começam a recortar os céus com altos perfis até então inimagináveis, à custa de uma inovação construtiva: os arcobotantes. Enormes canteiros, proporcionais às dimensões das obras, testemunham aperfeiçoamentos na elevação e assentamento de grandes blocos de pedra, no seu entalhamento e transporte, no trabalho de pedreiros, carpinteiros, marceneiros, fundição e forja, vidraria etc. Assim, apesar da ordem política e jurídico-ideológica, os séculos XIII e XIV vivenciam uma pequena efervescência artesano-comercial que impõe a expansão e o aprimoramento de vias navegáveis (até mesmo com a abertura de canais), incluindo elementos inovadores, como as eclusas, por exemplo (p. 26).

Como vimos, a agricultura é uma das formas com que o homem lida com o seu meio para sua subsistência, e isto é estabelecido por meio de técnicas. Outras formas destacadas de aprimoramento técnico, que marcam o início de um novo período para aquela comunidade, são o abrimento de canais e a criação de um meio de transporte por eles, com os barcos de navegações.

Epistemologicamente, a técnica passou a ser discutida por diversas ciências, tendo em vista sua multidisciplinaridade, e a sua vinda para a Geografia foi algo pulsante. Considera-se neste trabalho que o objeto de estudo dessa ciência é o espaço geográfico (Santos, 1978; 1985; 1996; Suertegaray, 2000; Serpa, 2006). Sendo assim, a compreensão sobre a técnica consiste em ser um ponto de encontro sobre os sistemas de objetos e os sistemas de ações, que se reformulam conforme o seu quadro histórico, haja vista que emana de trabalho morto (Santos, 1994).

Os autores já citados aqui consideram filosoficamente a revolução técnica como um bem de transformações políticas, sociais, econômicas e culturais. Essas circunstâncias demonstram uma fragilidade na discussão sobre a técnica, conforme apontado por Santos (1996, p. 29 e 30).

Um inventário dos estudos empreendidos sobre a técnica deixa ver que esse fenômeno é frequentemente analisado como se a técnica não fosse parte do território, um elemento de sua constituição e da sua transformação. Alguns exemplos o mostram. Concluindo o seu livro de 1985, D. Mackenzie & C. J. Wajcman referem-se a diversas preocupações dos estudos sobre tecnologia, mas o espaço não é mencionado nem mesmo em um lugar secundário, como os capítulos "outros temas". Adam Schaff (1990, 1992) se refere às consequências sociais da revolução técnico-científica, alinhando quatro tipos de mudanças: econômicas, políticas, culturais e sociais. Mas não dá um lugar específico às mudanças geográficas. Certamente, porém, ele não é o primeiro pensador de grande fôlego a desconsiderar o espaço como uma categoria autônoma do pensar histórico.

Ou seja, a revolução tecnológica e seu produto, a técnica, não são somente um bem de transformações políticas, como atestam os filósofos, mas também um bem de transformação espacial, como pontuam muito bem os geógrafos, entre eles Milton Santos e Pedro Almeida de Vasconcelos. Santos (1996) salienta que as discussões sobre as técnicas ganham rigor nas obras geográficas de autores como Vidal de La Blache, com o conceito de gênero de vida, e Lucien Febvre, que delimita sua linha a partir do progresso técnico.

As técnicas têm sido, com frequência, consideradas em artigos e livros de geógrafos, sobretudo em estudos empíricos de casos. Mas é raro que um esforço de generalização participe do processo de produção de uma teoria e de um método geográficos. As estradas de ferro, e depois as rodovias, chamaram a atenção de historiadores e de geógrafos. Tanto Vidal de La Blache, como Lucien Febvre, tiraram partido da noção de progresso técnico na elaboração de suas sínteses. Daí porque eles podem ser considerados entre os pioneiros da produção de uma geografia vinculada às técnicas. Esse também é o caso de Albert Demangeon, quando se interessa pelo comércio internacional (p. 32).

Outros autores também contribuíram para a discussão sobre as técnicas e a necessidade de incorporá-la nos estudos geográficos, como André Fel.

O interesse pela técnica também preocupa o geógrafo André Fel. No já mencionado artigo que escreveu sobre a geografia e as técnicas, A. Fel (1978, pp. 1062-1110) traça um inventário das múltiplas relações entre a técnica e o fato geográfico, lembrando que "se os objetos técnicos se instalam na superfície da terra, fazem-no para responder a necessidades materiais fundamentais dos homens: alimentar-se, residir, deslocar-se, rodear-se de objetos úteis". Mas ele reconhece a ausência de uma verdadeira ciência geográfica das técnicas, claramente definida em seus objetos e em seus métodos (p. 1062). Por isso ele sugere a criação de uma disciplina que se poderia chamar de geotécnica, incumbida dessa tarefa (Santos, 1996, p. 35).

Fica evidente, na proposição de Fel, que há a necessidade de a Geografia validar a discussão sobre, pois é o fenômeno técnico analisado na escala da totalidade que nos permite compreender de forma objetiva as condições e reflexões do espaço geográfico (Santos, 1996).

Dessa maneira, é importante entender os fenômenos técnicos em proporções multiescalares, tendo em vista as transformações da escala mundial demandadas pelas particularidades e também ocorrentes de forma contrária. E, conforme o mundo muda, as geografias são modificadas (Montenegro; Barros, 2024).

Por isso, para Santos (1996, p. 29) a técnica deve ser compreendida como “um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço”. Com esse argumento, fica clara a concordância de que a técnica é um dos principais pontos para a existência da vida, pois supre necessidades básicas. Considerar a técnica enquanto única é um erro. Santos (1994) dirá que existe um conjunto de técnicas e que é possível falar, sim, em anacronismo:

Técnicas agrícolas, industriais, comerciais, culturais, políticas, da difusão da informação, dos transportes, das comunicações, da distribuição etc.; técnicas que, aparentes ou não em uma paisagem, são, todavia, um dos dados explicativos do espaço. Tais técnicas não têm a mesma idade e desse modo se pode falar do anacronismo de algumas e do modernismo de outras, como, naturalmente, de situações intermediárias. Essas técnicas se efetivam em relações concretas, relações materiais ou não, que as presidem, o que nos conduz sem dificuldade à noção de modo de produção e de relações de produção (p. 57).

Essa exemplificação mostra o complexo do anacronismo das técnicas diante do uso do território no município aqui estudado. As transformações técnicas mundiais foram muitas, contudo sua incorporação nas escalas socioespacial e local é de forma única, entrando novas e permanecendo as antigas.

Com a proposta de periodização escrita por Santos (1996), a Geografia Histórica se debruça sobre novos momentos, sendo a técnica o ponto de partida para compreender as formas e as funções inerentes de cada especificidade. Pode-se dizer que as alterações técnicas remontam a um novo quadro histórico dentro do cotidiano da humanidade. As transformações, que são motivadas pela lógica capitalista de se ver o progresso, com o lucro, ditam o que se deve ou não seguir, perpassando pelos mais diversos usos do território, seja no campo ou na cidade.

2.2 Caracterização do período técnico

De acordo com Vasconcelos (2020), a discussão dos períodos vem sendo feita por Santos (1978; 1994; 1996; 2006) desde 1977, quando a noção de período técnico-científico é fundamentada já se relacionando com as questões temporais atuais. Para discutir essa

periodização feita por Santos (*Ibid*), é preciso entender que a influência da técnica, inicialmente, e posteriormente, de outros elementos de incorporação da escala global-local, como a informação e a ciência, impacta diretamente o uso do território pelos seus diversos agentes, desde empresas até pessoas.

Por mais que se tenha uma técnica no âmbito local propagada de forma mundial, a incorporação de escalas maiores consiste em ser subjetiva e objetiva pela seletividade do capitalismo, pois os seus sistemas de objetos e sistemas de ações são exclusivos de um tempo único, em que as ocorrências foram e são reflexos e condições da força sistêmica. De acordo com Silveira e Santos (2003), a divisão temporal facilita o processo de aprofundamento dentro da cotidianidade nas diversas escalas, pois as questões que integram esses movimentos perpassam por momentos sensíveis que necessitam de uma investigação mais aprofundada sobre determinados eventos.

Inicialmente, Santos (1985) faz uma elaboração dos períodos em meados de 1970, entretanto sua publicação efetiva se concretiza na década de 1980 do século passado. Cabe ressaltar que uma primeira periodização proposta por Santos foi dividida em cinco: o período do comércio em grande escala (a partir dos fins do século XV até mais ou menos 1620), o período manufatureiro (1620–1750), o período da Revolução Industrial (1750–1870), o período industrial (1870–1945) e o período tecnológico.

Para Santos (1985), as definições desses momentos históricos ultrapassam eventos/acometimentos que marcaram eras. No caso do primeiro período, é nítida a influência do mercantilismo para esse momento, ou seja, a comercialização de grande escala. O segundo está ligado às aplicações da manufatura no Mar do Norte e no Báltico. Portugal e Espanha perdem força no comércio nesses mares. Para o terceiro, é o impacto da Revolução Industrial que o ditará. Já o quarto é aquele momento de modificação dos usos dos territórios locais pela chegada de empresas estrangeiras. Por fim, o último (quinto) período, que consiste em ser descrito como o aplicável para aquele momento (1970), tem início após o fim da Segunda Guerra Mundial, sendo chamado de período técnico-científico.

Na final do século XX, a divisão temporal feita por Santos (1996) consiste em ser marcada apenas por três períodos, que são: o meio natural, o meio técnico e o meio técnico-científico-informacional. O meio natural (pré-técnico) tem características próprias; nele, não se encontra um enriquecimento das técnicas: elas são muito empobrecidas e vulneráveis. Já o meio técnico é formado pelo aprofundamento das ações humanas sobre a natureza. Assim, a dinamicidade entre os lugares começa a se intensificar para desenvolver a formação de conglomerados populacionais. As técnicas nesse processo consistem em contemplar as

necessidades desenvolvimentistas locais e mundiais.

O meio técnico, enfoque central deste tópico, é descrito por Santos (1996) como:

O período técnico vê a emergência do espaço mecanizado. Os objetos que formam o meio não são, apenas, objetos culturais; eles são culturais e técnicos, ao mesmo tempo. Quanto ao espaço, o componente material é crescentemente formado do "natural" e do "artificial". Mas o número e a qualidade de artefatos variam. As áreas, os espaços, as regiões, os países passam a se distinguir em função da extensão e da densidade da substituição, neles, dos objetos naturais e dos objetos culturais, por objetos técnicos (p.158).

Essa definição salienta que o período do meio técnico para sua compactação ao território usado ocorre com a necessidade de um espaço mecanizado. Outro fator importante é relacionado ao sistema de objetos, haja vista que ele não se restringe apenas aos fatores culturais, pois conta com uma unicidade técnica. As modificações dos momentos acontecem com a transformação daquilo que é natural em artificial, ou seja, tem-se uma substituição do que é objeto cultural e natural por objetos técnicos (Santos, 1996). Um exemplo disso, no caso do Brasil, consiste em aparecer com a invasão dos portugueses no processo de colonização.

Santos e Silveira (2003) discorreram sobre o aprofundamento técnico no território brasileiro, que, para eles, deu-se de forma incompleta, concentrando-se apenas em determinadas manchas e pontos formando o arquipélago. Na história nacional, as mecanizações das cidades das jazidas auríferas obtinham uma técnica mais aprimorada se em comparação ao país como um todo, haja vista que o interesse econômico difundia de formas complexas o lidar com a natureza. O homem deixa esse lugar de controlado e passa a ter o controle. Pode-se dizer que a natureza natural, quando artificializada, detentora de tecnificação, configura meio técnico.

A artificialização dessa natureza natural colocará as partes do globo em uma lógica cada vez mais mecanizada de forma progressiva e natural. Santos (1996) vai dizer que:

Os objetos técnicos, maquínicos, juntam à razão natural sua própria razão, uma lógica instrumental que desafia as lógicas naturais, criando, nos lugares atingidos, mistos ou híbridos conflitivos. Os objetos técnicos e o espaço maquinizado são locus de ações "superiores", graças à sua superposição triunfante às forças naturais. Tais ações são, também, consideradas superiores pela crença de que ao homem atribuem novos poderes - o maior dos quais é a prerrogativa de enfrentar a Natureza, natural ou já socializada, vinda do período anterior, com instrumentos que já não são prolongamento do seu corpo, mas que representam prolongamentos do território, verdadeiras próteses. Utilizando novos materiais e transgredindo a distância, o homem começa a fabricar um tempo novo, no trabalho, no intercâmbio, no lar. Os tempos sociais tendem a se superpor e contrapor aos tempos naturais (p. 158).

Santos e Silveira (2003) abarcam que o meio técnico se propaga quando o homem impõe sua lógica na natureza, deixando o controle sobre as suas ações de lado.

[...] O período técnico testemunha a emergência do espaço mecanizado. São as lógicas do e os tempos humanos impondo-se à natureza, situações em que as possibilidades técnicas presentes denotam os conflitos resultantes da emergência de sucessivos meios geográficos, todos incompletamente realizados, todos incompletamente difundidos (p. 31).

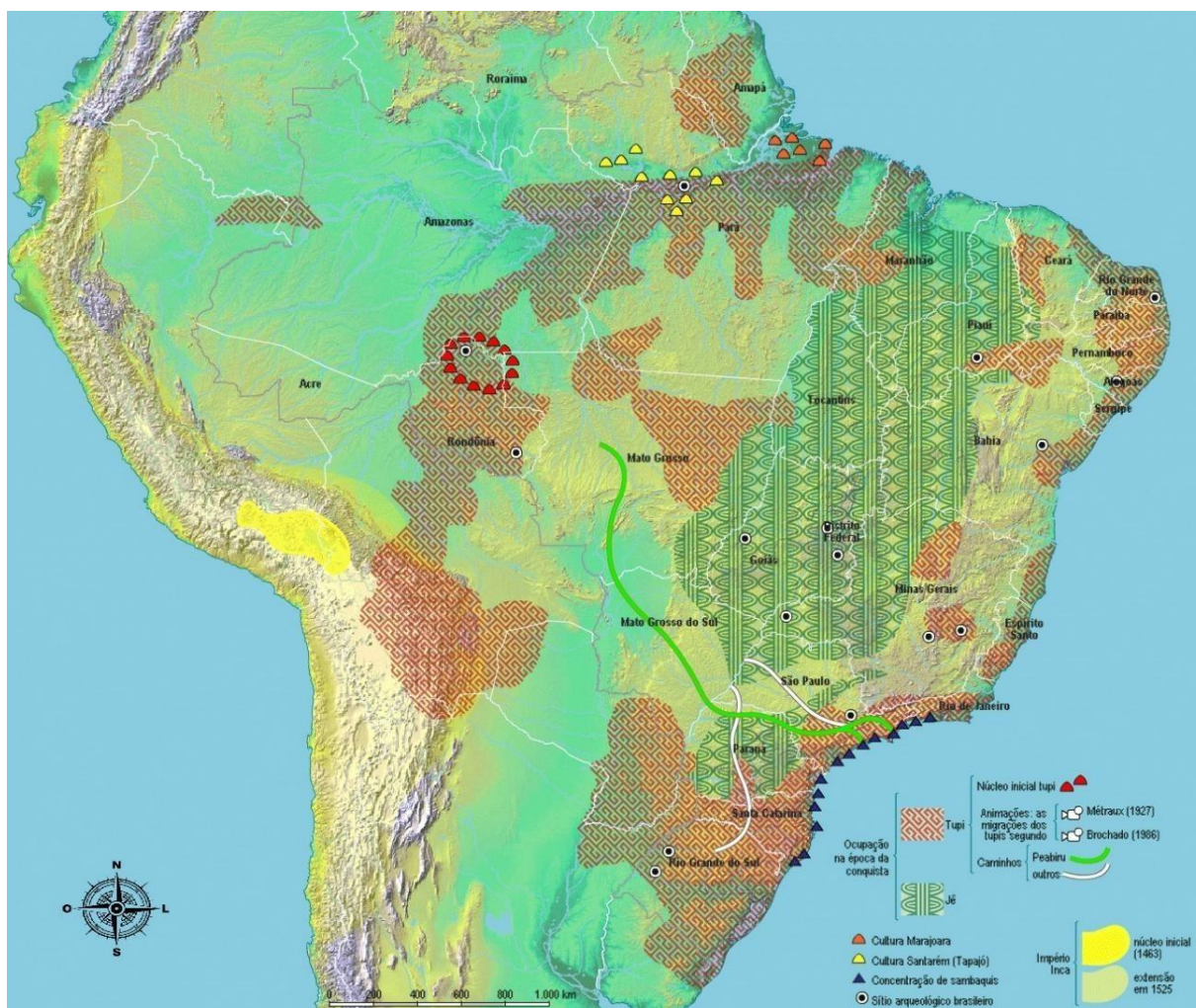
Como é descrito acima, a compactação do meio técnico consiste em se dar de forma incompleta no território, ou seja, em um mesmo recorte espacial pode-se ter, ainda nesse período, a presença do meio natural. Operacionalizando para o Brasil, os seus acontecimentos remontam a uma perspectiva de que a tecnificação de suas partes ocorreu de forma incompleta e em momentos distintos, tendo lugares com uma maior presença da técnica e outros com a falta dela (Santos, 1996).

2.3 A formação socioespacial brasileira

A história do Brasil, que, muitas vezes, foi contada nos mais diversos espaços de socialização, consiste em dizer que é a partir do século XVI, com a chegada de Portugal em seu litoral, que se inicia o processo histórico nacional (Fausto, 2001). Entretanto, a ciência demonstra que não é bem assim que as coisas aconteceram, pois esse evento marca um movimento colonialista sobre o uso do território da formação socioespacial brasileira (Keating; Maranhão, 2008).

Na América, existiam algumas comunidades originárias, conforme demonstra a figura 2, dentre elas os incas, os tupis, a jê e demais. Em 1500, no processo de invasão dos portugueses, habitavam a faixa litorânea de três a cinco milhões de indígenas.

Figura 2 - Mapa das comunidades existentes no Brasil antes da invasão.



Fonte: FGV. Adaptado pelo Autor (2024).

A chegada de Portugal marcou para o Brasil um momento sensível de sua história, tendo em vista as transformações impostas que ocorreram pela tal instauração. Esse processo envolveu disputas políticas internas entre duas grandes monarquias europeias com a tentativa de se chegar às Índias para cravar rotas comerciais internacionais (Fausto, 2001). Aconteceram em território colonial, imperial e republicano ações políticas importantes no meio técnico, sobretudo para que ocorresse a transição do meio natural para o meio técnico.

Economicamente, Arroyo (2001) afirma que a colonização mercantil promoveu uma acumulação primitiva nas monarquias europeias. No Brasil, entre 1500 e 1535, a extração de pau-brasil constituiu a principal atividade econômica. Em outros momentos de sua história, o território passou a incorporar diversas atividades e usos, como a produção de cana-de-açúcar, algodão e borracha, a exploração de ouro, o cultivo de café e, posteriormente, a industrialização.

A história política e econômica também caminhou de forma conjunta com os sistemas de transportes no Brasil que transiciona, em momentos específicos, de um modelo de poucas técnicas e de um tempo lento para um modelo de técnicas cada vez mais aprimoradas e enriquecidas. Entendeu-se que será a partir dessa relação, com a tecnificação do uso do território, que ocorrerá a transição de um período para o outro.

2.3.1 Eventos políticos

Dentro do quadro histórico da formação socioespacial brasileira, com a invasão dos portugueses e a prática colonialista que aqui foi imposta, o desenho de sua história caminhou para complexos momentos políticos. Prado Júnior (2004) diz que o interesse econômico europeu na Índia desencadeou a invasão das monarquias nos continentes Africano e Americano. Esse momento crucial inaugurou uma nova fase na técnica global e no contexto colonial do mundo.

Datam que o início da expansão marítima por Portugal lança o pioneirismo expansionista no começo do século XV. Esse fato, de ser o primeiro, demonstra uma apropriação dos sistemas técnicos que estavam presentes no território usado pelos seus agentes econômicos e políticos, como na sua autonomia política, no acordo comercial com o Mediterrâneo e no avanço das formas de trocas pela utilização da moeda (Fausto, 2001).

Para Fausto (2001), esse caminhar das relações com o mundo, e internamente, por ser um unificado, coloca o reino português em uma posição favorecida quando em comparação com o devastamento ocorrido em alguns países da Europa, dentre eles a Inglaterra, a França, a Itália e a Espanha.

Mas há outros fatores da história política portuguesa tão ou mais importantes do que os já citados. Portugal não escapou à crise geral do ocidente da Europa. Entretanto, enfrentou-a em condições políticas melhores do que as de outros reinos. Durante todo o século XV, Portugal foi um reino unificado e menos sujeito a convulsões e disputas, constatando nesse sentido com a França, a Inglaterra, a Espanha e a Itália, todas envolvidas em guerras e complicações dinásticas (p. 10).

Com essas características políticas favoráveis pela época, Portugal avança com o processo de expansão marítima, e, no Brasil, houve a presença de alguns exploradores que percorreram por grande parte de seu litoral leste, dentre eles Pedro Álvares Cabral, Fernão de Noronha, Bartolomeu Marchioni, Sebastião Caboto e demais, como se observa no quadro 1.

Quadro 1 - Primeiros tempos de expedição e exploração do Brasil.

Localização	Navegador ou Navegadores	Ano
Ponta do Mucuri	Alonso Hojeda e Américo Vespúcio	1499
Monte Pascoal	Pedro Álvares Cabral	1500
Cabo São Roque	Fernão de Noronha e Américo Vespúcio	1501-1502
Cabo Frio	Gonçalo Coelho e Américo Vespúcio	1503
Santa Catarina	Palmier de Gonneville	1504
Cabo São Roque	Juan de Solís	1508
Pernambuco	Fernão de Noronha e Bartolomeu Marchioni	1511
São Vicente	João Ramalho	1512
Pernambuco	Cristóvão Jaques	1516
Rio de Janeiro	Fernão de Magalhães	1519
Pernambuco	Sebastião Caboto	1525
Rio de Janeiro	Jean Permentier	1525
São Vicente	Martim Afonso de Souza	1532

Fonte: Keating e Maranhão (2008). Organizado por: autor, 2024.

A vinda dos viajantes demonstrou um intenso processo de colonização nas terras de Vera Cruz, que entrou em vigor, conforme apontado por Keating e Maranhão (2008), no final do século XV e início do século XVI. Anjos (2012) ressalta que os europeus consideravam os trópicos como um mundo sem fronteiras estabelecidas, o que resultou em incorporações e imposições na região. Com isso, a formação socioespacial brasileira foi impulsionada pela busca de relações comerciais da colônia portuguesa com as estruturas socioespaciais presentes na região onde hoje está situada a Ásia. Esse movimento de exploração marca o início da entrada de Portugal e o início do processo de colonização da formação socioespacial brasileira (Prado Júnior, 2004; Porto, 2014; Fausto, 2001).

De início, esse formato de organização da colônia se deu com o sistema de feitorias, prática muito presente na costa africana. Posteriormente, desenvolveram-se as capitânias hereditárias, que demonstraram serem um sistema necessário para que Portugal conseguisse manter sua posse sobre o Brasil, haja vista que a França não reconhecia o Tratado de Tordesilhas (Fausto, 2001).

Esse acordo de divisão das descobertas do então “Novo Mundo” definiu que:

O mundo foi dividido em dois hemisférios, separados por uma linha imaginariamente passava de 370 léguas a oeste das Ilhas de Cabo Verde. As terras descobertas a Oeste da linha pertenceriam à Espanha; as que se situavam a leste da linha caberiam a Portugal (Fausto, 2001, p. 17).

O Tratado de Tordesilhas desenhou uma divisão das terras recém-descobertas entre duas grandes monarquias da época, Espanha e Portugal. Já a aplicabilidade do acordo era precária pela falta da técnica de localização longitudinal, que foi desenvolvida com precisão pelos holandeses no final do século XVII, reconhecendo a partir da foz do Amazônia, no Norte, e da do Rio da Prata, no Sul.

Para Fausto (2001), a maior ameaça para Portugal não era a Espanha, e sim a França, tendo em vista o seu não reconhecimento da partilha mundial sustentada no princípio de *uti possidetis*, que se baseia na questão de que é possuidor de um local quem o ocupa. Esse não reconhecimento desencadeou uma série de disputas por terras na América. Os primeiros anos de posse sobre o Brasil foi de abandono e desinteresse por parte da monarquia portuguesa (Keating; Maranhão, 2008).

Em um primeiro momento, instaurou-se um modelo político-administrativo baseado na concessão não hereditária de terras, em que a navegação trazida por Martim Afonso de Sousa adveio com alguns povoadores, estabelecendo ao Brasil um novo período (1530–1533). Será ainda com o explorador aqui que o rei D. João III estabelecerá a criação das capitâneas hereditárias, o que dividiu a Colônia em 15 quinhões, sendo entregues aos capitães donatários, que foram: Maranhão (lote 1), Maranhão (lote 2), Ceará, Rio Grande, Itamaracá, Pernambuco, Baía de Todos os Santos, Ilhéus, Porto Seguro, Espírito Santo, São Tomé, São Vicente, Santo Amaro e Santana (Fausto, 2001; Costa; Scarlato, 2009).

Como se observa na figura 4, que mostra as capitânicas existentes no Brasil em 1763 (Rio Negro, Grão-Pará, Goiás, Ceará, Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Pernambuco e outras), a área total do Brasil entre 1530 e 1763 sofreu alterações significativas, considerando um conjunto de fatores — alguns deles já mencionados anteriormente — que corroboraram para esse desenvolvimento. Outros eventos ocorridos em séculos posteriores reconfiguraram o dinamismo das decisões políticas no Brasil, como as guerras pelo controle territorial, entre elas a dos Emboabas; as políticas implementadas para o controle da exploração econômica; as invasões promovidas pela França; a escravidão; a transferência da capital da colônia de Salvador para o Rio de Janeiro; as revoltas coloniais (nos séculos XVII, XVIII e XIX); a vinda da família real e da corte em 1808; a elevação do Brasil a reino unido em 1815; a Independência do Brasil em 1822; o Primeiro e o Segundo Reinados; a Constituição de 1824; o Período Regencial e suas revoltas; as leis abolicionistas (no século XIX); a Proclamação da República em 1889; a República Oligárquica; o governo varguista em 1930; o programa "50 anos em 5" de Juscelino Kubitschek; e o processo de integração nacional (Prado Júnior, 1994; Fausto, 2001; Santos; Silveira, 2003; Keating; Maranhão, 2008; Schwarcz; Starling, 2018).

A questão política reiterada acima transformou as relações de controle entre a totalidade da colônia e o Brasil, bem como a relação da política brasileira com suas partes constituintes. Os eventos políticos e econômicos — estes últimos serão abordado no próximo tópico — contribuíram para a concentração de técnicas em determinadas localidades.

2.3.2 Economia

Economicamente, o Brasil passou por alguns momentos de desenvolvimento de determinados eventos, como no caso da cana-de-açúcar, do ouro, do café, da industrialização e de demais fontes econômicas. Inicialmente, houve a evolução econômica partindo da exploração do pau-brasil, por mais que o intuito fosse o de descobrir o caminho para as Índias, e não a exploração dessa matéria, como afirma Prado Junior (1978):

Descoberto assim o território que haveria de se constituir o Brasil, não se tardou muito em procurar aproveitá-lo. As perspectivas não eram brilhantes. O famoso Américo Vespúcio, que viajou como piloto alternadamente com espanhóis e portugueses, e que nos deu com suas cartas a primeira descrição do novo mundo, escreverá a respeito: "Pode-se dizer que não encontramos nada de proveito". E devia ser assim para aqueles navegantes-mercadores que se tinham lançado em ariscas empresas marítimas unicamente na esperança de trazerem para o comércio europeu as preciosas mercadorias do Oriente. Que interesse tinha para eles uma terra parcamente habitada por tribos nômades ainda na idade da pedra, e que nada de útil poderiam oferecer? Assim mesmo, contudo, o espírito prendedor daqueles aventureiros conseguiu encontrar algo que poderia satisfazer suas ambições.

Espalhada por largar parte da costa brasileira, e com relativa densidade, observou-se uma espécie vegetal semelhante a outra já conhecida no Oriente, e de que se extraiu uma matéria corante empregada na tinturaria. Tratava-se do pau-brasil, mais tarde batizado cientificamente com o nome de *Caesalpinia echinata*. Os primeiros contatos que hoje constitui o Brasil, devem-se aquela madeira que se perpetuaria no nome do país (p. 24).

O processo descrito pelo autor marca a formação inicial do Brasil, que teve sua questão econômica vinculada ao pau-brasil nos primeiros anos de colonização, e como esse recurso econômico entra em decadência depois de algumas décadas, desenvolvendo um novo momento a partir da cana-de-açúcar. As transformações ocorridas na economia desse momento denotam a força da técnica na variável política, transformando e desenvolvendo a formação socioespacial brasileira.

Moreira (2020) salienta que a constituição da formação espacial brasileira é o conjunto de dois vetores que serão instituídos no período colonial, dentre eles: o bandeirantismo e a expansão do gado (interiorizar o Brasil) e as catequeses jesuíticas (litoralizar a ocupação territorial).

A origem da formação espacial brasileira é ação combinada de três vetores territoriais instituídos pelo processo colonial: o bandeirantismo, a catequese jesuítica e a expansão do gado. Caminhando em sentidos contrários, o bandeirantismo e a expansão do gado vão interiorizar e a catequese jesuítica litoralizar a ocupação territorial de uma espacialidade de um número incalculável de aldeamentos indígenas, o cruzamento desses vetores consolidando no século XVIII o essencial da matriz da formação espacial que hoje conhecemos (p. 31 e 32).

Na conjuntura desses dois vetores de formação colonial, observou-se a presença da técnica de transporte, de comércio e de políticas de desenvolvimento, a qual será demandada para a compactação de uma rede seletiva de relação no Brasil com sua técnica, haja vista que a evolução é permanente; assim, falou-se em um arquipélago de mecanização incompleta.

A constituição econômica se atrelou com o desenvolvimento da técnica, pois ambos estão relacionados de forma dialética, haja vista que, na formação socioespacial brasileira, desenvolveram-se cidades vinculadas ao dinamismo da economia. O desenvolvimento de um dado cultivo configura presença de mecanização, sendo assim, está ali presente o período do meio técnico, com a pré-mecanização do período colonial, e/ou a verdadeira integração nacional acontecida no início do século XX e na década de 1940 (Santos; Silveira, 2003). Dessa forma, o processo de expansão do período do meio técnico irá acompanhar o progresso econômico de forma seletiva; por exemplo, o processo de compactação do meio técnico ocorre com períodos de tempos e em escalas diferentes escalarmente; sendo assim, acontece no Brasil, em Minas Gerais, no Sul de Minas e em Pouso Alegre em momentos distintos.

2.3.3 Configuração técnica vigente

Com o caminhar político e econômico, ocorreu o desenvolvimento dos sistemas técnicos sobre o território nacional, que está representado no uso do território da humanidade dentro da formação socioespacial brasileira. No quadro histórico, houve momentos seletivos que giravam em detrimento da progressão econômica para o desenvolvimento do meio técnico.

O primeiro deles ocorre na parte litoral da colônia, com a exploração de pau-brasil e da cana-de-açúcar e o desenvolvimento do evento do ouro, como já citado. Posteriormente a isso, a concentração passou a ser ditada pela mundialização da produção do café em alguns estados, como São Paulo e Minas Gerais, e, por fim, chegou-se à era da industrialização para o território nacional (Santos; Silveira, 2003).

Esses eventos moldaram a concentração da técnica no território nacional. Os desenvolvimentos dos sistemas técnicos do território nacional demonstraram que ocorreu a concentração conforme o quadro econômico nacional. Contel (2003), a partir do sistema aquaviário e do sistema de cabotagem¹, considerou que o território nacional esteve no período do meio natural de 1500 até 1870; já no período do meio técnico, de 1870 a 1950, e, por último, no meio técnico-científico-informacional, de 1950 até a atualidade.

O sistema de movimento aquaviário, fundamental na era pré-técnica do território brasileiro (1500-1870), é composto basicamente por três subsistemas: a navegação interior (ou hidrovia), a navegação de cabotagem e a navegação de longo curso (ou marítima). Esse sistema de movimento tem como características principais: do ponto de vista econômico, o baixo custo relativo de transportes e a grande capacidade de carga; do ponto de vista topológico, possui grande rigidez, pois depende da existência das “hidrovias” para circular; do ponto de vista temporal, também apresenta desvantagens com relação a todos os outros sistemas de movimento, pois não autoriza velocidades altas em seus deslocamentos.

Com relação aos subsistemas de movimento e cabotagem, que até o período do meio técnico do território brasileiro (1870-1950) cumpria também a função essencial de transporte “longitudinal” de passageiros (já que a urbanização brasileira era essencialmente litorânea nessa época), a cabotagem vem conhecendo, desde a década de 1950, outros tipos de atribuições. É o caso do transporte do petróleo (e seus derivados) e de certos tipos de alimentos (p. 358 e 359).

A aplicabilidade dos períodos para compreender os sistemas de cabotagem e os sistemas aquaviários foi realizada de forma robusta pelo autor que realizou a recomposição dos sistemas de movimento do território brasileiro. O dimensionamento do período do meio técnico nas mais diversas escalas apresenta desafio, dado que sua propagação não ocorreu de

¹ A cabotagem é o transporte de cargas de um porto para o outro dentro de um país (ABAC).

forma linear pela seletividade desse acúmulo de riquezas primitivo dentro da colônia (Santos; Silveira, 2003; Prado Junior, 2004; Moraes, 2011; Moreira, 2020). Dentro disso, ocorre, também para a aplicabilidade desses momentos no âmbito local, as formas e seus conteúdos, que estão nesse sistema que segrega; portanto, têm uma relação direta com as instâncias econômicas e políticas do Brasil.

Com isso, as transformações ocorridas no Brasil na era colonial, pré-mecanizada, ganha lugares em que a Coroa portuguesa se interessava por questões políticas ou econômicas. Esse movimento de seletividade consistiu em ser parte de um todo que é histórico, pois, como pontua Straforini (2007) sobre a circulação do período da mineração, este pode ser dividido em três subperíodos: i) ocupação do território, ii) normatização do território, iii) consolidação da interiorização da metrópole.

A condição técnica do período do meio técnico passará por constantes transformações, tendo em vista a evolução do modo de se viver global. No período colonial, Santos e Silveira (2003) dirão que, no uso do território nacional, há a presença da pré-mecanização; será com a conjuntura dos momentos que virá, a partir disso, a mecanização, com sistemas técnicos robustos.

2.4 Minas Gerais e a mesorregião do Sul de Minas

Com os eventos históricos que circundam a formação socioespacial brasileira, o Estado de Minas Gerais e o Sul de Minas enquanto parte desse todo constituíram seu processo construtivo de forma relacionada no período do meio técnico. Dito isso, a discussão aqui estruturada se guiou a partir das configurações políticas, da economia e das técnicas vigentes.

2.4.1 Eventos políticos

Na formação da capitania de Minas, é essencial destacar como eventos de escala mundial influenciaram a chegada da metrópole portuguesa. Enquanto a Espanha, com sua colônia no "Novo Mundo", descobriu jazidas prósperas, tornando-se a monarquia mais influente da Europa no século XVII, Portugal enfrentou dificuldades para prosperar. A falência de quase todas as suas capitanias devido a conflitos internos fragilizou o país.

Portugal colonizou áreas específicas visando diversificar suas atividades econômicas, já que a exploração de regiões auríferas era a principal fonte de riqueza (Fausto, 2001). Considerando todos esses aspectos, conclui-se que esses eventos foram determinantes para a

colonização portuguesa do território mineiro. As condições globais e os impactos socioespaciais impulsionaram a chegada dos bandeirantes à província. O processo de formação de Minas Gerais teve como um dos seus eventos a descoberta das minas de ouro na região, o que marcou o advento da concentração técnica na capitania (Almeida, 2005; Carvalho, 2015; Costa; Matos, 2020; Leal, 2022).

Segundo Leal (2022), o estabelecimento do ouro trouxe alguns conflitos provinciais para a colônia portuguesa em detrimento da exploração:

A intensificação da extração do ouro e o encontro de diamantes promoveu uma série de consequências para o território recém-formado. Os conflitos territoriais foram as primeiras consequências do encontro das jazidas, pois os representantes das capitanias da Bahia, São Paulo e Goiás passaram a reivindicar as terras auríferas (p. 65).

A descoberta dessas jazidas de ouro marcou o início da Guerra dos Emboabas. Esse conflito eclodiu devido à intensa exploração do ouro pelas capitanias ou capitania, resultando na migração em massa de milhares de pessoas de diferentes países e regiões em busca dessa pedra preciosa. Em 1709, foi criada a capitania de São Paulo e de Minas de Ouro; em 1720, a capitania de Minas Gerais é desmembrada da capitania de São Paulo (Estado de Minas Gerais).

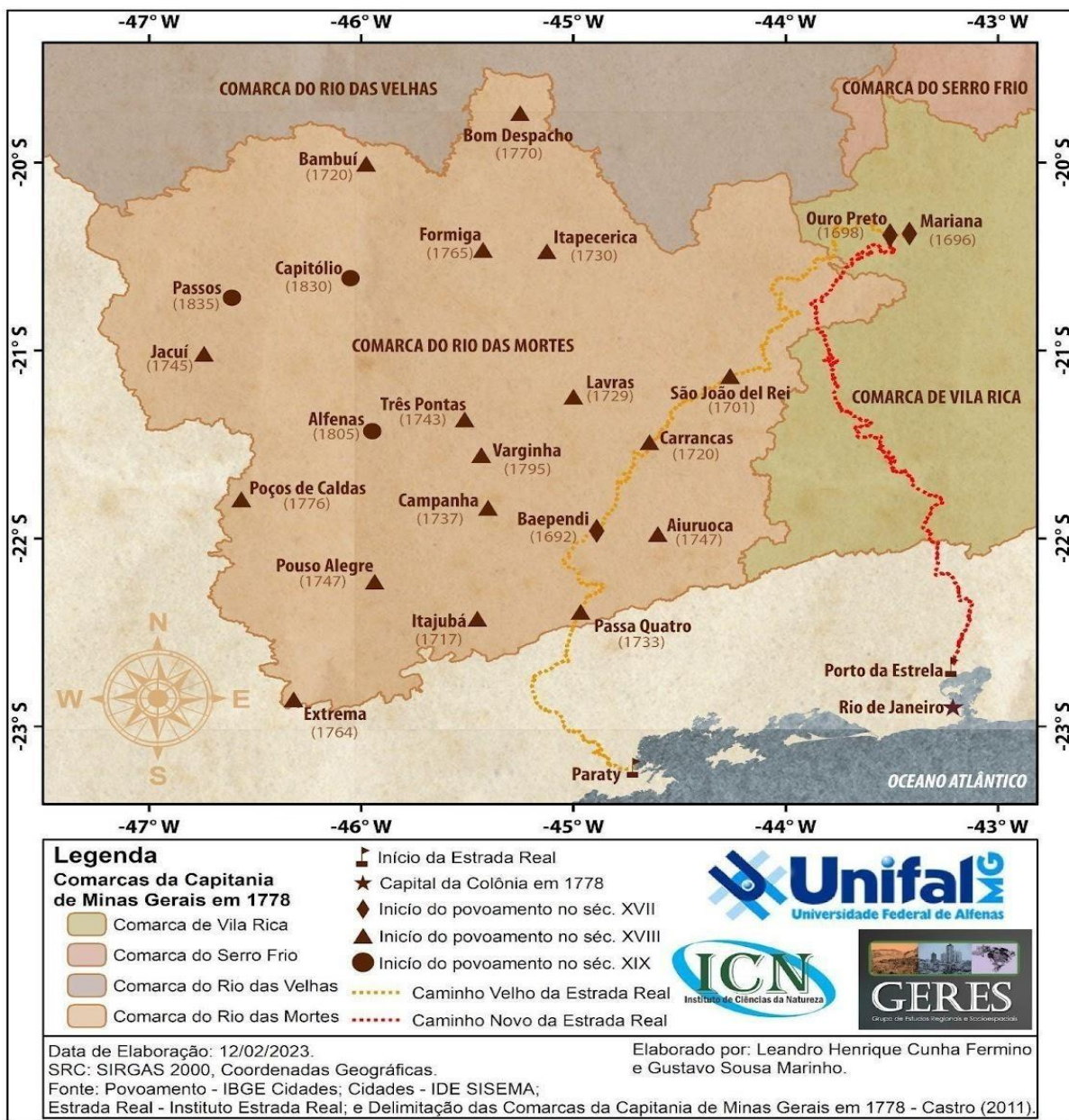
O rápido crescimento populacional da Província de Minas decorreu da intensa exploração aurífera, gerando problemas na distribuição de produtos e mercadoria. Para lidar com essas questões, medidas urgentes foram tomadas, como a implementação de ordenamentos, divisão de trabalho e a resolução do problema de abastecimento por meio da organização de um mercado regular de gêneros alimentícios (Costa; Scarlato, 2009).

Na época, as capitanias tinham uma estrutura política e administrativa distinta da configuração atual do Brasil, compreendendo a colônia portuguesa, capitanias, cidades, vilas, arraiais, freguesias, paróquias, capelas e fazendas. Essa divisão da capitania é crucial para compreender a formação da Comarca do Rio das Mortes e o desenvolvimento territorial de Pouso Alegre, processos que serão discutidos detalhadamente no próximo tópico. Minas Gerais compreendia nesse momento quatro comarcas: Vila Rica, Rio das Mortes, Serro Frio e Sabará (Rio das Velhas). Para Castro (2011), essa divisão resultou da penetração dos paulistas no sertão de Casa da Casca em 1693, marcando a criação das primeiras povoações na capitania e demandando uma organização eclesiástica e administrativa.

A Comarca do Rio das Mortes, com os acontecimentos provindos da colonização da capitania, para Davi e Porto (2021), desenvolveu-se a partir de eventos econômicos e políticos, como o interesse em encontrar jazidas de pedras preciosas. Com a presença dos colonizadores,

nessa parte se inicia o período de povoamento de alguns pequenos povoados no século XVIII, como Aiuruoca (1706), Campanha (1737) e Baependi (1746), conforme demonstra a figura 5.

Figura 5 - Povoamento na Comarca do Rio das Mortes (MG) nos séculos XVII, XVIII e XIX.



Fonte: Marinho e Autor (2023).

Outros pequenos povoados foram construídos na Comarca do Rio das Mortes, dentre eles Itajubá (1717), Três Pontas (1743), Jacuí (1745), Pousos Alegre (1747), Extrema (1764), Alfenas (1805) e Passos (1835). Conforme demonstra a figura 5, o desenvolvimento inicial acompanhou a construção da estrada real na região, pegando de Vila Rica até Paraty; posteriormente, foi construído um novo caminho para escoar o ouro para o Porto da Estrela,

na capital da colônia.

A formação de Minas Gerais está vinculada aos momentos ocorridos no Brasil, pois determinadas configurações territoriais políticas respingarão no uso do território local, como a passagem da capital da colônia de Salvador para o Rio de Janeiro em 1778, as revoltas coloniais (nos séculos XVII, XVIII e XIX), dentre elas a Inconfidência Mineira², a vinda da família real e da corte, a Independência do Brasil, o Primeiro Reinado e o Segundo Reinado, as leis abolicionistas, a Proclamação da República, a república oligárquica e a integração nacional idealizada pelo governo varguista.

2.4.2 Economia

O desenvolvimento da economia mineira se consolida com a exploração de jazidas auríferas, que ocasionou um intenso processo de povoamento em determinadas regiões do estado, contendo, também, a produção de açúcar, fumo e algodão; contudo, com a falência do ouro, ocorreu, no século XIX, a transformação para um novo momento de exportação, a partir da produção de café, desencadeando o desenvolvimento de pequenas indústrias dos ramos alimentício, têxtil e siderúrgico (Estado de Minas Gerais).

A transição do café enquanto principal fonte econômica da unidade federativa aconteceu a partir da década de 1930 do século XX, gradualmente, para a instauração da produção siderúrgica — e com o aproveitamento dos recursos minerais. Em 1950, com o processo da substituição das importações, a indústria terá um aumento significativo.

O predomínio da cafeicultura se alterou, gradualmente, a partir da década de 1930, com a afirmação da natural tendência do Estado para a produção siderúrgica e com o crescente aproveitamento dos recursos minerais. Ainda na década de 1950, no processo de substituição de importações, a indústria ampliou consideravelmente sua participação na economia brasileira (Estado de Minas Gerais).

Esse processo refletiu também sobre a Comarca do Rio das Mortes, que passou por alguns momentos, iniciando com o ouro, posteriormente passando para o desenvolvimento da agricultura, da exportação de reses (carne bovina), de porcos e de fumo, *a priori* para a subsistência.

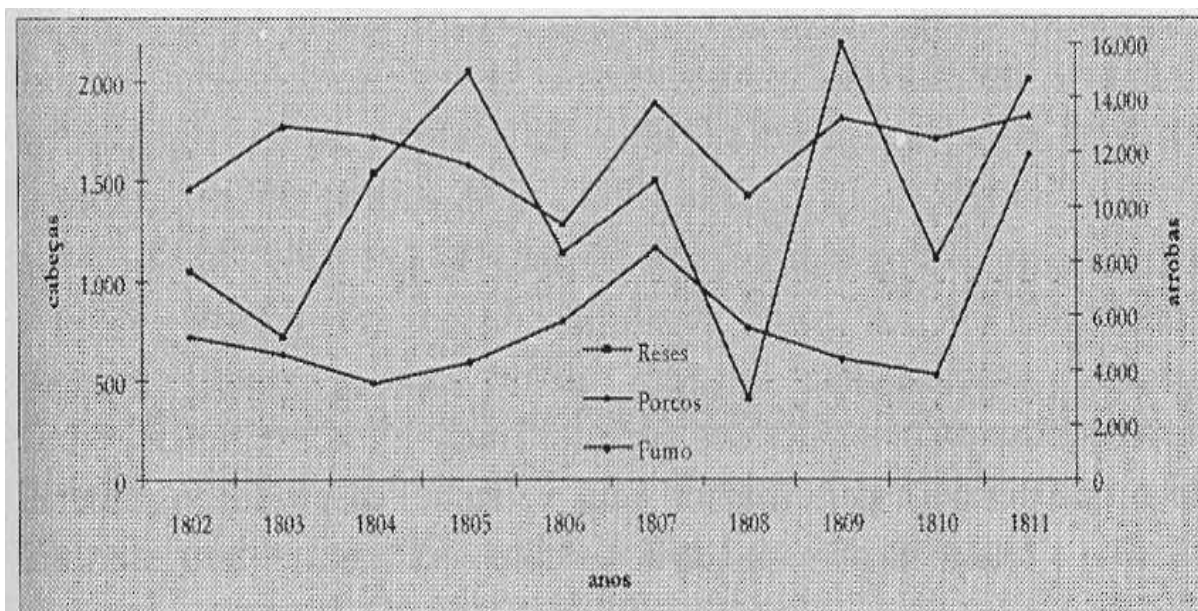
A economia de subsistência no Sul de Minas Gerais voltada para o abastecimento interno tinha características específicas, com grandes propriedades escravistas. Sua origem está no abastecimento de Minas Gerais, no século XVIII. No século XIX,

² “O movimento que inspirou a bandeira de Minas Gerais, símbolo maior do estado, surgiu com a intenção de romper as relações entre a colônia e a metrópole. O movimento reuniu proprietários rurais, intelectuais, clérigos e militares, numa conspiração que pretendia eliminar a dominação portuguesa e criar um país livre no Brasil, em 1789” (Estado de Minas Gerais).

houve apenas um direcionamento do excedente de sua produção para o mercado do Rio de Janeiro (Marson, 2017, p. 156)

O processo de constituição da economia da Comarca do Rio das Mortes no século XVIII era para a subsistência; só no século XIX é que houve o abastecimento para o mercado no Rio de Janeiro. Entre 1802 e 1811, essa região se destacou na produção de porcos, fumo e reses, como é demonstrado pela figura 6.

Figura 6 - A exportação de mercadorias pela Comarca de Rio das Mortes no período entre 1802 e 1811.



Fonte: Arquivo Nacional, Coleção Casa dos Contos de Ouro Preto, vol. 1433.

Nesse contexto, Vale (2024) pontua que o perfil econômico do Sul de Minas no século XIX era de:

O perfil produtivo da região sul-mineira se alicerçava na produção agrícola de alimentação (milho e feijão) e na atividade pecuária (porcos, bois, carneiros), como também de seus derivados (toucinho e queijo). Juntamente com a produção de fumo, compunham os itens principais de exportação neste período, mantendo-se mesmo com maior escala no século XIX (p. 17).

A evolução econômica da comarca no período pesquisado se atrelou também a esses fatores, tendo em vista que o café foi a principal fonte de recurso dessa região e de Minas Gerais no século XIX. Entretanto, na época imperial foi a Zona da Mata a principal produtora de café; o Sul de Minas passou a ter uma incorporação de exportação a partir da Proclamação da República. O processo protoindustrialização de Minas Gerais foi sendo construído desde o

final do século XVIII e ao longo do século XIX. No caso do Sul de Minas, em 1907 ele foi a quarta região com a maior presença, passando a ocupar, em 1920, o terceiro lugar dentro do estado (Marson, 2017).

2.4.3 Configuração técnica vigente

Com a evolução do ouro, ocorreu em Minas Gerais a concentração técnica em determinados povoados, dentre eles Vila Rica (capital da capitania), que obteve a concentração dos recursos exploratórios para retirar esse recurso. Entretanto, a partir do final do século XVIII e início do século XIX, com a falência da exploração do ouro no final do século XVIII, a economia que ali foi desenvolvida consistiu em ser de subsistência, para o consumo local (Furtado, 2000).

Nesta perspectiva, o desenvolvimento que aconteceu em Minas Gerais foi de forma fragmentada no uso do território pelos agentes políticos, econômicos e sociais. O processo de constituição da modernização técnica seguiu a seletividade da produtividade econômica.

A organização de Minas Gerais durante o seu processo de divisão regional considerou os aspectos técnicos e a concentração econômica no século XIX, conforme aponta Matos e Costa (2016):

Conforme exposto, é possível vislumbrar regiões em Minas Gerais para o século XIX tendo como premissa a predominância dos aspectos físicos sobre os humanos na definição de relações da sociedade com o território. Até então, a presença de condições fundamentais à manutenção dos assentamentos humanos e/ou a de fortes motivações econômicas (como metais e pedras preciosas) ainda eram fatores determinantes para a ocupação de certas porções do território. No mesmo sentido, eram as características naturais que definiam a escolha do traçado dos caminhos, que deveriam beneficiar o transporte a pé ou tracionado por animais, tendo em conta inclusive a impossibilidade tecnológica e financeira de construção de complexas obras de engenharia – tais como pontes e túneis – para transposição de obstáculos naturais. Diferentemente do século XXI, no século XIX era necessário que a maioria dos municípios fosse autossuficiente, pois seria impossível solucionar problemas logísticos de abastecimento em curto prazo, sobretudo em um contexto de escassez de riquezas (p. 132).

No século XIX, os aspectos naturais é que ditaram a configuração do transporte a pé ou realizado por animais. Essa configuração foi modificada com a evolução ocasionada pela chegada da ferrovia, que marcou o adentramento no período do meio técnico mecanizado, com a política de integração nacional e com o processo de industrialização. Já no Sul de Minas, Saes, Martins e Gambi (2016) dizem que a modernização ocorreu no final do século XIX e no início do século XX, por mais que a compactação do meio técnico tenha ocorrido

com a pré-mecanização do período colonial (Santos; Silveira, 2003).

Embora o café ainda não fosse o principal recurso econômico da região em 1870, é entre 1870 e 1918 que essa cultura ganha força, impulsionando um novo dinamismo no Sul de Minas (Castilho, 2011). No entanto, a instauração do período do meio técnico, em consonância com a formação socioespacial do Brasil e de Minas Gerais, remonta à invasão dos bandeirantes, à exploração das jazidas auríferas, à implementação dos meios de comunicação, à construção da ferrovia, ao processo de modernização dos núcleos urbanos (Saes; Martins; Gambi, 2016) e à chegada de determinadas indústrias.

2.5 O Município de Pouso Alegre

A partir do bandeirantismo no Brasil no final do século XVII, houve a colonização de algumas partes que até então eram desconhecidas pela Coroa portuguesa. Nessa expedição, o Município de Pouso Alegre se constituiu enquanto parte da colônia, tendo uma história relacionada com a formação socioespacial brasileira, de Minas Gerais e do Sul de Minas.

2.5.1 Eventos políticos

O território de Arraial do Bom Jesus de Matozinho do Mandu, hoje conhecido como Pouso Alegre, está situado próximo ao Município de Silvanópolis, correspondente a Santana do Sapucaí. Vale ressaltar que os rios Sapucaí e Grande foram as principais rotas exploradas pelos colonizadores (Carvalho, 2015). Os bandeirantes chegaram a Arraial do Bom Jesus de Matozinho do Mandu pelo Rio Mandu, afluente do Sapucaí, que é a principal via fluvial da unidade territorial.

O desenvolvimento territorial de Pouso Alegre, no início do século XVIII, foi influenciado pela exploração das áreas elevadas dos rios Verde e Sapucaí. Inicialmente, o município serviu como ponto de parada para os bandeirantes durante suas expedições colonizadoras ao longo do Rio Sapucaí. A chegada de João da Silva e sua instalação às margens do Rio Mandu marca o início do registro da formação territorial de Pouso Alegre, conforme consta na carta de sesmaria adquirida por Antônio de Araújo Lobato e Félix Francisco (Frejat, 1959). A luta pela elevação do pequeno povoado à condição de freguesia a partir de 1805 culminou na instituição de um novo nome: Freguesia do Senhor Bom Jesus dos Mártires do Pouso Alegre, em 1811.

Andrade e Vale (2013) destacam que a formação territorial de Pouso Alegre ocorreu devido à sua posição como

Uma região que acolhia muitos aventureiros desbravadores de terras no sul de Minas Gerais. Porém, a formação do povoado se deu apenas por volta de 1747, quando os primeiros habitantes ali se estabeleceram. Com o lento crescimento da população e o desenvolvimento do pequeno povoado pela significativa influência política do Senador imperial Cônego José Bento Ferreira de Melo, em 1831, elevou-se a categoria de Vila. Alguns anos mais tarde, em 1848, a vila foi elevada à categoria de cidade, pertencendo fortemente os traços do rural (p. 15).

A constatação feita pelos autores citados acima indica que, inicialmente, a unidade territorial serviu como acolhida para os aventureiros que exploravam terras na Comarca do Rio das Mortes no início do século XVIII. Sua elevação à condição de vila ocorreu em 1831, influenciada pela esfera política do Senador Imperial Cônego José Bento Ferreira de Melo, um personagem importante nesse avanço administrativo do então Arraial do Bom Jesus do Matosinho na região.

José Bento Ferreira de Melo, nascido em Campanha em 6 de janeiro de 1785, filho do Capitão José Joaquim Leite Ferreira e Dona Escolástica Brandina de Melo, mudou-se para São Paulo para estudar para a vida sacerdotal, tornando-se padre em 1809. Ele fixou residência na Freguesia do Senhor Bom Jesus dos Mártires de Pouso Alegre em 1811, onde foi designado vigário (Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais).

A evolução do nome da unidade territorial de Arraial do Bom Jesus de Matosinho de Mandu (Pouso Alegre) reflete diferentes momentos de sua história. Essas alterações na nomenclatura estão diretamente ligadas aos eventos políticos que influenciaram a Capitania de Minas Gerais e às mudanças econômicas que impactam sua estrutura administrativa. Portanto, a evolução do nome retrata a condição do processo de formação territorial.

O Instituto Histórico Geográfico de Minas Gerais indica que, quando José Bento se estabeleceu no pequeno povoado, este já havia sido elevado à condição de freguesia, colada à capela de Senhor Bom Jesus de Pouso Alegre (Corrêa, 2015). Esse avanço político-administrativo ocorreu em 1810, a pedido do Bispo Dom Mateus à Coroa portuguesa, que desmembrou o então arraial da Freguesia de Sant'ana do Sapucaí.

Esse evento demonstra que Pouso Alegre, pelos relatos de autores como Andrade (2014), Gouvêa (2015) e Corrêa (2015), pertencia à Freguesia de Sant'ana do Sapucaí, e, com a sua emancipação político-administrativa, passou a ter um vínculo direto com a Vila de Campanha da Princesa que, naquele momento, pela presença da economia, consistia em conter o interesse da Coroa portuguesa.

Naquele período, o Brasil tinha poucos povoados elevados ao *status* político-administrativo de vilas dentro da Capitania de Minas Gerais. Assim, a Comarca do Rio das Mortes contava com um número reduzido de vilas e freguesias (Carvalho, 2015; Leal, 2022). Considerando a localização geográfica de ambas, é evidente a sua pretensão, primeiro do pequeno povoado e, depois, da Freguesia do Senhor Bom Jesus dos Mártires de Pouso Alegre em relação à Vila Campanha da Princeza. O topônimo teve a sua emancipação política de freguesia para vila em 7 de maio de 1831, e de vila a cidade em 19 de outubro de 1848, através da Lei Provincial nº 443 (Beraldo, 2012). Em 1831, Pouso Alegre era uma centralidade para a rede urbana da época (Stefani, 2016).

Outros eventos políticos ganham força em Pouso Alegre, como o assassinato do Senador José Bento (1844), a posse do novo vigário Padre Feliciano José Teixeira (1854), a fundação de um colégio para meninos (1866), a participação de três filhos de Pouso Alegre na Guerra do Paraguai, a fundação do hospital (1874), a fundação da cadeia (1874), a mudança no leito do Rio Mandu (1885), a chegada da estação da Rede Mineira de Viação (1895), a fundação do Ginásio São José, de propriedade da diocese (1899), a emancipação política de Silvanópolis (1911), a fundação da Escola de Farmácia e Odontologia (1915), a emancipação de Borda da Mata (1923), a emancipação de Estiva (1948), a emancipação de Congonhal (1953), e demais ocorrências (Magazine, 1998; Andrade, 2014).

2.5.2 Economia

A economia do Município de Pouso Alegre dentro do período do meio técnico conta com características próprias, entretanto vincula-se à formação socioespacial brasileira, a Minas Gerais e à Comarca do Rio das Mortes. Vale (2024) diz que a cidade, com a abertura da estrada do Picú, principal fonte de escoamento para a capital e São Paulo, terá sua economia pautada no fumo, toucinho, gado vacum e gado suíno.

Para além da produção dos alimentos citados acima, a Prefeitura Municipal de Pouso Alegre retrata que:

As atividades econômicas se restringiam à agricultura de subsistência, destacando-se o cultivo e a fabricação do chá da Índia. A cidade contava ainda com algumas fábricas de aguardente, uma de velas e uma de chapéus. Apenas em 1895, com a chegada dos trilhos da Rede Sul-Mineira a Pouso Alegre, a cidade começou a dar os primeiros passos rumo ao desenvolvimento.

Inicialmente, as atividades econômicas do município se voltavam à própria

subsistência dos moradores e ao abastecimento local. O processo de constituição da economia local diverge de algumas cidades da então comarca que obtiveram seu crescimento a partir do café, como Varginha e Três Corações. De 1870 a 1920, a cidade constituiu um alto nível de produção de milho (35%), seguido por produção de cana-de-açúcar, café, arroz, mandioca, feijão e demais (Vale, 2018; 2024). Veiga (1874) relata em seu escrito a presença significativa ali de cana-de-açúcar.

Dessa maneira, *a priori*, o processo econômico local se vinculou à lógica do abastecimento local e à produção de subsistência, entretanto não é só isso, pois, no período entre 1870 e 1899, houve a presença de riquezas vinculadas ao dinheiro, aos bens móveis, à cultura, aos animais, aos escravizados, aos imóveis rurais, aos imóveis urbanos e às dívidas ativas.

Tabela 1 - Composição da riqueza do Município de Pouso Alegre, 1870-1899.

	1870-1879		1880-1889		1890-1899	
Ativos	Valor em réis	%	Valor em réis	%	Valor em réis	%
Dinheiro	31:115\$180	1,59	3:248\$800	0,30	78:415\$113	3,15
Bens Móveis	64:709\$920	3,30	32:086\$602	2,97	145:622\$097	5,84
Cultura	11:606\$700	0,59	7:373\$200	0,68	61:216\$000	2,46
Animais	110:216\$600	5,62	98:383\$354	9,11	194:262\$300	7,80
Escravos	459:220\$684	23,42	104:046\$000	9,64	-	-
Imóveis Rurais	528:557\$816	26,95	696:903\$427	64,56	1.451:771\$207	58,26
Imóveis Urbanos	47:361\$000	2,41	15:218\$000	1,41	151:272\$706	6,07
Dívidas Ativas	711:640\$748	36,29	122:277\$931	11,33	409:435\$483	16,43
Total	1.961:149\$078		1.079:537\$314		2.491:994\$906	

Fonte: Museu Tuany Toledo. Organizado por: Vale (2018).

Como se observa na tabela 1, o montante em dinheiro, bens móveis, cultura, animais, imóveis rurais e imóveis urbanos de 1890 a 1899 consistiu em ser maior nos anos anteriores (1870–1889) em Pouso Alegre. Na dívida ativa no período entre 1870 e 1879, o montante foi maior. De 1880 a 1899, os imóveis rurais demonstraram ser os que mais compunham a riqueza, correspondendo a mais de 50% do valor total.

As transformações econômicas locais do século XX contam com influência da economia nacional, uma vez que a crise de 1929 ocorrida no contexto global e a falência da República Velha reformularão os trilhos econômicos (Andrade, 2014). Pouso Alegre passou por importantes transformações no século XX, mas o seu contexto será de produção de abastecimento para as escalas local e regional (Vale; Saes; Carvalho, 2016). Nesse contexto,

Lopes (2023) diz que o Município de Pouso Alegre vivenciou diversificações econômicas, mantendo-se estagnado até a chegada da Rodovia Fernão Dias.

Até o início da década de 50 do século XX, a economia de Pouso Alegre era pouco diversificada e desenvolvida, e isto contribuía efetivamente para a expressiva saída de migrantes, que tinham como destinos especialmente as metrópoles, com destaque para São Paulo (p. 41).

Com isso, a instauração da BR-381 marcou um novo processo de desenvolvimento para Pouso Alegre, demonstrando — junto do conjunto de técnicas, da ciência e da informação — o seu adentramento em um novo período, que é o do meio técnico-científico-informacional.

2.5.3 Configuração técnica vigente

Assim, considerando essa análise histórica, é possível apontar que o período do meio técnico estava sendo construído a partir de uma tecnificação incompleta desde a instauração do primeiro colonizador em suas terras no ano de 1747, marcada pela pré-mecanização. A delimitação dos eventos políticos desse período demonstra uma influência determinista da natureza sobre o uso do território, no qual a migração se torna necessária e presente. A transição de arraial a freguesia e de vila a cidade não apresenta o início nem o fim do meio técnico, pois a estrutura urbana do Brasil nos séculos XII, XII e XIX apresentou um outro cunho.

No século XIX, houve a consolidação de eventos ocorridos no Brasil, como a vinda da corte para o Brasil, a elevação do Brasil à categoria de reino, a volta da corte a Portugal, sua independência, a configuração sistêmica de um império, a libertação da sua população escravizada, guerras provinciais importantes, como as que eram contra as suas modificações político-administrativas, e a sua transformação de império para república na finalização do século (Gomes, 2007; 2010). Entretanto, esses eventos que foram tracejados no parágrafo anterior não demonstram o adentramento da técnica em escala local, pois ela é um dos dados que explicam o espaço (Santos, 1996).

Em direção a este apontamento, as técnicas consistem em compor os diversos momentos no quadro histórico de uma determinada unidade territorial, e, para além dela, compõem as escalas regionais e provinciais. Dentro disso, Santos (1994, p. 29) pontua que “[...] as técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais realiza a sua

vida, produz, e, ao mesmo tempo, cria espaço. Essa forma de ver a técnica não é, todavia, completamente explorada”.

A técnica está presente no cotidiano e nas formas de vivenciar a vida, utilizando o território com as suas características subjetivas. Por mais que o capitalismo se configure nas formações nacionais de forma distinta, de acordo com o seu interesse, a incorporação técnica e capitalista vem alicerçada a este interesse. Os eventos que marcam as reconfigurações técnicas no Brasil perpassaram pelos eventos que foram descritos nos parágrafos anteriores. Entretanto, a sua compactação não induz para a incorporação de forma plena de toda a sua formação socioespacial (Santos, 1996).

Dessa maneira, a colonização, por mais que houvesse reformulação no território usado, não levaria à estrutura técnica se em comparação com cidades como Vila Rica e Mariana, que foram o epicentro da exploração de jazidas auríferas, configurando-se na capital da Província de Minas Gerais (Leal, 2022). Carrara (2007) diz que a concentração técnica está relacionada ao desenvolvimento econômico, ou seja, as configurações de manuseio se concentram em detrimento do capital.

Com is, a pergunta que fica é: a partir de qual evento ocorrerá a modificação no uso do território? Trazendo a perspectiva de Santos (1994), a técnica é formulada a partir dos elementos que o ser utiliza para a sua sobrevivência. O processo formativo inicial de Pouso Alegre é um bom caminho a se seguir, como definição do adentramento a esse período de forma inicial e/ou pré-mecanizada, haja vista a relação direta com eventos/acontecimentos ocorridos no Brasil, em Minas Gerais e na Comarca do Rio das Mortes. Como já mencionado, foi apontado por Santos e Silveira (2003) que ocorre na formação socioespacial brasileira uma tecnificação incompleta, formando pontos de concentração. No caso de Pouso Alegre, esse processo ocorre de forma progressiva, passando pelo conjunto de eventos políticos, econômicos e sociais, como descreve ao quadro 2, que, por perpassar os três tópicos, foi colocada aqui.

Quadro 2 - Eventos ocorridos em Pouso Alegre no período entre 1840 e 1960.

(continua)

Ano	Acontecimentos
1840	A década inicia com o agravamento das lutas políticas, não só em Pouso Alegre, mas em todo o país. O Senador José Bento, líder religioso e político influente, é assassinado com dois tiros de garrucha, vítima das desavenças políticas. O pistoleiro contratado para dar cabo da vida do Senador é preso e transferido para Barbacena (MG) para cumprir 30 anos de prisão (1844). O africano Antônio Congo recebe pena de enforcamento por ter matado seu “dono” (1846). Pouso Alegre é elevada à categoria de cidade em lei assinada

Quadro 3 - Eventos ocorridos em Pouso Alegre no período entre 1840 e 1960.

(continua)

	<p>pelo então presidente da Província de Minas Gerais, Bernardino José de Queiroga (1848). São iniciadas as obras da nova Matriz, atrás da antiga, sendo a construção dirigida pelo Cel. José Garcia Machado, recebendo a comenda do Papa em reconhecimento ao seu trabalho dedicado. Fundou-se a primeira Santa Casa de Misericórdia, em prédio doado por José Antônio de Freitas Lobo (1849).</p>
1850	<p>A Câmara Municipal de Pouso Alegre dá posse ao novo vigário de São José das Formigas (Paraisópolis), Padre Feliciano José Teixeira (1854). Conclusão das obras da Igreja Matriz, obra dirigida por Cel. José Garcia Machado.</p>
1860	<p>Fundação do Colégio Bom Jesus, para meninos, pelo professor Ferdinando Boeschtein, auxiliado pelo professor Daniel Henrique Ulisses Ulmann, ambos cegos (1866). Três filhos de Pouso Alegre participaram da Guerra do Paraguai, Luiz Americano, José Bernardes de Paiva e Silva e Jodo Nunes de Oliveira.</p>
1870	<p>Fundado o Colégio São Sebastião para meninos e o Colégio Nossa Senhora das Dores para meninas (1873). Fundado o Hospital de Misericórdia, em edifício doado por Antônio de Freitas Lisboa, e autorizada pelo Governo Provincial a construção de uma cadeia (1874). Nessa época, o progresso da cidade já era acentuado, colocando-se entre as principais cidades mineiras. Contava com diversos jornais, entre eles: <i>O Mineiro</i>, <i>Progresso Mineiro</i>, <i>Eco Juvenil</i> e <i>Dez de Dezembro</i>; são fundados o Teatro União, o Gabinete de Leitura, o Mercado e a Fábrica de Chapéus (1878).</p>
1880	<p>Os imigrantes, oriundos de terras distantes, visando a uma vida melhor, chegam na terra do Mandu; é fundado o jornal <i>O Pouso Alegrense</i> (1880). Inicia-se a publicação do jornal <i>Livro do Povo</i> (1881). Inaugurados na cidade dois estabelecimentos de Duchas (1883). Nasce o Liceu Pousoalegrense, notável educandário fundado pelo professor Antônio Francisco Furtado de Mendonça Filho (1884). A praça principal recebe o nome de “Senador José Bento”, em homenagem ao benfeitor de Pouso Alegre (1884). Mudança de parte do leito do Mandu (1885). Contrato de iluminação pública com 50 lâmpadas, continuando a ser o querosene o combustível empregado. Movimento pela libertação dos escravizados, liderado pela poeta Maria Clara da Cunha Santos. O Colégio Mendonça se torna um dos mais afamados na Régio (1888).</p>
1890	<p>Criada a Comarca de Pouso Alegre (1891). Instalada a Comarca de Pouso Alegre (1892). Instalação do Colégio Pousoalegrense, dirigido pelo professor Joaquim Queiroz Filho, Alberto Silveira Braga e José Ribeiro de Miranda Júnior. Chega à estação da Rede Mineira de Viação (RMV) o trem especial para inauguração da ferrovia (1895). Começa a funcionar o Seminário Diocesano. Fundado o Ginásio São José, de propriedade da diocese (1899).</p>
1900	<p>Nasce uma das revistas mais importantes editadas na cidade, o <i>Almanaque de Pouso Alegre</i>, sob a direção do Dr. Antônio Marques de Oliveira. Criado o bispado, um dos fatores preponderantes do progresso da cidade (1900). O primeiro bispo foi Dom João Batista Correia Neri. O Colégio Diocesano São José é equiparado ao Ginásio Nacional (1901). Publicado o primeiro número do jornal <i>Semana Religiosa</i>. Chegam em Pouso Alegre as Irmãs da Visitação, abrindo um colégio para meninas (1902). Inauguração da Capela São José (1903). Lançada pedra fundamental do novo edifício do Colégio Diocesano. Inaugurado o Palácio Episcopal. Despede-se da cidade o Monsenhor José Paulino de Andrada (1904). A polícia é alertada sobre gatunos e seus roubos de galinhas ocorridos na cidade. Por ato do Ministério da Justiça e Interior, foi modificado o título de colégio para Ginásio São José. A Santa Sé confirma São Sebastião como padroeiro da diocese (1905). Criado o Grupo Escolar</p>

Quadro 4 - Eventos ocorridos em Pouso Alegre no período entre 1840 e 1960.

(continua)

	<p>Monsenhor José Paulino (1906). Contrato pelo prazo de 25 anos para a instalação da Empresa Telefônica. O Mercado Municipal sofre um aumento em sua estrutura. Prolongamento da linha de automóvel para Congonhal, Itaim e Sant'ana do Sapucaí. Publicada a folha literária <i>O Mandu</i> pelo aluno Menotti Del Picchia (1908).</p>
1910	<p>Chega a Pouso Alegre a Madre Provincial das Irmãs Dorothéa, de Portugal, a fim de instalar um colégio para meninas. A escola recebe as regalias de Escola Normal. É declarada de utilidade pública a desapropriação da água do Ribeiro das Mortes, inclusive de terrenos próximos, através de Projeto de Lei. O Distrito de Sant'Ana do Sapucahy é desmembrado de Pouso Alegre para formar um novo município (1911). Inaugurado o Grupo Escolar Monsenhor José Paulino, em prédio na Av. Dr. Lisboa (1912). É sancionada a Lei nº 98, concedendo ao cidadão Ultime Camboriú privilégio por 25 anos para explorar a navegação do Rio Mandu, desde sua foz, no Rio Sapucaí-Mirim, até a ponte, na saída da cidade (1913). Inaugurado o Cine-Iris na Praça Senador José Bento (1914). Fundada a Escola de Farmácia e Odontologia (1915). Fundada a Escola Profissional para meninos pobres. Inauguração de um novo cemitério, localizado à Rua Comendador José Garcia, nas Taipas, em perímetro urbano (1917). Governo federal adquire o edifício do Ginásio Diocesano e Escola Normal das Dorothéa para a instalação de uma unidade do Exército Nacional. Instalação do 10º Regimento de Artilharia Montada (1918). Decreto altera a designação de 10º RAM para 8º RAM. Fundada a Escola de Veterinária (1919).</p>
1920	<p>Pela Lei nº 133, é feita a doação ao Estado de Minas Gerais de um terreno na Av. Dr. Lisboa para a construção do Fórum. Autorizada a aquisição de um terreno para a construção do Hospital Regional. Inaugurado o orfanato Nossa Senhora de Lourdes e da nova capela anexa ao hospital São Vicente de Paulo (20). Inaugurado o Hospital Regional, denominado posteriormente "Dr. Samuel Libânio" (21). Construção da nova usina de força e luz no distrito de Borda da Mata. Doação da casa onde funcionava a Câmara Municipal, na Praça Senador José Bento, para a construção do prédio destinado ao Clube Literário e Recreativo (22). Inauguração do edifício do Fórum (23). Arrendado o prédio do Teatro Municipal para a instalação de um cinema. Inaugurado o Clube Literário e Recreativo (26). Inauguração da capela dedicada a São Geraldo no bairro de mesmo nome. Autorizada a instalação da luz elétrica no bairro São Geraldo. A Av. Dr. Lisboa é dotada de nova iluminação elétrica, com fios subterrâneos (27). Fundado o Banco de Pouso Alegre, sociedade constituída de 62 membros. Inauguração do Campo de Futebol, na Rua Com. José Garcia, bairro das Taipas (28). Pouso Alegre assiste à maior enchente do Rio Mandu. Inaugurada a Escola Doméstica Santa Terezinha, dedicada ao ensino dos misteres e prendas domésticas às moças pobres da cidade (29).</p>
1930	<p>Fundados a Casa Andare, Bazar Mineiro e Casa Vitali, aquecendo, assim, o comércio de roupas e calçados finos, poupando viagens longas para os grandes centros. Nasce Francisco Campanella, que seria, mais tarde, um grande nome da imprensa nacional. É nomeado vigário-geral da diocese o Exmo. Sr. Monsenhor Dr. Antônio Furtado (30). Venda e demolição da cadeia velha, situada na antiga Praça Francisco da Veiga (31). São disparados os primeiros tiros da Revolução de 1932. Inaugurado o campo de pouso no bairro Chapadão (São Cristóvão). Inaugurado o Cine Eldorado na Av. Dr. Lisboa (32). Fundada a União Operária de Pouso Alegre. Instalada a Rádio Clube de Pouso Alegre — PRJ7 (39) na Av. Duque de Caxias por José Francisco de Brito e Orfeu Buti.</p>

Quadro 5 - Eventos ocorridos em Pouso Alegre no período entre 1840 e 1960.

(conclusão)

1940	“Carnaval abre alas nas avenidas com os blocos Sossega Leão e Aristocrático, em 28 de setembro”. Fundada a Escola Técnica de Comércio São José. Inauguração do Parque Infantil. Fundado o Aeroclube de Pouso Alegre (41). O ginásio São José é elevado pelo governo federal à categoria de colégio, com o nome de Colégio São José. É expedido o Aviso nº 411/348 da secretaria-geral do Exército, criando o campo de prisioneiros de guerra em Pouso Alegre, no 8º RAM, recebendo 62 prisioneiros alemães. Instalado o Carmelo da Sagrada Família (43). Criado o grupo Hematina Beraldo (46). Entram em atividade os avides da Organização Mineira de Transportes Aéreos, estabelecendo suas linhas aéreas para o Sul de Minas, atendendo semanalmente a Pouso Alegre, Itajubá, Ouro Fino e São Lourenço (47). Comemoração do primeiro centenário de Pouso Alegre (48). Instalado o Grupo Escolar Prof. Joaquim Queiroz (49).
1950	O Carnaval volta com força total, influenciado pelos foliões de Santa Rita do Sapucaí. É instalado o escritório do DNER. Inauguração do novo prédio dos Correios. É fundada a Arcádia de Pouso Alegre, congregando poetas da Terra. Instalado o grupo escolar Dom Otavio (54) e, posteriormente, o Grupo Escolar Presidente Bernardes. Inaugurada oficialmente a Lira Pousoalegrense. Nasce a ideia da criação de uma Faculdade de Direito (54).
1960	Primeiro Vestibular da Faculdade de Direito (60). A diocese passa a arquidiocese por ato da Santa Fé e é agraciado o Bispo Dom José D’Ângelo Neto, primeiro arcebispo. Inaugurado o novo Cine Glória (62). Fundado o Clube de Campo Pouso Alegre (63). Pelo Decreto Estadual de nº 8660, é instituída a Fundação de Ensino Superior do Vale do Sapucaí (65). A Faculdade de Ciências Médicas Dr. José Antônio Garcia é autorizada a funcionar (68). Inaugurado o sistema de semáforos nos principais cruzamentos da cidade.

Fonte: Revista Magazine (1998). Adaptado pelo Autor (2024).

Os eventos descritos marcaram o processo de construção da formação territorial de Pouso Alegre. Andrade (2014), Gouvêa (2015) e Vale (2019) salientam que a reestruturação do cotidiano da cidade é reconstruída com a vinda da ferrovia, em 1895. Sendo assim, é com essa chegada que se tem a instauração do meio técnico mecanizado, resultando também na vinda de importantes sistemas de objetos, como a cadeia, a rede bancária citadina e os sistemas de ações com a chegada da diocese em 1900, quando Pouso Alegre ganha a disputa travada com Campanha, levando à independência religiosa do Sul de Minas da Diocese de São Paulo e da Diocese de Mariana.

Como se observa, uma das demonstrações dessa modificação técnica diante do uso do território está nos dados populacionais, pois, em 1872, o município continha 22.004 pessoas, e, após esse acontecimento, em 1920, a população passou ao montante de 67.399 pessoas. Traz-se a figura 7 para demonstrar o território usado pela própria estação e nos seus arredores, pelos objetos e ações, em 1904.

Figura 7 - Representação do uso do território citadino nos arredores da ferrovia em 1904.



Fonte: Narrativas do Brasil (1904).

A figura 7, de 1904, demonstrou que a chegada de um objeto modifica as ações do local, haja vista que as interações entre sociedade e natureza se transformam e exemplificam o adentramento de um novo momento para a configuração territorial daquele período. Durante o século XX, a cidade passou por metamorfoses ligadas a algumas questões, que são:

[...] a luz fornecida pela energia elétrica e a comunicação via telefone encurtava a distância em que antes era percorrida a pé, a cavalo ou pelas linhas férreas conduzida pela locomotiva. Novas ruas surgiam, as antigas recebiam infraestruturas, e até mesmo o centro comercial, que antes era localizado apenas no núcleo central, passa a ter significativa concentração na região do rosário, especificamente na rua Silviano Brandão. A presença da Igreja trazia consigo um arcabouço ideológico cristão que fará parte do imaginário da população durante longos anos. A partir desta instituição, fundam-se escolas, internatos, orfanatos e centros de Caridade, estabelecendo em imóveis adquiridos na região central e nos subúrbios. Já o governo adquire as terras que abrigariam os imigrantes vindos de outras partes do mundo, área esta rural, mas que denominamos como subúrbios por estar próxima à cidade. A cidade se transforma para acolher e oferecer serviços para aqueles que passam a habitá-la (Vale, 2018, p. 204).

A técnica modificou a estrutura, o processo, a forma e a função da cidade. Com a instalação de determinados objetos, ocorreu a modificação na estrutura urbana de Pouso Alegre no século XX, transformando-a em uma cidade de influência na região na qual está instalada. Dessa maneira, considera-se que o evento que insere a unidade estudada no meio técnico mecanizado consistiu em ser a ferrovia, pelo seu complexo sistema de engenharia, algo que será discutido na próxima seção.

3 DIMENSÃO DA DINÂMICA POPULACIONAL E DA FORMAÇÃO TERRITORIAL EM POUSO ALEGRE NO PERÍODO DO MEIO TÉCNICO

A presente parte busca abarcar a dimensão da formação territorial e da dinâmica populacional de Pouso Alegre na inserção do período do meio técnico, trazendo-o como parte da formação socioespacial e da totalidade. Com isso, partiu-se da operacionalização de que a ferrovia consiste em ser o evento que transformará os sistemas de ações e os sistemas de objetos com relação à utilização do território mecanizado na localidade, tendo em vista que o período estudado se estrutura em dois momentos, com a pré-mecanização e a mecanização dos usos do território, como apontam Santos e Silveira (2003).

Para Santos e Silveira (2003), o processo de entrada nesse momento histórico ocorreu baseado em alguns pilares.

Uma transição pode ser observada entre o período anterior, herança da época colonial pré-mecanizada, e a verdadeira integração nacional. Esse período de transição teve, regionalmente expressão e duração diferentes. Mas, para o conjunto do país, pode-se situá-lo entre o começo do século XX e a década de 1940. É então que se estabelece uma rede brasileira de cidades, com uma hierarquia nacional e com os primórdios de precedência do urbanismo interior sobre o urbanismo de fachada.

Com essa afirmação realizada pelos autores, fica claro que é com a colonização que se inicia o período do meio técnico pré-mecanizado na localidade abarcada, porém foi com a construção da estrada de ferro que Pouso Alegre entrou para o momento da circulação mecanizada. Santos e Silveira (2003) afirmam que será com o aparelhamento dos portos, a construção de estradas de ferro e as novas formas de participação do país na fase industrial do modo de produção capitalista que haverá a contribuição para que as cidades da formação socioespacial brasileira entrem sob uma nova lógica de influência em sua região.

O aparelhamento dos portos, a construção de estradas de ferro e as novas formas de participação do país na fase industrial do modo de produção capitalista permitiram às cidades beneficiárias aumentar seu comando sobre o espaço regional, enquanto a navegação, muito mais importante para o exterior, apenas ensejava um mínimo de contatos entre as diversas capitais regionais, assim como entre os portos de importância. Rompia-se, desse modo, a regência do tempo “natural” para ceder lugar a um novo mosaico: um tempo lento para dentro do território que se associava com um tempo rápido para fora. Este se encarnava nos portos, nas ferrovias, no telégrafo e na produção mecanizada (Santos; Silveira, 2003).

Foi com a navegação e com o uso do território nacional, pelos homens e mulheres, que o Brasil vivenciou o rompimento com a lógica do tempo natural, tendo, a partir daí, o início do meio técnico, vivenciando eventos que contribuíram para a lógica da cidade influente regionalmente. Ao pensar o processo de entrada da localidade abarcada por essa pesquisa no

período do meio técnico, pré-mecanizado e mecanizado, é preciso considerar acontecimentos que corroboraram isso; dessa forma, estruturou-se o quadro 3 para delimitar em datas esses fenômenos.

Quadro 6 - Pouso Alegre no período do meio técnico.

Período do meio técnico	Evento
Pré-mecanizado	Delimita-se que o período do meio técnico teve início na localidade com o processo de colonização ocorrido por volta de 1747, indo até o final do século XIX.
Mecanizado (Circulação da Mecanização)	Esse momento é evidenciado com os eventos ocorridos no final do século XIX, principalmente com a inauguração da estação da estrada de ferro em Pouso Alegre no ano de 1895, indo até a inauguração da Fernão Dias, que liga duas grandes capitais, São Paulo e Belo Horizonte, em 1961.

Fonte: Santos e Silveira (2003); Revista Magazine (1998). Organizado pelo Autor (2024).

Ao entrar no período do meio técnico, é demonstrado que Pouso Alegre está em dialética com os eventos/acontecimentos que estão ocorrendo no mundo, contudo tem características técnicas próprias devido ao dinamismo inerente ao lugar no processo de construção de novos usos do território.

3.1 O que é um evento?

Abarcar as definições do que é um evento e qual o seu significado para a proposta de periodização de Milton Santos apresenta grande importância para o presente trabalho que retrata a formação territorial como reflexo e condição da escala nacional, provincial e regional baseada em acontecimentos do tempo pretérito, em específico o período do meio técnico e do meio técnico-científico-informacional do Município de Pouso Alegre.

Em uma pesquisa no Dicionário Online de Português (2024), a palavra “evento” tem os seguintes significados:

- I) Aquilo que acontece; acontecimento: os importantes eventos de sua vida.
- II) Acontecimento imprevisto; eventualidade.
- III) Qualquer acontecimento com propósitos específicos e organizado por pessoas especializadas (festa, seminário, show, espetáculo etc.).
- IV) Fenômeno natural passível de observação científica; fenômeno.
- V) [Química] Observação que registra a interação entre partículas.
- VI) [Estatística] Conjunto de resultados que, na teoria da probabilidade, permite calcular a chance de que algo aconteça.
- VII) Etimologia (origem da palavra *evento*). Do latim *eventus.us*, "acontecimento".

As definições que aparecem acima demonstram que a palavra “evento” vem do latim *eventus.us*, que tem a definição de “acontecimento”. Com relação às significâncias, demonstra-se que há diversas compreensões, que vão desde a sua definição etimológica a fenômenos, resultado estatístico (chance de acontecimentos de algo na probabilidade) e interação entre partículas, no caso da Química.

Para Santos (1996), há diferentes formas de se entender a palavra “evento”, tendo diversos sentidos, que amplamente se enquadram no entendimento (vocabulário) corrente da população e dos dicionários filosóficos, que podem apresentar a palavra de forma diversa, tendo cada autor qualificado com o seu conjunto de ideias e o seu vocabulário próprio. Um dos exemplos disso recai sobre quando Lefebvre (1958) retrata a palavra em seu vocabulário como “momento”, Bachelard (1932) como “instante” e Whitehead como “ocasião”.

Para Santos (1996), o evento pode ser descrito como:

No dizer de Lefebvre (1958, p. 348), o momento é a tentativa visando à realização total de uma possibilidade. Essa possibilidade "se dá", ela "se descobre", e pode ser vivida como uma totalidade, o que significa realizá-la e esgotá-la. Se consideramos o mundo como um conjunto de possibilidades, o evento é um veículo de uma ou algumas dessas possibilidades existentes no mundo. Mas o evento também pode ser o vetor das possibilidades existentes numa formação social, isto é, num país, ou numa região, ou num lugar, considerados esse país, essa região, esse lugar como um conjunto circunscrito e mais limitado que o mundo (p. 144).

Dessa maneira, entende-se que o evento, na perspectiva de Santos (1996), considerando o mundo, consiste em ser um veículo de uma ou algumas possibilidades existentes no mundo, e também nas formações socioespaciais, na região e no lugar. Considerando este último, vale destacar que ele é o depósito final, obrigatório, do evento. Sendo assim, as unidades territoriais que formam uma região, um estado e um país consistem em demonstrar aspectos primordiais para os acontecimentos no decorrer do tempo dentro da história local.

Na compreensão de Silva (2015, p. 5 e 6), Milton Santos define que existem dois tipos de evento, sendo eles os acontecimentos da natureza e os acontecimentos provindos da vida humana, e que importa à Geografia Humana entender os eventos ocasionados pela ação do ser, buscando explorar as intencionalidades, os agentes e os impactos. É preciso que os eventos sejam vistos como “a materialização do tempo-mudança, ou do tempo-ruptura no contexto dos lugares”.

Alinhados a essa definição, os eventos não se repetem: há uma singularidade neles e são todos novos. É partindo disso que ocorre o desenvolvimento de novas histórias, como salienta Santos (1996).

Os eventos não se repetem, diz B. Russell, o seu "caráter principal" sendo o fato de "poder situar-se com precisão nas coordenadas do espaço e do tempo" (A. Bosi, 1993). As circunstâncias não são as mesmas duas vezes, lembra Sir Lewis Namier (citado por Freeman, 1961, p. 77). Cada ato difere do precedente e do seguinte (G. Kubler, 1973, p. 105). É a sua singularidade (E. Morin, 1972, pp. 6 - 20).

Os eventos são, pois, todos novos. Quando eles emergem, também estão propondo uma nova história. Não há escapatória. É nesse sentido que Lefebvre (1958, pp. 346 -347) falando em "momento" e Bachelard (1932, pp. 30-31) referindo-se ao "instante" os considera como um absoluto. Daí a sua eficácia e sua irreversibilidade. Essa irreversibilidade é o que dá a cada homem o "sentimento de aventura" diz o Sartre de *La Nausée* (1938, p. 85), quando ganhamos a certeza de que nenhum momento se repete, nem volta, e então decidimos agir dentro dessas "malhas estreitas" (p. 145).

Trazendo para a realidade do município pesquisado, as conjunturas dos eventos tomam proporções novas, singulares, e não se repetem, pois é no lugar que os acontecimentos mundiais ganham forma. Na perspectiva de conectividade dialética entre as escalas, Santos (1985) salienta que não pode se interpretar os eventos só pela escala local — é de muita importância considerar o mundo nesse processo.

Todavia, não se pode fazer uma interpretação válida dos sistemas locais na escala local. Eventos à escala mundial, sejam os de hoje ou os de ontem, contribuem mais para o atendimento dos subespaços que os fenômenos locais. Estes últimos não são mais que o resultado, direto ou indireto, de forças cuja à gestação ocorre a distância. Isso não impede aos subespaços de também estarem dotados de uma relativa autonomia, que procede do peso da inercia, isto é, das forças produzidas ou amalgamadas localmente, embora como resultado um resultado de influências externas, ativas em períodos precedentes (p. 36).

Esse trecho evidencia como os eventos estão interconectados, direta ou indiretamente, de modo que eventos globais acabam por influenciar os usos do território local — seja como recurso, abrigo, na psicosfera ou na tecnosfera. Contudo, não se trata de uma imposição unilateral de forças mundiais que determinam os cotidianos preexistentes. Para que tais eventos se estabeleçam, ocorre uma incorporação própria, mediada pelos interesses específicos dos lugares, considerando o dinamismo singular de cada um deles.

Segundo Santos (1996, p. 165), o lugar e o mundo são os níveis mais importantes para se compreender o evento:

A interdependência dos eventos se dá em vários níveis. Todavia, dois desses níveis são os mais relevantes, ao menos do ponto de vista geográfico: o nível do mundo e o nível do lugar. Consideremos que o acontecer, isto é, os eventos, são consequência da existência dos homens sobre a Terra, agindo para realizar o Mundo. Onde escrevemos homens, leia-se, também, Estados, empresas, instituições de toda natureza, entidades que são, juntamente com os indivíduos, capazes de ação. Lembremos que ação e evento são movimentos imbricados.

Observa-se que o evento é a manifestação da vida humana sobre a Terra, concretizando-se no mundo. Assim, é no cotidiano, no dinamismo do lugar, que o evento se

inicia e propaga sua força, articulando a dialética entre o local e o global. O município analisado nesta pesquisa ilustra essa lógica dialética entre lugares, regiões e formações socioespaciais, como demonstram acontecimentos históricos marcantes, a exemplo da instauração da ferrovia, tema abordado com maior profundidade no tópico seguinte. Esse marco (evento) configurou novos usos do território nas diferentes partes que compõem o planeta. Contudo, é evidente que esse processo, ao transformar a estrutura, a forma e a função do espaço (Santos, 1985), ocorre de maneira seletiva, condicionado pelos eventos políticos e econômicos da escala nacional e internacional.

3.2 Ferrovia: um evento que concretiza Pouso Alegre no período do meio técnico

Refletir sobre a ferrovia como um evento que introduziu o município abordado neste estudo à era mecanizada do período técnico implica analisar as complexidades envolvidas em sua implantação nos contextos global, nacional, estadual e local, considerando o mundo, o Brasil, Minas Gerais, o Sul de Minas e, especificamente, Pouso Alegre.

A construção desse importante sistema de engenharia teve origem na Inglaterra, revolucionando sua economia entre 1840 e 1880 (Fausto, 2001). Em 1807, foi inaugurada a primeira ferrovia de passageiros com tração animal na cidade de Oystermouth. Posteriormente, em 1814, a Middleton Railway presenciou o surgimento da primeira locomotiva a vapor. Já em 1825, ocorreu o marco da partida de 35 vagões de Darlington a Stockton. Cinco anos depois, em 1830, foi inaugurada a primeira estrada de ferro conectando Liverpool a Manchester. No mesmo ano, os Estados Unidos iniciaram a construção de sua primeira linha férrea, localizada na Carolina do Sul (Goularti Filho; Queiroz, 2011; Site Intermodal Digital, 2023).

Na América do Sul, o transporte ferroviário chegou aos Andes com a Central Railway, que conectava o Peru à Argentina. Contudo, foi somente em 1870 que as ferrovias se expandiram para as capitais provinciais dessas duas formações socioespaciais (Porto, 2014).

De acordo com Borges (2011), a implementação desse sistema representou a maior conquista da Revolução Industrial após a invenção da máquina a vapor. No Brasil, as ferrovias começaram a ser implantadas no século XIX, orientadas principalmente por lógicas políticas e, sobretudo, econômicas, como será detalhado no tópico seguinte (Goularti Filho; Queiroz, 2011; Santos; Silveira, 2003).

Firkowski e Sposito (2008) destacam que as ferrovias desempenharam um papel histórico significativo na instauração de indústrias em diversos países devido à sua eficiência

técnica no transporte de cargas em curtas e longas distâncias. A introdução desse objeto técnico transformou os usos do território pelos brasileiros e pelos habitantes de Pouso Alegre (comerciantes, políticos, fazendeiros, costureiros, operários, lavradores, entre outros), pois a modernidade trazida pela ferrovia articulou a integração da formação socioespacial brasileira e de suas partes, tornando-as constituintes do período técnico mecanizado.

3.2.1 Ferrovia no Brasil, em Minas Gerais e no Sul de Minas

A introdução da ferrovia no Brasil esteve intrinsecamente ligada aos interesses de grupos políticos e sociais hegemônicos situados em determinadas regiões do país. Esses grupos incentivaram sua implantação com o objetivo de utilizá-la como instrumento para o acúmulo de capital, ainda que a construção desse objeto técnico tenha sido financiada majoritariamente com recursos públicos (Gourlarti Filho; Queiroz, 2011). Nesse contexto, observa-se que a escolha das localidades beneficiadas por essa modernização foi amplamente influenciada por fatores econômicos (Fici, 2017).

Segundo Gourlarti Filho e Queiroz (2011), até a década de 1930 a instalação das ferrovias em determinadas regiões do país foi orientada por um critério econômico fundamental, vinculado a dois modelos principais: o agroexportador e a produção voltada ao mercado interno. No entanto, a exportação agrícola destacou-se como o principal fator determinante para a escolha dos traçados ferroviários.

Se por um lado é correto afirmar a dinâmica econômica externa efetivamente conectou regiões produtoras ao mercado externo (primeiramente através do lombo de mulas e posteriormente utilizando-se de ferrovias), por outro não há como se viabilizar a grande produção ou a extração mineira em grandes escalas sem o suporte logístico proveniente dos setores econômicos internos. Assim, os setores dinâmicos das economias nacionais estariam centrados, até a década de 1930, em dois setores econômicos básicos: o agro-exportador e o da produção interna.

No plano externo a viabilidade de se consolidar as linhas de exportação, que envolviam a construção de portos e ferrovias, estava condicionada pelo setor financeiro e comercial das economias centrais e seus agentes locais. Daí não se constituir em surpresa de a fortíssima presença de capitais ingleses aplicados nas ferrovias sul-americanas, durante o século XIX (Gourlarti Filho; Queiroz, 2011, p. 12 e 13).

Como mencionado anteriormente, a Inglaterra foi pioneira na implementação do sistema ferroviário. O autor amplia essa análise ao destacar que a formação socioespacial inglesa desempenhou um papel central como grande financiadora da introdução das ferrovias nos países sul-americanos. Nesse sentido, com base nas perspectivas de Santos (1996), observa-se que a infraestrutura de transporte se transformou em um elemento estratégico nos

lugares em que foi implementada, tornando-se um fenômeno mundial responsável por impulsionar mudanças socioespaciais em diversas nações, incluindo o Brasil e a Argentina, a partir da segunda metade do século XIX.

Na visão de Boris (2001), essas iniciativas foram majoritariamente motivadas pelo contexto econômico da exportação. Assim, as áreas produtoras de maior relevância, especialmente aquelas voltadas ao cultivo de café, foram as principais beneficiadas com a instalação desse sistema de transporte.

As maiores iniciativas de construção de estrado de ferro decorreram da necessidade de melhorar as condições de transportes das principais mercadorias de exportação para os portos mais importantes do país. Era preciso superar os inconvenientes resultantes dos caminhos precários, das cargas em lombo de burro que encareceriam custos e dificultava um fluxo adequado dos produtos (Boris, 2001, p. 109).

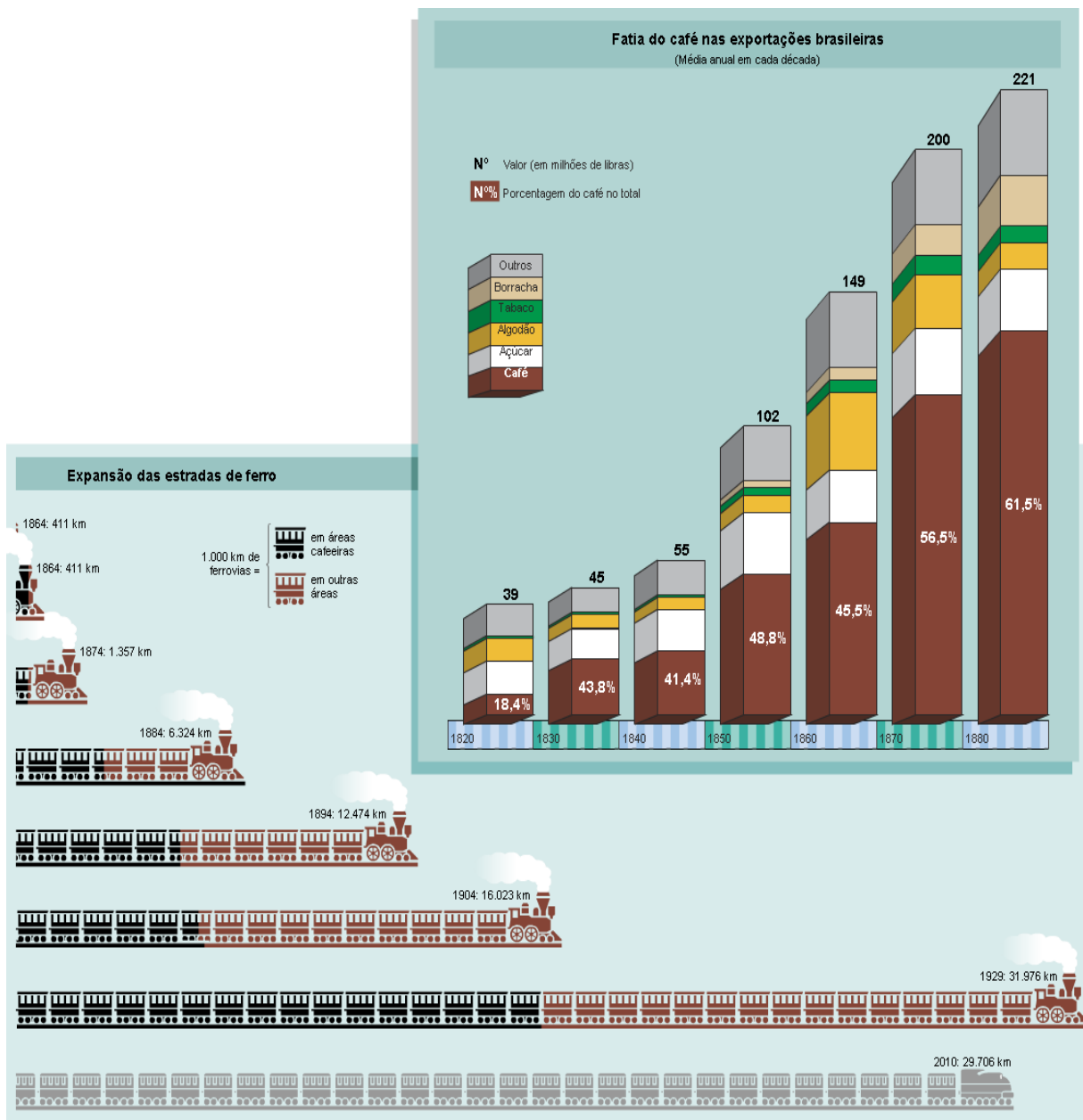
Para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), a expansão da malha ferroviária também foi de forma seletiva e obteve importante influência para a entrada de capital estrangeiro no Brasil:

A expansão ferroviária, além de propiciar a entrada de capital estrangeiro no país, tinha, também, o objetivo de incentivar a economia exportadora. Desta forma, as primeiras linhas interligaram os centros de produção agrícola e de mineração aos portos diretamente, ou vencendo obstáculos à navegação fluvial (IPHAN).

O processo de implementação seletiva das ferrovias, baseado na produção econômica, pode ser exemplificado pela constituição da malha ferroviária paulista. O estado desempenhou um papel crucial no funcionamento da economia brasileira, apresentando 3.471 km de ferrovias em 1901, que se expandiram para 7.440 km em 1940 (Gourlarti Filho; Queiroz, 2011).

Diante disso, a infraestrutura de transporte e a técnica de rede das partes do Brasil como um todo constituem um processo de transformação; no caso da ferrovia, relacionado =

Figura 8 - A expansão das ferrovias e a fatia do café nas exportações brasileiras no período entre 1820 e 1880.



Fonte: FGV.

O processo de desenvolvimento do café acompanhou o crescimento dos trilhos da linha férrea, uma vez que houve o aumento nas vendas das produções para o exterior década por década do século XIX. Santos e Silveira (2003) afirmam que o período do meio técnico pode ser dividido em duas fases: a da mecanização incompleta e a do meio técnico da circulação mecanizada. Esta segunda fase é marcada pela construção de ferrovias, pelo aparelhamento de portos e pela integração à nova etapa industrial do modo de produção capitalista. Nesse contexto, o Brasil e suas regiões vivenciaram um momento de transição, que pode ser situado historicamente a partir da implementação desses objetos técnicos no território nacional. A ferrovia assumiu grande importância na consolidação desse período, sendo vista como um marco central do meio técnico.

No Brasil, o primeiro trecho da malha férrea foi inaugurado em 30 de abril de 1854, ligando o Porto Mauá a Fragoso, no Rio de Janeiro, com 14 km de extensão, como descreveu o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN):

A história das ferrovias no Brasil inicia-se em 30 de abril de 1854, com a inauguração, por D. Pedro II, do primeiro trecho de linha, a Estrada de Ferro Petrópolis, ligando Porto Mauá à Fragoso, no Rio de Janeiro, com 14 km de extensão. Mas a chegada da via à Petrópolis, transpondo a Serra do Mar, ocorreu somente em 1886.

A chegada da via férrea a Petrópolis ocorreu apenas em 1886, em virtude da necessidade de transpor a Serra do Mar. De acordo com Finger (2013), o processo de constituição da linha férrea, entre 1852 e 1857, foi dividido em quatro períodos. Primeiro período (1852–1873): inicia-se com a publicação da Lei nº 641, em 1852, e estende-se até 1873, quando novas legislações alteraram a dinâmica ferroviária. Segundo período (1873/1874–1889): começa com a criação das Leis nº 2.450 e nº 5.561, entre 1873 e 1874, e vai até a Proclamação da República, em 1889. Terceiro período (1889–1919): tem início com a Proclamação da República, em 1889, e vai até o fim da Primeira Guerra Mundial, em 1919. Quarto período (1919–1957): estende-se de 1919 até 1957, ano de criação da Rede Ferroviária Federal (RFFSA).

As características marcantes desses períodos incluem o empreendedorismo, os novos incentivos e a multiplicação das linhas férreas, a formação das grandes companhias ferroviárias e, por fim, o sucateamento e a estatização, como ilustrado no quadro 4.

Quadro 7 – Divisão da análise da expansão da linha férrea em períodos no Brasil entre 1852 e 1957.

Período	Recorte Temporal	Características Marcantes
1º	1852–1873	Empreendedorismo
2º	1873–1889	Novos incentivos e multiplicação das linhas
3º	1889–1919	Formação das grandes companhias ferroviárias
4º	1919–1957	Sucateamento e a estatização

Fonte: Finger (2013).

As primeiras estradas de ferro no Brasil foram impulsionadas por fatores econômicos, desenvolvendo-se de maneira ainda incipiente durante o primeiro período (1852–1873), quando 11 linhas³ principais foram inauguradas. No segundo período, houve a abertura de 33

³ São elas: Estrada de Ferro Petrópolis (Rio de Janeiro), inaugurada em 1854, *Recife and São Francisco Railway* (Pernambuco), inaugurada em 1858, Estrada de Ferro Cantagalo (Rio de Janeiro), inaugurada em 1860, *Bahia and San Francisco Railway* (Bahia), inaugurada em 1860, *São Paulo Railway* (São Paulo), inaugurada em 1868, Estrada de Ferro União Valenciana (Rio de Janeiro), inaugurada em 1871, Estrada da Imperatriz (Alagoas), inaugurada em 1871, Companhia Paulista de Estradas de Ferro (São Paulo), inaugurada em 1872, Companhia Ytuana de Estradas de Ferro (São Paulo), inaugurada em 1873, Estrada de Ferro de São Sebastião a Campos (Rio de Janeiro), inaugurada em 1873 (Finger, 2013).

novas linhas⁴ principais, com a maioria concentrada no Estado do Rio de Janeiro. O terceiro período destacou-se como o mais expressivo em termos de expansão ferroviária, totalizando a inauguração de 36 linhas⁵ principais. Por fim, o quarto e último período registrou um declínio, com apenas 6 novas linhas⁶ principais sendo abertas (Finger, 2013).

Em 1954, o sistema ferroviário brasileiro estava predominantemente localizado na área concentrada definida por Santos e Silveira (2003), abrangendo grande parte do litoral, especialmente nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, além de contar com uma presença significativa no Estado de Minas Gerais, conforme ilustrado na figura 9.

Figura 9 - Esquema das Estradas de Ferro no Brasil em 1952.



Fonte: ArchDaily Brasil.

⁴ Sendo Estrada de Ferro Baturité (Ceará), inaugurada em 1873, Estrada de Ferro de Niterói a Macaé (Rio de Janeiro), inaugurada em 1874, Estrada de Ferro de Campos a Macaé (Rio de Janeiro), inaugurada em 1874, Estrada de Ferro de Resende a Areias (São Paulo e Rio de Janeiro), inaugurada em 1878 e demais (Finger, 2013).

⁵ Dentre elas, estão: Estrada de Ferro Itatiba (São Paulo), inaugurada em 1890, Estrada de Ferro Sapucahy (Rio de Janeiro e Minas Gerais), inaugurada em 1891, Estrada de Ferro de Vitória a Diamantina (Espírito Santo e Minas Gerais), inaugurada em 1904, Estrada de Ferro de Mossoró (Rio Grande do Norte), inaugurada em 1915 (Finger, 2013).

⁶ Estrada de Ferro São Luís–Caxias (Maranhão), inaugurada em 1920, Estrada de Ferro Central do Piauí (Piauí), inaugurada em 1922, Estrada de Ferro Petrolina a Teresina (Pernambuco e Piauí), inaugurada em 1923, Estrada de Ferro São Mateus, inaugurada em 1924, Estrada de Ferro Noroeste do Paraná (São Paulo e Paraná), inaugurada em 1925, Linha Mairinque–Santos, da Estrada de Ferro Sorocabana (São Paulo), inaugurada em 1937 (Finger, 2013).

Segundo Fici (2017, p. 13), “[...] a vantagem das ferrovias interligarem com os grandes portos reforçou a polarização em torno das cidades, o que estimulou o desenvolvimento econômico e o crescimento populacional”. Essa análise evidencia que a implementação das linhas férreas trouxe uma nova conjuntura para os usos do território no Brasil, impactando diretamente as cidades. No entanto, tais transformações não se limitaram aos centros urbanos, abrangendo também o Estado de Minas Gerais, a região sul-mineira e as suas áreas rurais.

Em Minas Gerais, a primeira fase da construção ferroviária esteve associada à elaboração de planos rodoviários no século XIX, sendo estes desenvolvidos em 1835, 1864 e 1861. Foi em 1835 que foi aprovado o primeiro plano pela assembleia mineira, que incorporou discussões internas e com províncias vizinhas (Silva, 2012). Já a primeira estrada de ferro a ser construída, de acordo com Silva (2018) e Campos (2012), nas terras mineiras consistiu em ser uma parte da Estrada Central do Brasil, em 1869, no Chiador, tendo a implementação de alguns ramais na província⁷.

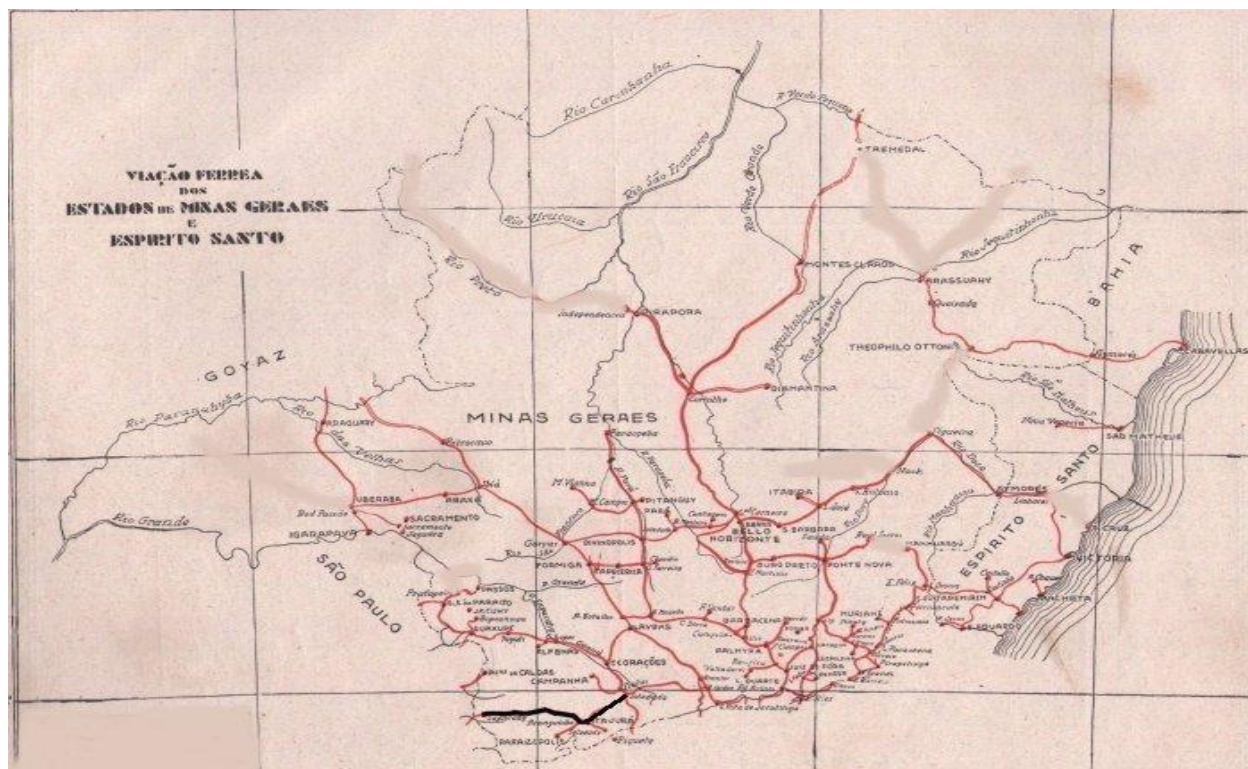
Essa estrada de ferro da província de Minas Gerais foi construída a partir de 1869 até 1910 com os trilhos atingindo Pirapora, às margens do São Francisco, como destaca Silva (2018):

O primeiro trecho foi entregue em 1858, da estação Dom Pedro II até Belém (Japeri) e daí subiu a serra das Araras, alcançando Barra do Piraí em 1864. Daqui a linha seguia para Minas Gerais, atingindo Juiz de Fora em 1875. A intenção era atingir o rio São Francisco e dali partir para Belém do Pará. Depois de passar a leste da futura Belo Horizonte, atingindo Pedro Leopoldo em 1895, os trilhos atingiram Pirapora, às margens do São Francisco, em 1910 (p. 15 e 16)

A linha férrea desempenhou um papel significativo no território mineiro, especialmente a partir de sua implantação inicial na região de Juiz de Fora, próxima à então província do Rio de Janeiro, estendendo-se posteriormente em direção ao Norte de Minas Gerais. Nos anos seguintes, o avanço das ferrovias no estado foi impulsionado pela crescente produção de café, cuja exportação demandava uma infraestrutura de transporte eficiente para atender a outras formações socioespaciais. Um marco importante desse processo foi a implementação da Estrada de Ferro Minas e Rio, que, em 1884, alcançou localidades no Sul de Minas, como Itanhandu (à época pertencente a Pouso Alto), São Lourenço (parte de Silvestre Ferraz), São Tomé (então distrito de Três Corações) e o próprio município de Três Corações. Já em 1931, Minas Gerais contava com uma extensa malha ferroviária, abrangendo grande parte de seu território (Silva, 2012), como ilustrado na figura 10.

⁷ A Estrada de Ferro Central do Brasil era chamada de Estrada de Ferro D. Pedro (Silva, 2018).

Figura 10 - Malha ferroviária dos estados de Minas Gerais e Espírito Santo em 1931.



Fonte: Site Estações Ferroviárias do Brasil.

Pela sua expoente produção de café, a Zona da Mata foi a maior concentradora de vias férreas no Estado de Minas Gerais (Saes; Marins, 2012). Na parte sul da província, estão localizadas algumas estradas de ferro, dentre elas a Sapucaí (organizada entre 1887 e 1888, com início de operação em 1891), demonstrada na figura 11, e a Minas-Rio, que se conectam e são importantes vias de escoamento para a exportação da produção realizada no Sul de Minas e em outras regiões mineiras (Andrade, 2014).

Figura 11 - Estrada de Ferro Sapucaí em 1898, contendo a localização de algumas cidades sul-mineiras



Fonte: Andrade (2014).

Essas três vias que cruzavam o Sul de Minas conectavam a região a dois estados estratégicos: São Paulo e Rio de Janeiro. Com o tempo, as ferrovias não se limitaram a atender apenas às cidades voltadas à produção para exportação, mas também passaram a se expandir por meio de novas companhias, conforme destacado por Saes e Martins (2012).

Contudo, não foi apenas em regiões cafeeiras que surgiram as ferrovias. Houve outros motivos que levaram à formação de companhias férreas. Alguns espaços que tinham uma economia voltada ao abastecimento de gêneros alimentícios ou que criaram um comércio intenso com regiões como o Rio, São Paulo, ou as capitais de suas respectivas províncias, passaram a buscar esse meio de transporte rápido e eficiente que reduzisse custos e preservasse os produtos de grandes perdas devido à longa trajetória percorrida (p.185).

Essa colocação indica que, inicialmente, o interesse principal concentrava-se nas regiões cafeeiras voltadas para a exportação. Contudo, com o aprimoramento desse objeto técnico no processo de distribuição de produtos dentro do território brasileiro, as estradas de ferro e seus ramais passaram a alcançar regiões com economias voltadas para o abastecimento de capitais provinciais ou mesmo de outras províncias. No caso do Sul de Minas, essas regiões poderiam ter como destino principal São Paulo ou o Rio de Janeiro.

Desse modo, a reformulação dos sistemas de transporte no contexto da formação socioespacial brasileira contribuiu para a consolidação de um novo território usado. O impacto dessa transformação nas redes urbanas foi decisivo para a introdução e disseminação da modernização em Minas Gerais, especialmente no Sul de Minas e no Município de Pouso Alegre, que constitui o foco desta pesquisa.

3.2.2 Ferrovia em Pouso Alegre

A chegada da ferrovia em Pouso Alegre, em 1895, foi um marco fundamental para a modernização da região. A integração à malha ferroviária impulsionou a cidade para uma nova era, conectando-a aos centros urbanos e acelerando o desenvolvimento econômico e social. A ferrovia representou um salto da era colonial, caracterizada por um "meio técnico" ainda embrionário, para uma nova fase marcada pela mecanização e pela integração a um contexto nacional e global. A chegada da luz elétrica e da rede telefônica, por volta de 1910, consolidou esse processo de modernização (Oliveira, 1900; Andrade, 2014; Silva, 2012; Vale, 2016; 2018; 2024; Estações Ferroviárias do Brasil, 2022).

Conforme o site Estações Ferroviárias do Brasil (2022), a Viação Férrea do Sapucaí⁸, da qual Pouso Alegre fazia parte,

inaugurou o primeiro trecho de linha até Itajubá em 1891, partindo de Soledade, na E. F. Minas e Rio. Em 1897 chegou a Sapucaí, na divisa com São Paulo, tendo cedido o trecho que chegava a Itapira à Mogiana bem antes disso. Incorporada pela Rede Sul-Mineira em 1910, daí à RMV em 1931, VFCA em 1965 e finalmente à RFFSA em 1975, os trens de passageiros deixaram de circular no final dos anos 1970 e os trilhos foram retirados a partir de 1986.

A história da ferrovia na região teve início em 1887 com a inauguração da Viação Férrea do Sapucaí, que conectou Itajubá a Soledade via Estrada Férrea Minas–Rio. Em 1891, a linha foi estendida até Itajubá e, em 1897, alcançou a divisa com São Paulo. O transporte de passageiros nessa rota foi descontinuado em 1983, e a operação de trens de carga, encerrada em 1986 (Estações Ferroviárias do Brasil, 2022).

A chegada da ferrovia à região, especialmente com a implementação da Rede Mineira de Viação (RMV), conforme destacado por Andrade (2014), teve um papel fundamental no desenvolvimento econômico e social de Pouso Alegre e municípios vizinhos. A nova

⁸ V. F. do Sapucaí de 1895 a 1910; de 1910 a 1930, passou a ser rede Sul Mineira; de 1931 a 1965, passou a fazer parte da Rede Mineira de Viação; de 1965 a 1975, foi a Vila Férrea do Centro Oeste; e por fim, RFSSA, de 1975 a 1983 (Estação de Estradas de Ferro do Brasil).

infraestrutura facilitou o escoamento da produção agrícola e industrial, além de estimular o comércio e o turismo.

A implantação da Estrada de Ferro Sapucaí, já no final do século XIX, favoreceu o escoamento da produção local/regional e a circulação de pessoas. Esta ferrovia ligava a Estrada de Ferro Minas-Rio ao limite das províncias de Minas Gerais e São Paulo, onde a mesma se conectava com a Estrada de Ferro Mogiana (Mapa 6). As linhas foram construídas em trechos, que foram sendo inaugurados ao longo da década de 1890, sendo a estação de Pouso Alegre inaugurada em 1895 (CASTILHO, 2012; SILVA, 2012), o que promoveu novos meios para a circulação entre a cidade e outras localidades regionais e nacionais (p. 63).

A chegada da ferrovia transformou radicalmente a ocupação do território pouso-alegrense, acelerando a mobilidade de pessoas e mercadorias e integrando a cidade à lógica do tempo moderno. Essa modernização, impulsionada pela ferrovia, foi precedida por outros marcos importantes, como a instalação de uma tipografia em 1873 (com a criação dos jornais *Typographia* e *Progresso Mineiro* em 1877), a implantação da iluminação pública no final da década de 1880 e a construção do Mercado Municipal em 1893. A cidade continuou a se desenvolver nas décadas seguintes, com a criação da diocese em 1901 e a eletrificação em 1907, como descreve Andrade (2014).

[...] a cidade de Pouso Alegre apresentava certos progressos no final do século XIX. O espaço público e o viver urbano se modificaram por intermédio da implantação do mercado municipal, da adequação de praças e ruas, que já contavam com iluminação pública (primeiro a querosene, e elétrica a partir de 1907), e da estação ferroviária com trens interligando a cidade com outras regiões de Minas Gerais e do Brasil. Com relação ao mercado municipal, logo após a sua inauguração, em 1893, este era um espaço voltado ao comércio, que ocorria apenas aos domingos, e atraía os consumidores citadinos e os produtores rurais, que comercializavam os seus excedentes agropecuários. Todavia, além da função mercantil, este era um local para as práticas socioculturais e recreativas, que ocorriam em seu interior, mas também em sua área externa (ANDRADE & VALE 2012). Em um país eminentemente católico, como o Brasil do final do século XIX, a criação da Diocese, em 1902, foi considerada, de acordo com as palavras de Gouvêa (2004, p. 72), “um fator de fundamental importância para o progresso de Pouso Alegre e o desenvolvimento de toda a região sulmineira”. Desmembrada de Mariana e de São Paulo, a implantação da diocese de Pouso Alegre favoreceu a influência da cidade em âmbito regional, mas também contribuiu para dar novas feições a paisagem urbana, através das construções de edificações com funções religiosas, como escolas, palácio episcopal, santuário, igrejas, capelas e monumentos, que se deram nas primeiras décadas do século XX (p. 64).

A chegada da ferrovia marcou um divisor de águas na modernização de Pouso Alegre. Embora a cidade já apresentasse alguns sinais de desenvolvimento no final do século XIX, foi com a expansão ferroviária que a urbanização e a modernização se intensificaram. A estação ferroviária, em particular, tornou-se um polo de atividade e inovação, com a introdução de novos serviços e tecnologias. Como descreve Oliveira (1900), os arredores da estação se transformaram em um espaço vibrante e moderno, com festividades e infraestrutura avançada para a época.

Foi no dia 25 de março de 1895 que aqui chegou o trem inaugural, trazendo a seu Bordo a directoria da estrada, representantes do governo de Minas, da Imprensa da Capital Federal, e grande número de convidados pela directoria e pela comissão dos festejos com que a Câmara Municipal deliberou comemorar este notavel acontecimento.

A estação é uma construção singela, em forma de chalet; tem uma plataforma regular, mas pequena para conter a grande massa de povo, que quasi sempre ahi se agglomera por occasião da chegada dos três. Tem um pequeno armazem para deposito de mercadorias, dois gabinetes, comunicando-se, para o agente e telegraphista, separados do armazem por um corredor que serve de sala de espera; e acomodações no restante do edificio para a família do agente.

O terreno das dependencias da estação é muito acanhado, e não pode comportar mais do que o desvio e o virador de machinas que alli se acham construídos

As construcções de particulares já encurralaram a estação, de maneira que se no futuro houver necessidade de augmentar o terreno, não será senão á custa de desapropriações dispendiosas.

O terreno das dependencias da estação de uma cidade como Pouso Alegre, cujo movimento tende sempre augmentar precisa ser amplo para facilitar o movimento de carroças, tropas, carros de boi, cavalleiros e carros de luxo; e bem assim a manobra dos trens.

Perto da estação já vão apparecendo algum chalets de bom gosto, destoando do estylo antiquado da maior parte das construcções da cidade (p. 81 e 82).

Na história do município, a Estrada de Ferro Sapucaí representou um marco transformador, não apenas na infraestrutura, mas também na vida de seus habitantes. A nova dinâmica impulsionada pela ferrovia trouxe novas oportunidades de comércio, facilitando a circulação de pessoas e mercadorias. No entanto, a modernização acelerada e os desafios de adaptação à nova realidade também geraram tensões e conflitos, como as questões relacionadas à propriedade e à infraestrutura. A análise do autor, ao destacar os impactos da ferrovia na arquitetura e no cotidiano da população, convida-nos a refletir sobre o complexo processo de desenvolvimento e as suas consequências para as comunidades locais.

3.3 Dinâmica populacional no período do meio técnico

A geografia da população epistemologicamente se desenvolveu à medida que a ciência geográfica e as escolas do pensamento geográfico se desenvolveram também. Em um primeiro momento, um dos geógrafos clássicos que discutirá sobre os desdobramentos da compreensão populacional será Vidal de La Blache, quando diz da importância de entender o fenômeno populacional para apresentar as proporções numéricas de cada região (Damiani, 1991).

Além desse posicionamento que demonstra a importância da recomposição das dinamicidades dos povos, Pierre George trará outras considerações que enfatizam o papel da

geografia humana dentro dos estudos populacionais da sua época. Sendo assim, a discussão da Geografia da População passa por questões que envolvem as escolas do pensamento geográfico, tendo, inicialmente, a descrição como ponto basilar para estudar as características do meio. Em outros momentos, o seu desenvolvimento se dará pela compreensão matemática, ou, então, pela criticidade do movimento com a Geografia Crítica.

Dentro do quadro histórico, seu desenvolvimento se dá pelo aprimoramento da técnica na vida humana. No começo, tinha-se uma organização da técnica para se obter os alimentos baseada na caça-coleta, e, posteriormente, o desenvolvimento da agricultura. Essa historicidade demonstra que a evolução do quadro populacional ocorreu por conta da estabilidade ocasionada, pondo a fecundidade em um patamar de aumento, contribuindo para um maior número de pessoas (Matos, 2011).

Para Santos, Levy e Szmrecsányi (1980), é preciso considerar que a população constitui uma única noção de tempo individual que leva em conta seu fator biológico, pois o homem constitui uma expectativa de vida própria. Por isso, ao considerar a dinâmica populacional é preciso pensar que a alta, a constância e a diminuição populacional ancoram-se em diversos fatores, tendo em vista que os eventos condicionam e influenciam a vinda de pessoas, proporcionando a elevação ou a queda do número de nascidos, mortos e migrantes.

Segundo Damiani (1991), as vertentes diante da dinâmica populacional são formuladas dentro da natalidade, da migração e da mortalidade. Essas análises giram em torno de

Variações sutis, como dados sobre mortalidade diferencial - segundo a idade e a camada social ou profissional; mortalidade infantil; migrações internacionais e internas, permanentes e temporárias, etc. Tal detalhamento pode revelar mais profundamente os fenômenos considerados, esclarecer diferenciações sociais de sua incidência ou destacar suas variações em diferentes momentos. Por exemplo, o momento de predominância das migrações internacionais e aquele das migrações internas. (p. 28)

Somente nos últimos tempos, o crescimento populacional tem sido determinado, em última instância, pelos índices de natalidade e pelos fluxos migratórios ao longo dos últimos séculos. Além disso, a análise da dinâmica populacional não se limita a um momento específico da história, mas, sim, a um conjunto de fatores que explicam o crescimento, a queda ou a estabilidade populacional. Assim, restringir-se a uma única década pode empobrecer a interpretação histórica (Damiani, 1991).

Segundo Bacci, Matos, Horta e Dalio (2014), o mundo, entre 1700 e 1950, apresentou um crescimento demográfico de 1.849.000.000 (um bilhão oitocentos e quarenta e nove milhões) de habitantes. Em 1700, a população global era estimada em 680.000.000 de

peças, alcançando 2.529.000.000 em 1950. A evolução nos demais anos do período foi a seguinte: 1750 (771.000.000), 1800 (954.000.000), 1850 (1.241.000.000) e 1900 (1.634.000.000).

Na América, o crescimento demográfico também foi notável. De acordo com os autores, o continente contava, em 1700, com cerca de 12.000.000 de habitantes. Em 1750, a população aumentou para 18.000.000; em 1800, chegou a 24.000.000; em 1850, totalizou 59.000.000; em 1900, alcançou 165.000.000, e, em 1950, atingiu aproximadamente 339.000.000 de habitantes.

As transformações no meio geográfico, especialmente no aspecto demográfico, ocorreram de forma complexa e influenciaram profundamente a formação socioespacial dos territórios. No Brasil, por exemplo, uma das principais dinâmicas foi o crescimento populacional durante os períodos colonial e imperial. Entre 1776 e 1869, a população brasileira aumentou de 1.900.000 para 10.415.000 de habitantes, um acréscimo de 8.515.000 de pessoas. Esses dados, registrados pelas autoridades da época, ilustram a magnitude desse processo, conforme demonstrado na tabela 2.

Tabela 2 - População total do Brasil no período entre 1776 e 1869.

Ano	Autoridades	População
1776	Abade Corrêa da Serra	1 900 000
1808	D. Rodrigo de Souza Coutinho	4 000 000
1810	Alexandre Humboldt	4 000 000
1815	Conselheiro Velloso de Oliveira	2 860 525
1817	Henry Hill	3 300 000
1819	Conselheiro Velloso de Oliveira	4 395 132
1825	Casado Giraldes	5 000 000
1827	Rugendas	3 758 000
1829	Adriano Balbi	2 617 900
1830	Malte – Brun	5 340 000
1834	Senador José Saturnino	3 800 000
1850	Senador Cândido Baptista de Oliveira	8 000 000
1856	Barão do Bom Retiro	7 677 800
1867	"O Império na Exposição etc."	11 780 000
1868	Cândido Mendes	11 030 000
1869	Senador T. Pompeu de Souza Brasil	10 415 000

Fonte: Souza (1986).

Uma das autoridades estrangeiras que visitaram o Brasil foi o geógrafo alemão Alexander von Humboldt, em 1810, que estimou a população total do país em 4.000.000 de pessoas. Durante o período histórico em questão, a Coroa portuguesa e, posteriormente, o Império não demonstravam interesse em realizar um levantamento sistemático da população

brasileira (Prado Júnior, 2004). Por essa razão, os registros realizados por especialistas estrangeiros que estiveram no Brasil nesse período foram de grande importância.

O primeiro censo oficial do Brasil foi realizado apenas na década de 1870, já durante a fase imperial. Esse levantamento apontou uma população total de 9.930.478 de pessoas no país, sendo 4.016.922 de habitantes na Região Sudeste e 2.039.735 na província de Minas Gerais, conforme demonstrado na tabela 3.

Tabela 3 - População do Brasil nos censos demográficos do século XIX e XX.

variável - população (pessoas)							
Recortes Espaciais	Anos						
	1872	1890	1900	1920	1940	1950	1960
Brasil	9.930.478	14.333.915	17.438.434	30.635.605	41.236.315	51.944.397	70.191.370
Sudeste	4.016.922	6.104.384	7.824.011	13.654.934	18.345.831	22.548.494	31.062.978
Minas Gerais	2.039.735	3.184.099	3.594.471	5.888.174	6.763.368	7.782.188	9.960.040

Fonte: Censos Demográficos do IBGE.

O processo de constituição demográfica do Brasil foi marcado por um crescimento expressivo. Em 1872, durante o período imperial, a população do país era de pouco mais de nove milhões de pessoas, sendo 51,6% de homens (Senado Federal, 2022). Já em 1960, esse número ultrapassava os setenta milhões. Esse intervalo de quase 90 anos registrou um aumento populacional de mais de sessenta milhões de habitantes, refletindo a expansão socioespacial brasileira ao longo do tempo.

A Região Sudeste⁹ destacou-se como a área de maior crescimento populacional nesse período. Em 1872, a região abrigava pouco mais de quatro milhões de habitantes, número que saltou para mais de 31 milhões em 1960. Minas Gerais, em particular, apresentou um crescimento significativo, passando de cerca de dois milhões de habitantes em 1872 para

⁹ O que era a Região Sudeste em 1872? É importante esclarecer que a utilização deste conceito para esse período segue a definição atual do IBGE, uma vez que o Sidra, ao realizar o levantamento populacional, já considera os estados de Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo como dessa região. No entanto, essa delimitação regional é datada de 1970, e, portanto, o Brasil em 1872 contava com uma divisão político-administrativa diferente daquela que conhecemos hoje.

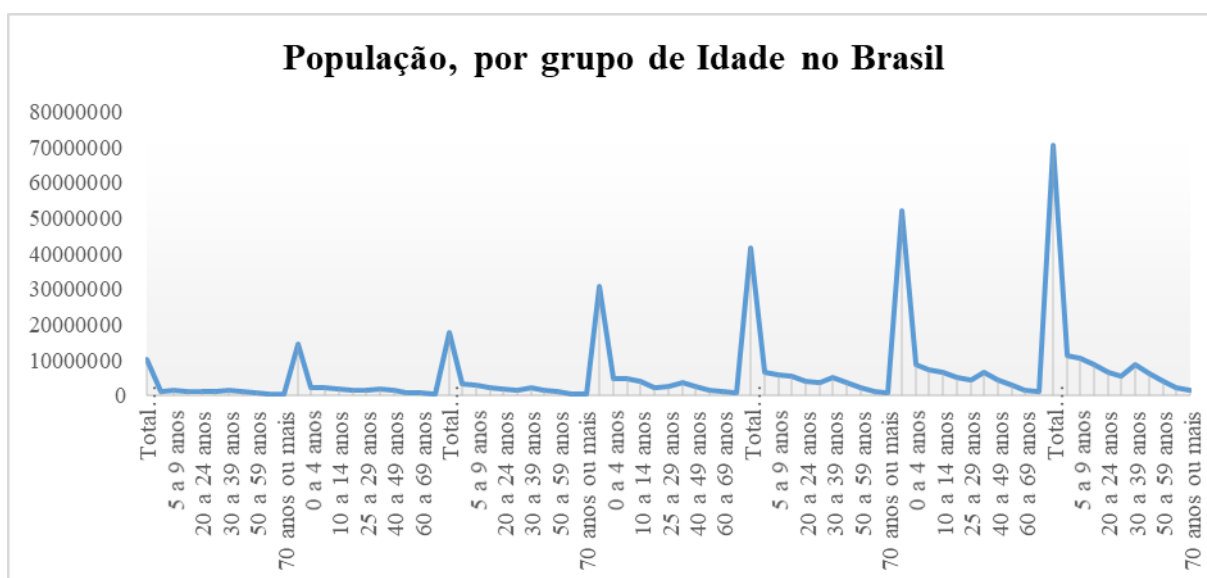
aproximadamente dez milhões em 1960, um aumento de quase oito milhões de pessoas. Já a porção Sul do Estado de Minas Gerais continha, em 1890, 19% da população; em 1900, cerca de 20%; em 1920, 21%; e, em 1940, cerca de 18%.

De acordo com Prata (2008), em 1776 a Capitania de Minas Gerais contava com uma população de 320 mil habitantes. Desse total, 52,2% eram pessoas negras, 25,7% mulatos e 22,1% brancos. As mulheres representavam 38% da população total, evidenciando um perfil demográfico diverso para a época.

A alta concentração populacional em determinadas regiões do Brasil pode ser explicada por diversos fatores, entre eles a concentração técnica histórica em áreas específicas, que Santos e Silveira (2003) denominam de Região Concentrada. Além disso, eventos econômicos e políticos ao longo da história incentivaram a migração e a fixação da população nessas localidades.

No que se refere ao perfil etário, os dados representados no gráfico 1 indicam que, em todos os anos analisados, a população brasileira de 0 a 39 anos permaneceu acima de um milhão de pessoas, evidenciando a predominância de uma população jovem ao longo do período estudado.

Gráfico 1 - Representação da população, por grupo de Idade no Brasil, no período entre 1872 e 1960.



Fonte: Censos Demográficos IBGE.

No período exposto pelo gráfico 1, o valor total da população de 0 a 40 anos apresentou um crescimento considerável ano após ano, atingindo a casa dos milhões. Por outro lado, o valor total da população de 50 a 70 anos ou mais só alcançou a marca de um milhão nos anos de 1920 e 1960. Antes disso, a variação populacional era evidente, com números como 574.627 e 340.299 (1872), 733.361 e 243.711 (1890), 771.330 e 203.164 (1900), 1.451.319 e 433.310 (1920), 2.044.907 e 599.395 (1940), 2.650.314 e 753.873 (1950), e, por fim, 3.752.967 e 1.140.358 (1960).

Esse aumento na expectativa de vida está, sem dúvida, relacionado às transformações técnicas ocorridas no mundo. Bacci, Matos, Horta e Dalio (2014) afirmam que, a partir do século XVIII, iniciou-se a era da aceleração moderna do crescimento populacional, marcada por altas taxas de natalidade e baixa expectativa de vida. Contudo, no final do século XIX, essa expectativa começou a se modificar de forma tímida, impulsionada pelo aumento dos recursos materiais, como melhorias nos padrões de nutrição, vestuário e higiene e maior resistência às doenças. Esse período também foi marcado pela conscientização da população sobre determinadas práticas de saúde e pelo desenvolvimento de vacinas.

Com base nesses fatores destacados pelos autores e considerando os dinamismos das formações socioespaciais, o Brasil passou a apresentar a configuração populacional por faixas etárias observada nas décadas finais do século XIX e na primeira metade do século XX, com dados de 0 a 4 anos, de 5 a 9 anos, de 10 a 14 anos, de 25 a 29 anos, de 40 a 49 anos, de 60 a 69 anos e de 70 anos ou mais. No caso específico de Pouso Alegre, a população no século XIX era composta por 28.140 habitantes em 1833, 22.004 habitantes (11.113 homens e 10.891 mulheres) em 1872 e 37.422 habitantes (18.811 homens e 18.611 mulheres) em 1890, conforme demonstrado na tabela 4.

Tabela 4 - População total e por sexo de Pouso Alegre no período entre 1833 e 1960.

ano	variável (pessoas)		
	Total	sexo	
		Homens	mulheres
1833	28.140	-	-
1872	22.004	11.113	10.891
1890	37.422	18.811	18.611
1900	31.863	16.660	15.203
1920	67.401	34.713	32.688
1940	67.835	-	-
1950	41.240	-	-
1960	27.208	13.353	13.855

Fonte: Listas Nominativas (1833); Sinopse Estatística do Estado de Minas Gerais (1939); Fonte: Censos Demográficos IBGE.

Em relação ao aumento populacional, entre 1890 e 1920 houve um crescimento de 29.977 pessoas. No período de 1920 a 1940, o crescimento foi de apenas 434 pessoas. Contudo, ocorreram quedas populacionais significativas em outros intervalos, como entre 1830 e 1872, com uma redução de 6.136 pessoas; de 1890 a 1900, com uma diminuição de 5.559 pessoas; de 1940 a 1950, com uma perda de 26.595 pessoas; e, por fim, de 1950 a 1960, com uma redução de 14.032 pessoas.

Com relação ao sexo, percebeu-se que, de 1833 a 1950, os homens eram maioria em relação às mulheres. Esse quadro se modificou em 1960, quando o município passou a registrar mais mulheres do que homens. Esse fato indica um momento de transição nas características da natalidade ou da mortalidade, considerando a convergência na expectativa de vida entre os sexos. Contudo, na segunda metade do século XX, houve uma mudança mais clara, com as mulheres se tornando maioria na população.

Outro levantamento populacional importante para o município foi realizado pela Diocese de Pouso Alegre (1950), que apontou que a população em 1901 era de 30.708 pessoas, distribuídas entre as paróquias e a sede. Já em 1916, a população totalizou 40.100 pessoas, sendo 33.000 nas paróquias e 7.100 na sede. Por fim, em 1949, o número total foi de

65.177 pessoas, das quais 47.541 estavam nas paróquias e 17.636 na sede, como é demonstrado na tabela 5.

Tabela 5 - População residente da paróquia, da sede, e total da unidade territorial de Pouso Alegre em 1901.

ano	variável (pessoas)		
	população das paróquias	população da sede	população total
1901	25.000	5.300	30.708 ¹⁰
1916	33.000	7.100	40.100 ¹¹
1949	47.541	17.636	65.177 ¹²

Fonte: Diocese de Pouso Alegre (1950).

Essas quedas podem ser explicadas, em parte, pelas emancipações de áreas que anteriormente faziam parte de Pouso Alegre e que se tornaram municípios independentes, como Silvanópolis (1911), Borda da Mata (1923), Estiva (1948) e Congonhal (1953), conforme ilustrado na figura 12¹³ (Andrade, 2014).

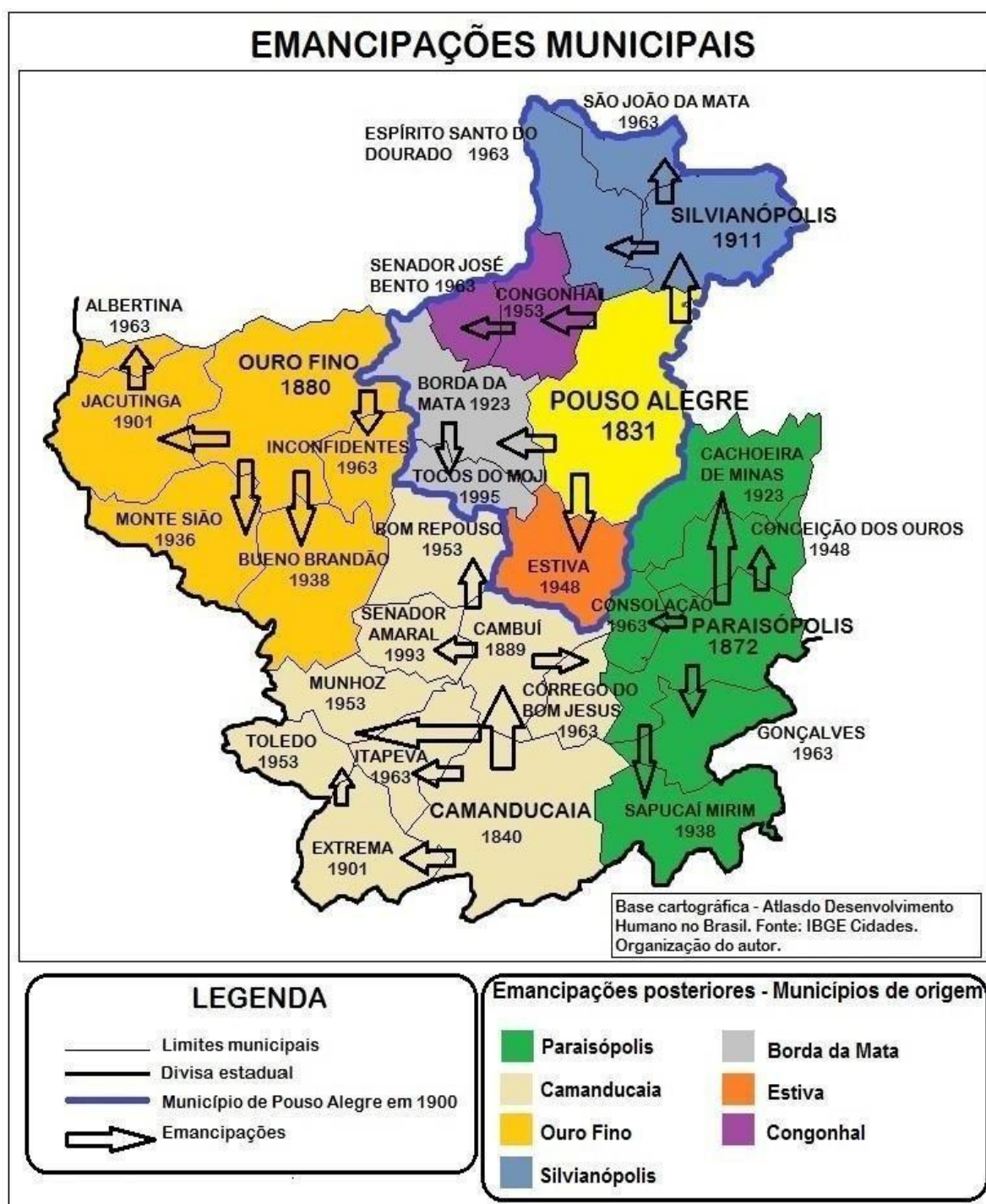
¹⁰ Foi contabilizado nesta contagem as paróquias de Borda da Mata, Congonhal, Estiva e Pouso Alegre. Silvanópolis ainda fazia parte da cidade de Pouso Alegre, contudo, não tinha registro sobre (Diocese, 1950).

¹¹ Foi contabilizado nesta contagem as paróquias Borda da Mata, Congonhal, Estiva e Pouso Alegre (Diocese, 1950).

¹² Foi contabilizado nesta contagem as paróquias de Congonhal e Pouso Alegre (Diocese, 1950).

¹³ As setas presentes na figura 12 significam a ocorrência das emancipações das unidades territoriais que pertenciam a Pouso Alegre ou a outro município, e também de locais que estavam anexados até então a estes. Este mapa retrata a situação da localidade pesquisada em 1900.

Figura 12 - Desmembramentos municipais de Pouso Alegre no século XX.



Fonte: Andrade (2014).

As limitações territoriais de Pouso Alegre com relação às suas fronteiras nos séculos passados apresentavam proporções diferentes devido à sua condição de centralidade (Stefani, 2016), o que conferia ao município uma ampla extensão territorial. Entretanto, a partir de 1900, o território passou a adquirir outras dimensões em função das emancipações ocorridas

nos séculos XIX e XX (Andrade, 2014). Um exemplo disso é o caso de Ouro Fino, que se tornou independente em 1868, quando foi elevada à condição de vila, desmembrando-se de Pouso Alegre (Prefeitura de Ouro Fino).

3.3.1 Natalidade

Nascimento é um dos fenômenos primordiais no desenvolvimento da humanidade, haja vista que, a partir dele, dá-se nosso desenvolvimento, sendo a sua variação histórica causa de diversos aspectos responsáveis pelas alterações de dados e formas de se viver. Para o Dicionário Online de Língua Portuguesa, a palavra “natalidade” significa: “conjunto de ocorrências de nascimentos, durante um tempo determinado”.

Já o nascimento, para esta fonte, conta com o seguinte significado:

Nascença; ação ou resultado de nascer, de vir ao mundo. [Medicina] Expulsão natural ou retirada cirúrgica de um nascituro (aquele que nasceu) do corpo de sua mãe, possuindo estes sinais de vida como batimento cardíaco, pulsação do cordão umbilical ou contração muscular voluntária. [Zoologia] Expulsão natural ou cirúrgica do(s) filhote(s) de uma fêmea. [Figurado] Origem; o que indica começo, princípio: o nascimento do jazz. Etimologia (origem da palavra *nascimento*). Nascer + i + mento (Dicionário de Língua Portuguesa).

Segundo o Dicionário Online de Língua Portuguesa, o termo "natalidade" está relacionado ao nascimento e conta com diferentes significados dependendo da área de estudo, como Medicina e Zoologia. Para Paes (2018, p. 122), a dinâmica populacional pode ser analisada a partir de três componentes principais: nascimento (também referido como fecundidade), mortalidade e migração. O autor define o nascimento como “um evento na perspectiva de um nascido vivo” e a fecundidade como “a descrição do status do sujeito procriador, tradicionalmente a mulher”.

Historicamente, o Brasil não apresentou uma preocupação consistente ao registrar robustamente os dados de natalidade nos censos demográficos realizados nos anos de 1872, 1890, 1900, 1920, 1940, 1950 e 1960. Em razão dessa lacuna, foi necessário recorrer a registros alternativos, como os encontrados na Diocese de Pouso Alegre.

No contexto da formação socioespacial brasileira, a faixa etária de 0 a 4 anos, no período entre 1872 e 1960, apresentou uma relativa estabilidade, variando entre 0% e 20% da população brasileira, conforme ilustra o gráfico 1. Em Pouso Alegre, no ano de 1916, foram registrados 475 nascimentos, distribuídos da seguinte forma: 175 na paróquia de Borda da Mata e 300 na paróquia de Pouso Alegre, conforme indicado na tabela 6.

Tabela 6 - Registro de nascimento da unidade territorial de Pouso Alegre em 1916.

paróquias	variável (pessoas)
	nascidos
Borda da Mata	175
Congonhal	-
Estiva	-
Pouso Alegre	300
Total	475

Fonte: Diocese de Pouso Alegre (1950).

Em 1916, as paróquias que pertenciam ao topônimo aqui estudado eram as de Borda da Mata, Congonhal, Estiva e Pouso Alegre. Apenas duas dessas enviaram o valor para que a diocese pudesse registrar em seus dados. Com isso, pode-se dizer que a contagem deixou de lado alguns dos dados destas. Já em 1949, a unidade territorial em suas duas paróquias registrou 1.274 nascimentos, como demonstra a tabela 7.

Tabela 7 - Registro de nascimento da unidade territorial de Pouso Alegre em 1949.

paróquias	variável (pessoas)
	nascidos
Congonhal	300
Pouso Alegre	974
Total	1.274

Fonte: Diocese de Pouso Alegre (1950).

No ano de 1916, a paróquia de Pouso Alegre registrava 974 nascimentos, enquanto a paróquia de Congonhal apresentava cerca de 300 nascimentos. A análise do movimento da natalidade em Pouso Alegre no período entre 1916 e 1949 revela um crescimento de 799 nascimentos, evidenciando uma dinâmica de aumento no número de nascimentos ao longo das décadas de 1920, 1930 e 1940. É importante, contudo, destacar a fragilidade dos dados de 1916, uma vez que não estão disponíveis informações referentes às demais paróquias

pertencentes ao município, o que limita a análise.

Esse montante no número de nascimentos representa uma elevação histórica significativa no crescimento demográfico do município, mesmo que os censos do IBGE apontem uma redução na população total em determinados períodos. A análise desse fenômeno pode ser conectada a dinâmicas demográficas de períodos anteriores à Revolução Industrial, como discutido por Matos (2011). O autor argumenta que, em contextos antes desse evento, os filhos eram considerados indispensáveis para a sobrevivência familiar. Este paradigma contrasta com transformações posteriores, quando, com a urbanização e mudanças econômicas, o filho passa a ser percebido também como um custo. Essa mudança de mentalidade ilustra as complexas relações entre estrutura social, economia e demografia em contextos históricos distintos, tendo o lugar um dinamismo próprio.

3.3.2 Mortalidade

A mortalidade é o fenômeno que consiste em ser caracterizado como o encerramento da vida na Terra. Esse fato pode ocorrer em diversos momentos da trajetória humana. Paes (2018) define três tipos, que são: a mortalidade infantil, a mortalidade por causa e a mortalidade materna, propondo formas de cálculos observados que demonstraram se há alta, queda e até mesmo estabilidade desse evento.

Matos (2011) define sua abordagem na necessidade de compreensão de quatro aspectos, que são: Taxa Bruta de Mortalidade (TBM), Taxa Específica de Mortalidade (TEM), Taxa de Mortalidade Infantil (TMI) e Expectativa de Vida. A TBM consiste em ser uma medida de risco independente da intensidade travada pela interpretação desta variável. Aqui, não se considera as conjunturas dos países. Já a segunda abordada necessita de uma compreensão mais ampla, tendo em vista seu abarcamento de diferentes formas da faixa etária e da característica econômica do país. A TMI é um dado muito importante para as discussões populacionais, pois se baseiam nela para o entendimento de outros dados, uma vez que se pode conhecer a qualidade de vida de uma determinada população. E, por fim, há a expectativa de vida, que, como o próprio nome se refere, constitui formas de observação da média de vida do ser humano desde seu nascimento até sua morte.

Damiani (1991) pontua que é a partir da demografia que se faz o levantamento do movimento natural da população, pois, com a evolução técnica e científica com o caminhar médico, reproduz-se uma notável baixa na mortalidade.

A demografia auxilia na determinação da balança dos nascimentos e dos óbitos, ou, em outras palavras, do movimento natural de crescimento da população. Os progressos da medicina e da higiene são destacados na responsabilidade do retrocesso da mortalidade (p. 59).

O processo de mortalidade nem sempre contou com centralidade empírica no entendimento de uma dada realidade por conta de sempre ter se mantido nas alturas, constituindo elevados números.

Eram altas as taxas de mortalidade e de natalidade em quase todos os lugares. Em alguns momentos havia oscilações, e não raro a mortalidade superava a natalidade, o que causava déficits populacionais e forte redução do ritmo de crescimento demográfico. A mortalidade foi a componente chave da dinâmica demográfica por milênios. Dela dependiam as estruturas populacionais e a capacidade de aumento populacional, porque nas crises de mortalidade frações expressivas da população desapareciam (Damiani, 1991, p. 93).

Para Santos, Levy e Szmrecsányi (1980), a mortalidade no Brasil exerceu historicamente um impacto significativo sobre o crescimento populacional entre 1872 e 1920. Baseando-se em Arriaga, os autores destacam que a expectativa de vida média no país era de apenas 27 anos em 1872, aumentando para 29 anos em 1900 e para 32 anos em 1920 — um incremento de 5 anos ao longo de cinco décadas. Já no período de 1920 a 1940, a expectativa de vida dos brasileiros apresentou um avanço mais expressivo, alcançando 40 anos em 1920 e 43 anos em 1940.

No que se refere às taxas de mortalidade, observa-se uma redução gradual ao longo do tempo. Entre 1840 e 1870, a taxa de mortalidade era de aproximadamente 32,3%, reduzindo-se para 29,5% entre 1871 e 1890, 27,8% entre 1891 e 1900, e 26,4% entre 1901 e 1920. No período subsequente, de 1921 a 1940, a taxa caiu para 24,8%, seguida de 20,9% entre 1941 e 1950, atingindo, finalmente, 14,2% entre 1951 e 1960. No intervalo de 1900 a 1960, a esperança de vida temporária apresentava um percentual de 9,85 anos para os homens e 10,04 anos para as mulheres (Santos; Levy; Szmrecsányi, 1980).

No contexto específico de Pouso Alegre, os registros paroquiais das localidades de Borda da Mata, Congonhal, Estiva e Pouso Alegre apontam que, em 1901, o número total de óbitos contabilizados foi de 491 pessoas, conforme ilustrado na tabela 8.

Tabela 8- Número de óbitos da unidade territorial de Pouso Alegre em 1901.

paróquias	variável (pessoas)
	óbitos
Borda da Mata	175
Congonhal	36
Estiva	80
Pouso Alegre	200
Silvanópolis	-
Total	491

Fonte: Diocese de Pouso Alegre (1959).

Interpretando a tabela 8, a paróquia que mais apresentou número de mortes foi a de Pouso Alegre (200), seguida por Borda da Mata (175), Estiva (80) e Congonhal (36). Pouso Alegre nesse momento estava acabando de receber a diocese, instaurada em 1900, desmembrando de Mariana e São Paulo. A diocese numerava que, nesse momento, sua população consistia em ser de 30.708. Já em 1916, o número de óbitos aumentou, em Pouso Alegre, como demonstra a tabela 9, por mais que houvesse o desmembramento de Silvanópolis, que também não foi contabilizada no anterior, pois teve sua paróquia criada posteriormente a 1900.

Tabela 9 - Número de óbitos da unidade territorial de Pouso Alegre em 1916.

paróquias	variável (pessoas)
	óbitos
Borda da Mata	242
Congonhal	-
Estiva	-
Pouso Alegre	181
Total	423

Fonte: Diocese de Pouso Alegre (1959).

Nesse ano de 1916, a paróquia que mais apresentou número de mortes foi a de Borda da Mata (242), seguida da de Pouso Alegre (181), contendo no total cerca de 423 óbitos. Conconhal e Estiva não foram contabilizadas, pois provavelmente não enviaram os seus relatórios para que a diocese conseguisse fazer as suas contabilizações em seu material estatístico. Já em 1949, o número de óbitos da diocese apresentou queda, haja vista que, de 423 em 1916, caiu para 406, conforme demonstra a tabela 10.

Tabela 10 - Número de óbitos da unidade territorial de Pouso Alegre em 1949.

paróquias	variável (pessoas)
	óbitos
Congonhal	96
Pouso Alegre	310
Total	406

Fonte: Diocese de Pouso Alegre (1959).

A tabela 10 evidencia que a paróquia de Pouso Alegre registrou um número significativamente maior de óbitos (310) em comparação à paróquia de Congonhal, que contabilizou 96 óbitos. Cabe destacar que, nesse período, o território municipal já havia sido desmembrado, concedendo independência político-administrativa às localidades de Silvanópolis, Borda da Mata e Estiva. Assim, foram consideradas apenas as duas paróquias que correspondiam ao território investigado nesta pesquisa.

A análise do quadro histórico do desenvolvimento da mortalidade revela uma redução no número de óbitos concomitante ao crescimento populacional local, com os registros caindo de 491 para 423, e, posteriormente, para 406. A diminuição da mortalidade nesse período pode ser interpretada como resultado de um conjunto de fatores associados aos usos do território, marcados pela transformação do meio geográfico decorrente do aprimoramento técnico. Esses fatores incluem a melhoria de recursos materiais, a conscientização da população sobre práticas de saúde, o desenvolvimento de vacinas e a modernização da infraestrutura urbana (Oliveira, 1900; Bacci; Matos; Horta; Dalio, 2014; Andrade, 2014).

3.3.3 Migração

O processo de estruturação da migração, historicamente, era menos controlado, e efetivaria o direito de ir e vir entre lugares para os cidadãos. Ele ocorre em diferentes modalidades, dentre elas: as migrações internacionais, as migrações internas e as migrações temporárias. Todavia, com a difusão do capitalismo, difundido com as Grandes Navegações, o processo de riqueza se constituía pela concentração de acúmulos. Damiani (1991) vai salientar que o início desse processo ocasiona um esvaziamento da Europa, tendo como enfoque de concentração a América do Norte, nos EUA, e, na América Latina, Argentina e Brasil.

Naquele momento, a imigração ultramarina apresentava aspectos de um acentuado esvaziamento do continente europeu, marcando um intenso processo da presença estrangeira em outros continentes. Para entender a dinâmica da migração no território brasileiro e os fatores que motivam a concentração desses grupos em uma determinada região, é crucial entender os acontecimentos que motivaram tal deslocamento. De acordo com Ravestein (1973), citado por Porto (2014), as leis da migração são identificadas em tais fenômenos:

- i) A maioria dos migrantes desloca-se por curtas distâncias; como consequência, a mobilidade e o deslocamento geral da população produzem “correntes migratórias”, que se orientam para grandes centros comerciais e industriais; ii) como os migrantes movem-se em direção aos centros de absorção, eles deixam “brechas” nos locais de saída, que são ocupadas por aqueles de áreas mais distantes; assim, a força de atração desses centros é sentida, gradativamente, nos mais remotos pontos do reino; iii) o processo de dispersão é o inverso do de absorção e apresenta características semelhantes; iv) cada corrente migratória principal produz uma corrente inversa compensatória; v) as pessoas que migram a longas distâncias dirigem-se, preferencialmente, para grandes centros comerciais ou industriais; vi) as naturais das cidades migram menos do que os naturais das áreas rurais do país; e vii) as mulheres migram mais que os homens (Porto, 2014, p. 40)

As razões por trás da migração não se limitam apenas aos fatores isolados; elas também dependem das condições tanto do local de origem quanto do destino. Portanto, é crucial compreender o contexto histórico em que cada uma dessas condições foi concebida (Porto, 2014).

Com a concentração de capital, delimitam-se novas formas de se pensar a organização da sociedade, pois o que antes se compreendia como fator único de movimentação passa a ser pensado no coletivo. Independentemente da abordagem explicativa do fenômeno migratório, um aspecto relevante no estudo deste fenômeno é considerar os fatores que produziram a mobilidade no espaço geográfico. No quadro 5, é possível identificar grande número desses condicionantes.

Quadro 8 - Fatores determinantes da migração.

Autores	Fatores
Ravenstein	Melhoria das estradas, facilidades oferecidas pelo sistema de transporte ferroviário, desenvolvimento da marinha mercante, hábito de viajar, crescente educação dos trabalhadores, posição geográfica dos lugares e suas características econômicas (comércio e indústria).
Lee	Associados ao local de origem e ao local de destino; obstáculos intervenientes (distância, barreiras físicas), fatores individuais, redes sociais (amigos, parentes).
George	Mobilidade da força de trabalho (vinculada às demandas do sistema socioeconômico), o papel da família, motivação econômica, fatores políticos.
Beujeau-Garnier	Econômicos, redes sociais, rede de transporte e comunicação, condições naturais, fatores históricos, cultura migratória, fome, descontentamento econômico, fatores psicológicos, fantasias construídas sobre local de destino, descoberta de novos recursos.
Singer	Fatores estruturais (deslocamento de atividades no espaço, crescimento diferencial da atividade em lugares distintos); os motivos individuais manifestam-se no quadro geral de condições socioeconômicas.
Damiani	Ligados à expropriação e concentração da propriedade e exploração do trabalhador.
Matos	Fatores objetivos e subjetivos; os primeiros relacionados às questões econômicas (fatores infraestruturais); distância geográfica, dentre outros.

Fonte: Porto (2014).

Dentro do quadro 5, que retrata os fatores motivadores para a ocorrência da migração, reitera-se os fatores defendidos por Damiani (1991) e Matos (2011), que consideram a questão econômica como primordial para que o fenômeno ocorra. No Dicionário Online de Português, a definição de migração é:

Processo de entrada (imigração) e de saída (emigração), de uma pessoa ou de um grupo de pessoas que se muda de país para outro ou de uma região para outra.
 [Ecologia] Movimentação constante de espécies que saem de uma região para outra, normalmente ocasionada por uma mudança no clima ou no ambiente.
 Etimologia (origem da palavra *migração*). Do latim *migratio*.onis.

Essas definições trazidas pelo dicionário casam com as que os autores defendem — de que a migração está vinculada à lógica da migração, que consiste no deslocamento entre lugares em uma mesma localidade e região, em um mesmo país e entre formações socioespaciais. O Brasil em 1872, de acordo com a Fundação Palmares (2013), contava com cerca de 382.132 migrantes vindos de forma voluntária e trazidos à força para o Brasil, sendo representados por 176.057 africanos, 125.876 portugueses, 40.056 alemães, 8.222 italianos e demais nacionalidades. No caso de Pouso Alegre, a população total estrangeira em 1872 estava em 312, e, em 1920, em 605, como demonstra a tabela 11.

Tabela 11 - Número de estrangeiros em Pouso Alegre (MG) em 1872 e 1920.

paróquias	variável (pessoas)		
	número total	Sexo	
		Homem	mulher
1872	312	222	90
1920	605	375	230

Fonte: Censos Demográficos IBGE.

Ao fazer uma análise de 1872, o município em questão apresentou uma redução no número de mulheres estrangeiras, enquanto a presença de homens imigrantes é três vezes maior. Pouso Alegre abrigava 312 imigrantes, sendo 222 homens e 90 mulheres. A maioria era de origem africana (258), dos quais 205 eram escravizados (135 homens e 70 mulheres) e 53 eram livres (33 homens e 20 mulheres). Além disso, o município contava com portugueses (32), italianos (13), espanhóis (2) e pessoas de outras nacionalidades (7). A expressiva presença de africanos reflete o contexto histórico marcado pela escravidão.

O elevado número de escravizados pode ser explicado pelo tráfico transatlântico e pela demanda de mão de obra para a produção de açúcar, a mineração de ouro e a expansão cafeeira durante os períodos colonial e imperial. Quanto aos imigrantes europeus, sua presença pode ser atribuída a uma série de fatores, como mudanças na estrutura agrária e política de seus países de origem, políticas de atração promovidas pelo governo brasileiro e o desenvolvimento do capitalismo, que explorava a mão de obra em suas nações de origem (Damiani, 1991; Porto *et al.*, 2023). Esses fatores contribuíram para a vinda de estrangeiros.

Quase meio século depois, em 1920, o perfil migratório de Pouso Alegre tornou-se mais diversificado. O censo daquele ano registrou 607 estrangeiros, com uma leve maioria masculina (375 homens contra 230 mulheres). No entanto, os dados disponíveis não detalham as nacionalidades desses imigrantes. Esses números representam apenas um recorte da dinâmica migratória local, sendo a composição étnica e nacional da população um fenômeno complexo que envolvia outros grupos não identificados no censo.

O censo de 1960 trouxe informações adicionais sobre o tempo de residência dos habitantes no município. Nesse período, Pouso Alegre registrava um total de 7.389 imigrantes, sendo 3.721 homens e 3.668 mulheres, com tempos de residência variados: menos de um ano, entre 1 e 5 anos, entre 6 e 10 anos, e acima de 11 anos. Esses dados evidenciam a

continuidade do fenômeno migratório e o papel do município como polo de atração populacional ao longo do tempo.

Além de migrantes internacionais, havia em Pouso Alegre um contingente significativo de migrantes internos, provenientes de outras cidades mineiras e de diferentes unidades federativas. No censo de 1960, o número de migrantes internos alcançou cerca de 7.000 pessoas, indicando um expressivo crescimento populacional no município. Esse aumento pode ser atribuído às transformações demográficas, políticas e econômicas proporcionadas pela construção de uma importante rodovia na década de 1950 (Carvalho, 2014; Porto, 2016; Artérias, 2022).

4 POUSO ALEGRE NO ATUAL CONTEXTO DA GLOBALIZAÇÃO

Esta seção busca contextualizar, tanto na formação territorial quanto na dinâmica populacional, o Município de Pouso Alegre no período atual para compreender o que é a unidade territorial hoje e quais as transformações do meio geográfico. Organiza-se o presente escrito em partes que abarcarão uma construção teórica e empírica sobre o meio técnico-científico-informacional e as características populacionais do período da globalização no município.

4.1 A inserção de Pouso Alegre no meio técnico-científico-informacional

Discutir a formação territorial atual a partir da periodização proposta por Santos (1996) apresenta desafios que perpassam por uma contextualização da mudança técnica entre os tempos. O próprio autor define que a compreensão do atual período da globalização é difundida com a influência da técnica, da ciência e da informação. Além da técnica, da ciência e da informação, outros aspectos podem ser considerados na elaboração de uma periodização. A título de exemplo, Vasconcelos (2009), ao propor uma periodização para o estudo das cidades no período colonial, partiu de 4 bases para a avaliação: I) estabelecer uma periodização com um tempo longo, analisando os eventos cotidianos e as rupturas; II) contextualizar cada período; III) examinar os agentes mais importantes da cidade de estudo; IV) analisar o desenvolvimento espacial, com suporte da iconografia, cartografia, entre outros meios.

Para a escolha deste momento, considerou-se a definição de Santos (1996) sobre o que é meio técnico-científico-informacional:

Quanto ao meio técnico-científico-informacional é o meio geográfico do período atual, onde os objetos mais proeminentes são elaborados a partir dos mandamentos da ciência e se servem de uma técnica informacional da qual lhes vem o alto coeficiente de intencionalidade com que servem às diversas modalidades e às diversas etapas da produção (p. 234 e 235).

A difusão da implementação desse sistema de técnicas científicas e informacionais em uma escala global é demandado por um capitalismo hegemônico, seletivo por si só, possuinte de concentrações planejadas. Com isso, a chegada de um novo período atinge o estágio de desenvolvimento desse modo de produção capitalista em escala global e os reflexos desse

desenvolvimento nas escalas da formação socioespacial, da unidade da Federação, da mesorregião e do município em estudo.

O Mundo, para Santos (1996), passa de uma mudança do meio técnico para o meio técnico-científico-informacional a partir da Segunda Guerra Mundial — indicativo de uma intensidade que mistura a técnica, a ciência e a informação — dizendo que esse “período começa praticamente após a Segunda Guerra Mundial, e sua afirmação, incluindo os países do terceiro mundo, vai dar-se nos anos 70”.

Com essa afirmativa, o meio técnico-científico-informacional consiste em se apresentar dentro da formação socioespacial brasileira nas décadas de 40 e 50 com a expressiva expansão técnica dos sistemas de transportes — por exemplo, a criação de rodovias, a fabricação de carros e a rápida circulação pessoas e mercadorias, por mais que a primeira rodovia pavimentada tenha se concretizado em 1928, com o trecho Rio-Petrópolis, correspondente, hoje, à BR-040, principal ligação entre duas importantes capitais, Rio de Janeiro e Belo Horizonte (Câmara dos Deputados, 2005).

A ampliação da conectividade irá ampliar o território usado no âmbito nacional. Para o consultor da Câmara dos Deputados, Rodrigo Borges, fatores econômicos e políticos influenciam a expansão em massa de rodovias pelo país afora. Entre esses fatores, podemos citar a criação da Petrobras, a industrialização massiva desse momento, o planejamento feito por Juscelino Kubitschek, de 50 anos em 5, e o desenvolvimento do próprio carro, que influenciaram esse processo e ampliaram esse condicionante (*Ibid*).

O Estado de Minas Gerais foi um dos estados mais privilegiados em função de decisões políticas e econômicas tomadas a nível do governo federal, isto é, histórico, haja vista que a unidade federativa em questão sempre esteve inserida na disputa pelo poder de governança nacional, política do café com leite ¹⁴, entre outras decisões. Já no âmbito econômico, em períodos mais distantes do atual, o evento do ouro e a produção de café consistem em apresentar aspectos que também contribuíram para essa centralidade do estado (Carrara, 2007; Andrade, 2014; Leal, 2022; Fermino, 2023).

A inserção de Pouso Alegre no meio técnico-científico-informacional acontecerá após o advento da instauração da tecnologia, da ciência e da informação, no contexto local. A conectividade com o atual período da globalização marca um intenso processo de chegada de empresas, de técnicas de produção, de transformações urbanas e de pessoas. Essa discussão

¹⁴ A política do café com leite é marcada pela influência na política presidencial brasileira, em que a elite paulista e mineira decidia quem governava o Brasil. Foi feito um revezamento de quatro em quatro anos, no qual, em um mandato, um estado indicava, e, no outro, a outra unidade federativa fazia a indicação (Fausto, 2015).

perpassa por pontos importantes, que são: caracterizar o meio técnico-científico-informacional, dimensionar este atual período e apresentar a dinamicidade populacional discutindo os eventos de natalidade, mortalidade e migração referentes ao município de estudo.

4.1.1 O meio técnico-científico-informacional

Conforme foi abordado na sessão anterior, as técnicas em sua definição são vistas como algo essencial para a vida da humanidade, visto que seu desenvolvimento ocorre em forma de dependência e evolução na cotidianidade vivenciada pela humanidade com o seu meio, nas mais diversas localidades pelo mundo; por isso, a importância de sempre retratar no plural a expressão “técnicas”, e não no singular, pois, além de não ser individual, é formada por um conjunto de relações, como o exemplo dos telefones e dos automóveis, do rádio e do avião, da televisão e do foguete espacial e demais fatos que formam os sistemas técnicos (Santos, 1996).

Dentro dessa abordagem, Santos (1996) dirá que a vida dos sistemas técnicos é constituída de forma sistêmica, ou seja, sempre ocorre de forma conjunta para servir como base para a vida concreta da sociedade. As técnicas possuem também tempo de usos, tendo em vista que novas são criadas e tomam os lugares das antigas, pois existe uma lógica evolutiva e de existência no tempo e espaço.

A vida das técnicas é sistêmica e sua evolução também o é. Conjuntos de técnicas aparecem em um dado momento, mantêm-se como hegemônicos durante um certo período, constituindo a base material da vida da sociedade, até que outro sistema de técnicas tome o lugar. É essa a lógica de sua existência e de sua evolução (p. 176).

Sendo assim, a técnica perpassa momentos de modificação e incorporação ao uso do território pelos agentes políticos, econômicos e sociais, tanto pelos sistemas de ações quanto pelos sistemas de objetos. Com isso, Santos (1985; 1994; 1996; 2005) e Santos e Silveira (2003) propuseram uma divisão do espaço geográfico em períodos, corroborando para a forma de se construir, em nosso entendimento, uma geografia do pretérito que considere para além da história a presença da técnica.

Compreender o MTCI perpassa por uma pesquisa dentro da contextualização dos fenômenos técnicos, científicos e informacionais do mundo:

Nesta nova fase histórica, o Mundo está marcado por novos signos, como: a multinacionalização das firmas e a internacionalização da produção e do produto; a generalização do fenómeno do crédito, que reforça as características da economização da vida social; os novos papéis do Estado em uma sociedade e urna economia mundializadas; o frenesi de uma circulação tornada fator essencial da acumulação; a grande revolução da informação que liga instantaneamente os lugares, graças aos progressos da informática (SANTOS, 2008, p. 117)

A difusão do meio técnico-científico-informacional no Brasil é proporcionada com a ocorrência de uma guerra que irá transformar o mundo. Entretanto, o adentramento desse atual momento da globalização se dá de forma única em cada formação socioespacial, e até mesmo na escala local.

Santos (1996) ainda destaca que o atual período geográfico é o meio técnico-científico-informacional:

Quanto ao meio técnico-científico-informacional é o meio geográfico do período atual, onde os objetos mais proeminentes são elaborados a partir dos mandamentos da ciência e se servem de uma técnica informacional da qual lhes vem o alto coeficiente de intencionalidade com que servem às diversas modalidades e às diversas etapas da produção (p. 234 e 235).

Considerando a definição salientada acima, o momento vivenciado nos dias de hoje apresenta características desse período. Seu início, que marca o momento de ruptura com o meio técnico, é a partir do evento/acontecimento da Segunda Guerra Mundial ocorrida na primeira metade do século passado.

É preciso considerar como questão basilar que os períodos propostos por Santos (1994, p. 33) são “pedaços de tempos marcados por certa coerência entre as suas variáveis significativas, que evoluem diferentemente, mas dentro de um sistema”. Dessa maneira, o processo de compactação dos períodos perpassa pela configuração em rede que será estabelecida na escala local-global. Esse intermédio se dará pela compactação da ciência, da informação e do mercado global conjuntamente.

Santos (2009) salienta que a globalização atual mundializada recria, dentro do conjunto de técnicas, novas técnicas informacionais para se ter a conectividade e a compactação do tempo rápido. Observa-se que consiste em ser a técnica que movimentada a fluidez e a sensação do tempo rápido.

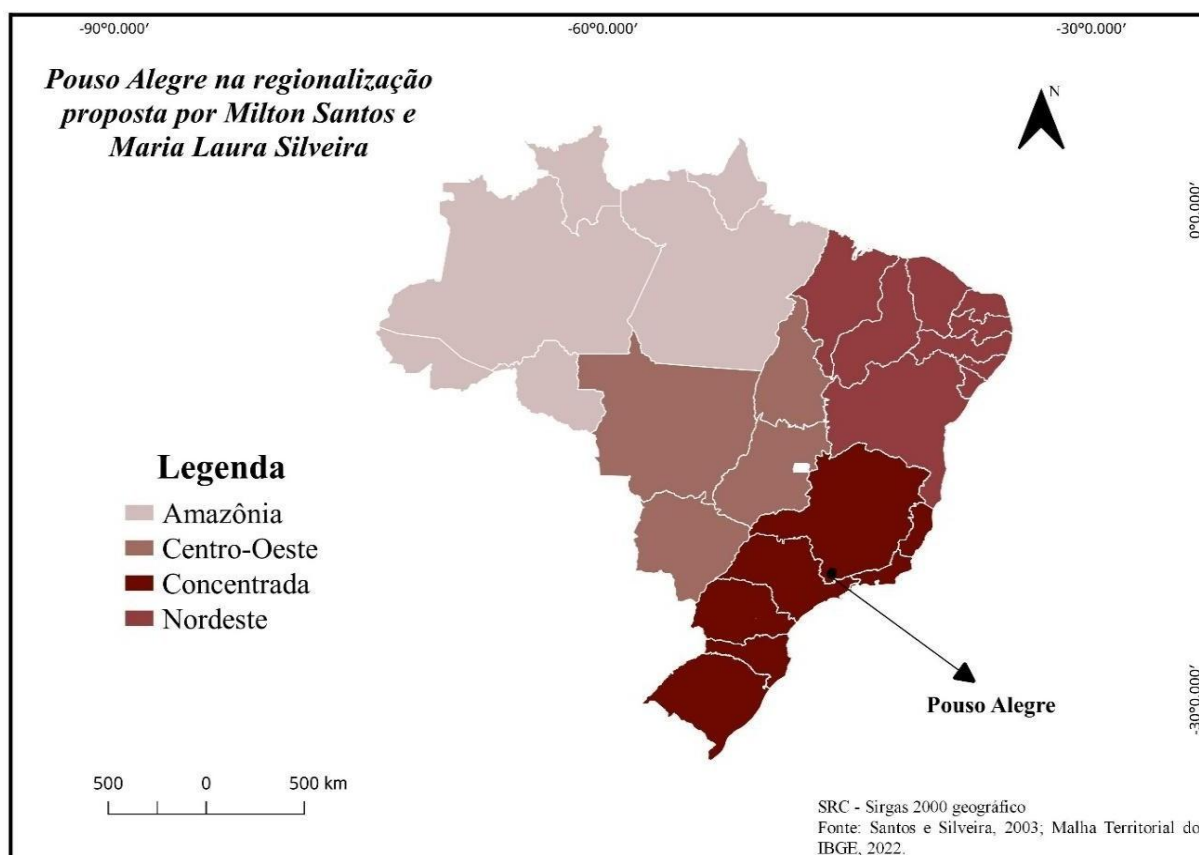
Chega o dinheiro da globalização. Este fim de século permitiu a instalação das técnicas da informação, que são técnicas que ligam todas as outras técnicas, que permitem que as mais diversas técnicas se comuniquem. Essas técnicas da informação que, afinal, a partir do planeta, produzem um mundo (e é por isso que se fala de globalização), e que nos levam à ilusão da velocidade, como matriz de tudo, como necessidade indispensável e que certamente criam uma fluidez potencial transformada nessa fluidez efetiva a serviço de capitais globalizados, de tal modo que o dinheiro aparece como fluido dos fluidos, o elemento que imprime velocidade aos outros elementos da história (p. 10).

O meio técnico-científico-informacional em Pouso Alegre constitui seu dimensionamento a partir da concentração de uma técnica globalizada que está presente na ciência e na informação; como exemplo disso, a alta instauração de indústrias nacionais e multinacionais, a chegada e a duplicação da Rodovia Fernão Dias, a compactação de um hospital regional, o funcionamento de seu aeroporto e a sua influência em outras cidades do Sul de Minas demonstram a presença deste atual período.

A chegada do meio técnico-científico-informacional em um país não se distribui de forma igualitária, haja vista os interesses seletivos do capitalismo. No caso do Brasil, Santos e Silveira (2003) propuseram uma divisão regional nacional¹⁵, considerando o uso do território e a difusão da entrada ao meio da técnica, da ciência e da informação. Essa representação está ilustrada na figura 13, demonstrando, também, a localização de Pouso Alegre na área concentrada.

¹⁵ A divisão regional proposta acima partiu da inserção dos meios tecnológicos em quatro regiões: Concentrada, Centro-Oeste, Nordeste e Amazônia. Na área Concentrada, mostra os estados pertencentes à divisão regional do IBGE de 1970 equivalente ao Sul (Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina) e ao Sudeste (Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo) do Brasil (Contel, 2014). Amazônia, que contempla a Região Norte (Amazonas, Acre, Pará, Rondônia, Amapá e Roraima), possui dificuldade de junção das técnicas em seu espaço, com densidade demográfica baixa. Centro-Oeste contempla os estados: Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e Tocantins. No caso do Nordeste, Maranhão, Rio Grande do Norte, Bahia, Alagoas, Sergipe, Ceará, Pernambuco, Paraíba e Piauí.

Figura 13 - O Município de Pouso Alegre (MG) na regionalização do Brasil proposta por Santos e Silveira (2003).



Fonte: Autor (2024).

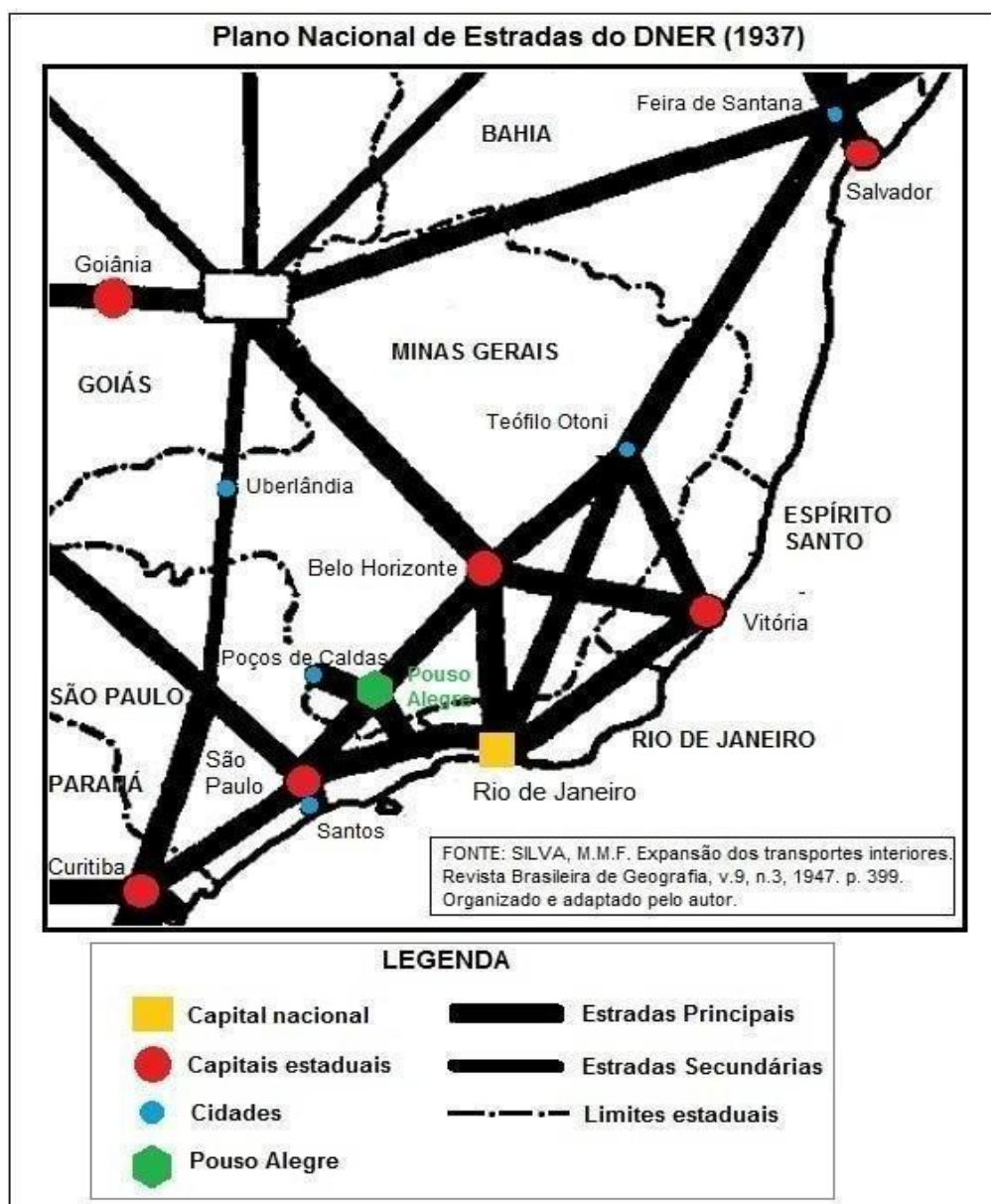
A operacionalização dos períodos para compreender a história urbana e a difusão da técnica na escala da formação socioespacial brasileira com suas diversas questões particulares é o que será desenvolvido no próximo tópico, tendo em vista que irá considerar o momento de configuração territorial do meio técnico-científico-informacional no Brasil e em Pouso Alegre, remontando de forma própria, pois os momentos são diferentes, reiterando a seletividade do capitalismo industrial e técnico em escolher lugares para se instalar.

4.1.2 Dimensões do meio técnico-científico-informacional em Pouso Alegre

Com a construção da Fernão Dias (BR-389), em meados do século XX, as transformações locais ocorrem cotidianamente de forma intensa, e sua materialização trará novos rumos para Pouso Alegre. Em 1950, o governo de Juscelino Kubitschek, com o seu lema de 50 anos em 5, promove mutações importantes dentro do sistema industrial e do

sistema de transporte brasileiro, por mais que o governo brasileiro de Getúlio Vargas já planejasse a construção da BR-389 e de outras desde 1937 para uma melhor integração e conectividade da formação socioespacial brasileira, conforme é enfatizado na figura 14.

Figura 14 - Plano Nacional de Estradas do Departamento Nacional de Estradas e Rodagem no Brasil (1937).



Fonte: Silva (1947) e Andrade (2014).

Conforme é demonstrado na figura 14, o Brasil perpassa por transformações frente à sua estrutura, já que, com o advento da industrialização, esses acontecimentos ocasionaram bruscas mudanças no Brasil e nas partes que o compõe. O dimensionamento do meio técnico-

científico-informacional se dá por meio de diferentes variáveis, sendo uma delas a populacional e de seu movimento. Com a técnica, a ciência e a informação, o uso do território deixa de ter características das condições vivenciadas nos séculos passados, como um exemplo disso, passando a possuir uma maior expectativa de vida.

A compreensão do meio técnico-científico-informacional possui interface em diversas questões que estão presentes no uso do território pretérito e atual. Essa influência se dará dentro dos sistemas que farão com que a unidade Pouso Alegre esteja em uma lógica globalizada. Santos (1985) diz que, para esta inserção, é preciso apresentar tais características:

Este período é o da grande indústria e do capitalismo das grandes corporações, servidas por meios de comunicação extremamente difundidos e rápidos (F. Álvares, 1970, 1971). Ele começa com o fim da Segunda Guerra Mundial. A tecnologia constitui sua força autônoma e todas as outras variáveis do sistema capitalista, de uma forma ou de outra, a ela subordinada, em termos de sua operação, evolução e possibilidades de difusão (p. 43).

Então, considerando a globalização no atual momento histórico, entende-se que há uma difusão espacial dentro da formação socioespacial brasileira, e uma outra na escala local, levando em conta que a industrialização, voltada ao capital internacional, marca este intenso processo em Pouso Alegre. Este momento histórico passa a se constituir ali a partir da chegada da empresa J. Macêdo em 1953, que possui um capital anglo-holandês (Andrade, 2014), como a tabela 12.

Tabela 12 - Unidades industriais em funcionamento em Pouso Alegre no período entre 1953 e 2014.

Empresa	Ano de instalação	Setor	Capital
J. Macêdo	1953	Alimentos	Brasileiro
Unilever	1975	Alimentos	Anglo-holandês
Locomotiva	1976	Têxtil	Brasileiro
Britasul	1978	Minerais não metálicos	Local
Usiminas Automotiva ¹⁶	1987	Automobilístico	Brasileiro
Sobral/Invicta	1987	Refratários	Estadunidense
Icebom	1987	Alimentos	Local
Sanobiol	1988	Farmacêutico	Brasileiro
Ideal Antenas	1990	Materiais elétricos	Local
Prática Fornos	1991	Eletrodomésticos	Local
Johnson Controls ¹⁷	1997	Automobilístico	Estadunidense
Sumidenso	1997	Automobilístico	Japonês
Cimed	1998	Farmacêutico	Brasileiro
Tropical Foods	1998	Máquinas industriais	Italiano
União Química	2001	Farmacêutico	Brasileiro
Biobase	2002	Farmacêutico	Local
Braview	2004	Informática	Local
Kmex	2004	Informática	Italiano
Yoki ¹⁸	2006	Alimentos	Brasileiro
Silver/Tigre	2008	Plásticos	Brasileiro
Rexam	2011	Alumínio	Inglês
Isofilme	2012	Plásticos	Brasileiro
XCMG	2014	Máquinas pesadas	Chinês
YOFC	2025	Fibras ópticas	Chinês

Fonte: Andrade, 2014. Reorganização: autor, 2024.

¹⁶ A Usiminas teve sua filial vendida para a Aethra Sistemas Automotivos. Essa nova empresa é uma grande parceira de fornecimento da empresa Fiat (Estado de Minas Gerais, 2013).

¹⁷ Johnson Controls não possui mais este nome. A empresa também foi vendida e, agora, chama-se Adient.

¹⁸ A Yoki também foi vendida para uma empresa estadunidense, trocou de nome, passando a se chamar General Mills. A transação girou em torno de R\$ 2.000.000.000 (dois bilhões de reais) para a família de japoneses fundadora (G1, 2012).

Como já mencionado em 1953, a empresa J. Macêdo, de capital nacional, chega no Município de Pouso Alegre, marcando um novo momento para a cidade. Porém, a Unilever, em 1975, marca a dialética das técnicas industriais e da ligação multiescalar da unidade com o mundo corporativo internacional. No período atual houve a chegada de 10 empresas de capitais nacional e internacional. O ano marcado por uma concentração maior de empresas foi o de 1987, com a instalação de três unidades industriais. A instauração do período do MTCI na unidade territorial também é marcada com a construção da Fernão Dias (BR-389) no início da década de 50, entretanto, a maior concentração de empresas se dá com sua duplicação, que ocorreu no final do século XX.

As modificações técnicas e científicas, relacionadas com a informação, institucionalizaram a rede de conectividade entre o local e o global. Exemplificações disso são a instauração da BR-389, da Unilever, e do aeroporto¹⁹, que dará aos agentes econômicos e políticos novas possibilidades de conectividade com Pouso Alegre, enquanto principal forma de transformação de seu meio, a sensação de tempo rápido e de um tempo modernizado.

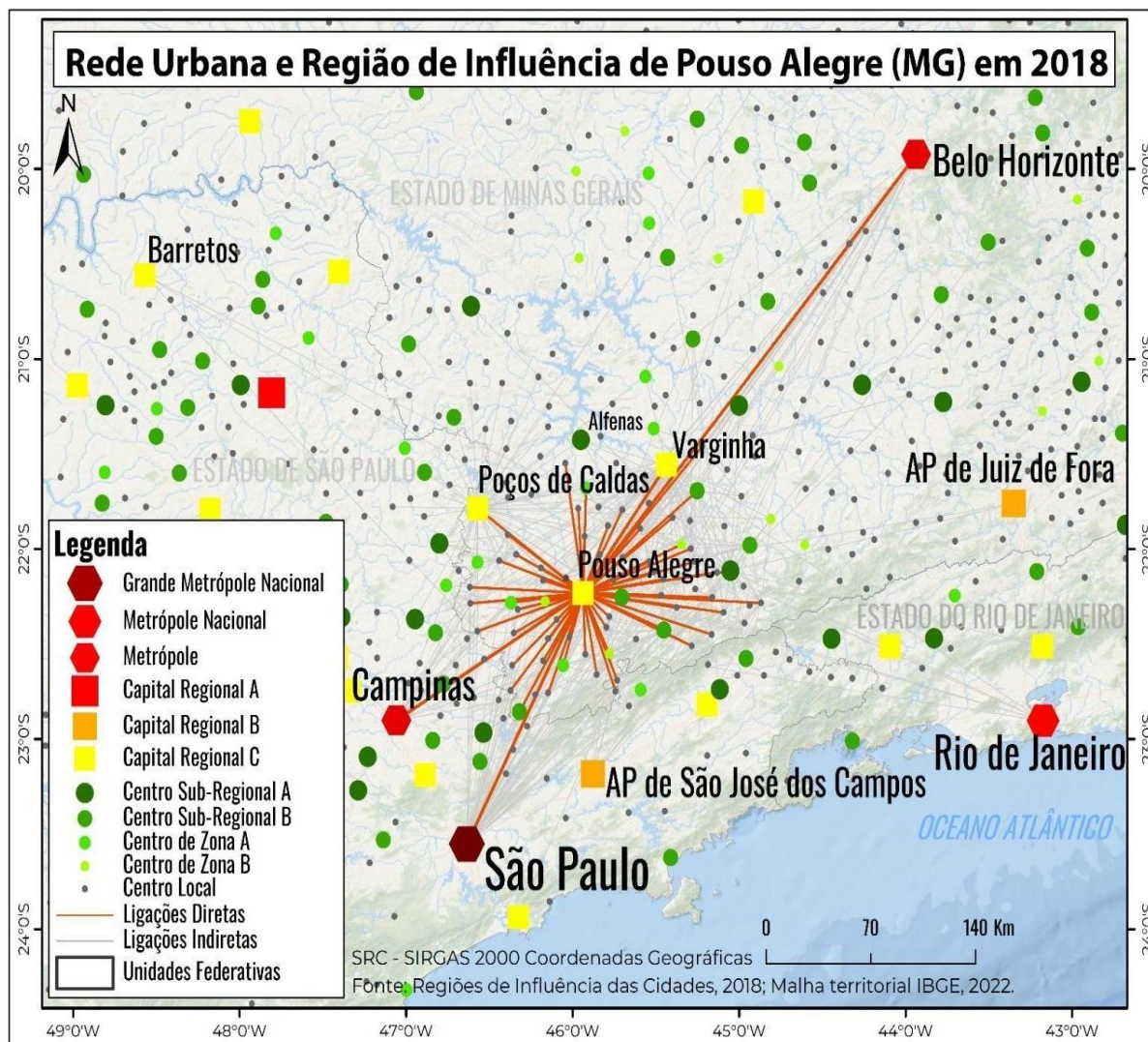
Pensa-se que a influência da instauração do atual período da globalização não impacta apenas o Município de Pouso Alegre, mas também seus municípios vizinhos, como o caso de Estiva, Cambuí, São Sebastião da Bela Vista, Careaçú e demais cidades que se localizam às margens da Fernão Dias, e, quando não, a imigração pendular faz parte da rotina dos trabalhadores que vão à cidade como mão de obra, tendo em vista que, pela seletividade do capitalismo, uma cidade constitui a concentração de indústrias, enquanto outras, não, tornando-se dormitório.

Quando se observa, enquanto pesquisador, o cotidiano vivenciado no município, é nítido que as cidades vizinhas têm se tornado dormitórios para muitas pessoas. A busca por trabalhadores pelas empresas se restringe apenas a unidades territoriais vizinhas de Pouso Alegre e que estão à margem da rodovia. Não há interesse das empresas em buscar empregados em outras localidades, como Silvianópolis e Borda da Mata, que estão ao lado e se conectam com Pouso Alegre, devido a estrutura dessas rodovias. Além disso as demandas diárias de muitas pessoas são sanadas no Município de Pouso Alegre, com o acesso à saúde, a compra do mês e demais atividades. A influência de Pouso Alegre no meio técnico-científico-informacional não se restringe apenas a cidades vizinhas. O estudo publicado pelo IBGE (2018), intitulado Região de Influência das Cidades (REGIC), aponta uma constante ligação do município com as metrópoles e outras cidades médias, como Belo Horizonte (capital

¹⁹ O aeroporto de Pouso Alegre está em operação comercial desde 1950, quando foi inaugurado, e tem autorização para funcionar até 2050 (G1, 2023).

mineira e metrópole), São Paulo (capital paulista e grande metrópole nacional) e Campinas (interior de São Paulo), ilustrada pela figura 15.

Figura 15 - Mapa da Região de Influência de Pouso Alegre (MG) em 2018.



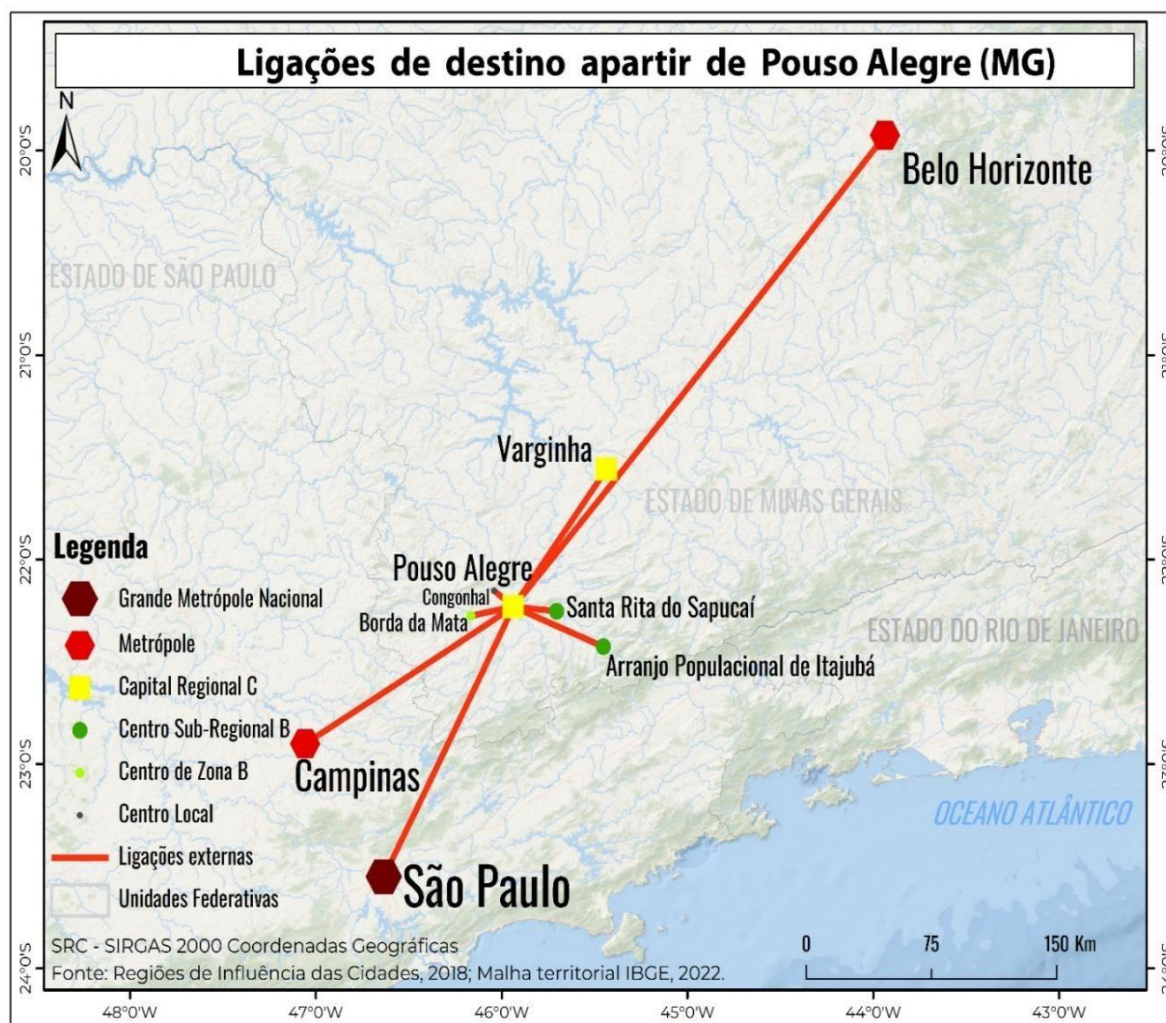
Fonte: IBGE (2018).

Para o REGIC (2018), o Município de Pouso Alegre é reconhecido enquanto capital regional C, sendo considerada uma cidade média²⁰. Alfenas, São José dos Campos, Juiz de Fora e Rio de Janeiro não possuem uma ligação direta com o município estudado. A influência de Pouso Alegre se impulsiona em direção a um determinado local e tem como direção os municípios limítrofes, que são: Santa Rita do Sapucaí, Congonhal e Borda da

²⁰ Beltrão Sposito (2004) diz que, para ser uma cidade média na formação socioespacial brasileira, o município precisa obter uma influência na rede urbana, enquanto que, para o de porte médio, é preciso levar em conta a população residente, que deve ser de entre 100 e 500 mil moradores.

Mata, além de outras cidades que estão em um raio de 150 km, como Itajubá e Varginha. As capitais de São Paulo e Belo Horizonte são também cidades que possuem ligações de influência.

Figura 16 - Mapa de ligação de destino de Pouso Alegre (MG) em 2018.



Fonte: IBGE (2018).

A descentralização da influência das capitais para outras cidades, com o espalhamento das indústrias e outros aspectos da globalização, configura uma nova era para outras cidades (Lencione, 1991). Isso é o que ocorre no município abarcado por esta pesquisa, pois este fator de mudança modifica a classificação de Pouso Alegre quando se investiga historicamente a sua influência na hierarquia urbana que, até 1997, consistia em ser pequena, sendo classificada como centro sub-regional.

De 1966 a 1978, Pouso Alegre apresentava características de um centro sub-regional que já influenciava algumas unidades territoriais, contudo, seu nível de alcance não consistia

em ser como o de hoje. No caso de 1993, o REGIC caracterizava sua rede como de forte para média. Em 2007, passou a ser capital regional C, sendo definida assim até 2018.

Compactar o meio técnico-científico-informacional e transformar o território usado consistirá em ser o movimento proporcionado pela chegada da rodovia Fernão Dias (BR-389) e pelas indústrias, haja vista as transformações que serão proporcionadas no município a partir disso, dentre elas, por exemplo, o próprio montante populacional, político e econômico (Andrade, 2014; Costa, 2023; Porto; Fermino; Oliveira, 2024).

Em determinados países após os anos 70, o processo de instauração do período em questão possui sua ocorrência de forma desproporcional, conforme Santos (1994) salienta. No caso do Brasil, o processo de evolução científica ocorre a partir de um conjunto de fatores indissociáveis da política, da economia e da sociedade, com a construção de um sistema rodoviário, a criação de universidades e a industrialização. O Estado de Minas Gerais esteve historicamente dentro da concentração destas modificações que transformam rapidamente o território usado, ou seja, é parte concreta da difusão destes fenômenos na área concentrada (Santos; Silveira, 2003).

A mesorregião do sul/sudoeste de Minas também fez parte deste movimento, por mais que a agropecuária tenha obtido um destaque. Tendo, para além do uso do território no urbano, a chegada da técnica globalizada para ser utilizada pelo agronegócio no campo (Alves; Lindner, 2020).

A inserção de Pouso Alegre na globalização é motivada por diversos fatores. A dinâmica da urbanização é recriada com as conjunturas econômicas, sendo os sistemas técnicos rodoviários um dos pontapés iniciais para a modificação e o enquadramento do município na lógica global. Essa transformação e passagem de período pode ser impulsionada a partir de um evento que redimensiona a lógica capitalista global para escala. Por mais que estes eventos estejam sendo motivo de mudança, é preciso considerar que, do lugar ao mundo, ainda existem pessoas utilizando o território de forma que caracteriza o meio natural e o meio técnico, pois a passagem de um para o outro consiste em ser a artificialização da natureza (Santos, 1996).

4.1.3 Coexistência de tempos no município

Pouso Alegre, na atualidade, constitui um conjunto de técnicas que estão voltadas ao movimento da globalização, entretanto é preciso destacar a presença de rugosidades²¹ dentro de sua paisagem citadina e campestre, considerando, por exemplo, a forma dos sobrados construídos no século XIX e reformados recentemente, como no caso do teatro, representado na fotografia (a e b). Por toda a movimentação política demandada pela prefeitura de se cobrar mais impostos, o rural ali está sendo ceifado, mas, em determinadas comunidades, ainda existem pessoas que mantêm fortemente suas ligações com a terra. Há, ali, duas construções de igrejas que remontam, a título de exemplo, a técnicas arquitetônicas diferentes, conforme demonstra as fotografias.

Fotografias 1 – Representações de Pouso Alegre no tempo pretérito e nos dias de hoje.



Fontes: Museu Tuany Toledo; G1 (2019); Autor (2023).

²¹ Santos (1996, p. 140) define que a rugosidade é aquilo que fica do “[...] passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com as quais se substituem e acumulam em todos os lugares” e “Em cada lugar, pois, o tempo atual se defronta com o tempo passado, cristalizado em formas”.

Legenda: a) Antiga fachada do teatro municipal.
 b) Fachada atual do teatro municipal.
 c) Igrejas católicas do bairro rural dos Afonsos em Pouso Alegre.

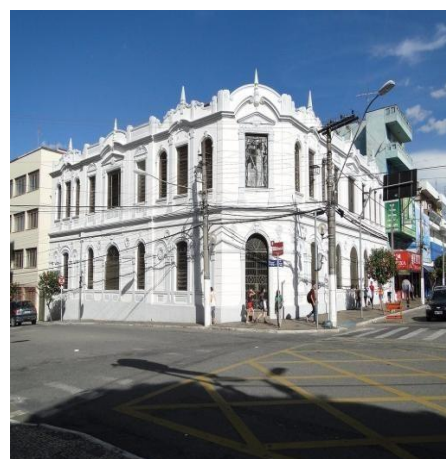
A presença material de diferentes momentos históricos compõe os sistemas de objetos existentes nos municípios brasileiros. No caso específico deste município, destacam-se vestígios de outros tempos em sua paisagem urbana, evidentes principalmente nas principais avenidas da cidade. Nelas, muitos casarões dos séculos XIX e XX ainda permanecem, como o Teatro Municipal, inaugurado em 1875, representado na fotografia 1 (b). Além disso, há construções do final do século XIX e início do século XX, como a estação ferroviária, inaugurada em 1895 e ilustrada na fotografia 2 (a); a atual Biblioteca Municipal, mostrada na figura 17 (b); e a Escola Estadual Monsenhor José Paulino, representada nas fotografias 2 (c).

Fotografias 2 – Heranças do tempo pretérito em Pouso Alegre.

a)



b)



c)



Fontes: Ipatrimônio; Tripadvisor; Terra do Mandu (2021).

Legenda: a) Estação ferroviária de Pouso Alegre nos dias de hoje.
 b) Biblioteca Municipal.
 c) Escola Estadual Monsenhor José Paulino.

As rugosidades também podem ser observadas de forma robusta na avenida principal, Doutor Lisboa (antiga Avenida do Imperador), com duas imagens comparativas (uma do século XX e outra da atualidade) para compreender as modificações e permanências, conforme demonstrado nas fotografias 3.

Fotografia 3 - Avenida Doutor Lisboa no século XX e no século XXI.

a)



b)



Fontes: Pouso Net (2015); Prefeitura de Pouso Alegre.

Legenda: a) Avenida Doutor Lisboa no século XX.

b) Avenida Doutor Lisboa no século XXI.

Como se observa nas fotografias acima, o município passou por modificações significativas entre o período do meio técnico e do meio técnico-científico-informacional. Um exemplo disso é a pavimentação da avenida, a retirada das árvores que ficavam às margens da rua e a construção de alguns prédios. No entanto, a forma de alguns sobrados e casarões foi mantida, embora suas funções tenham sido modificadas, conforme retratado por Santos (1996).

4.2 A dinâmica populacional do município no contexto atual

A população total abriga em seu desenvolvimento as três variáveis: mortalidade, migração e natalidade da dinâmica populacional (Damiani, 1991; 2010). Atualmente, o mundo está constituído populacionalmente, de acordo com o G1 (2023), de 8.019.879.189 pessoas, sendo a Índia a formação socioespacial com o maior número de habitantes, seguida da China. No caso do Brasil, sua população ocupa a sétima posição entre as dez nações mais populosas do Globo. De 1960, década em que se identifica o início do período do MTCI, o crescimento foi de 132.088.413, conforme a tabela 13 demonstra.

Tabela 13 - População e distribuição da população pelas Grandes Regiões e Unidades da Federação nos censos demográficos no período entre 1960 e 2022.

Recortes Espaciais	Variável - População (pessoas)						
	Ano						
	1960	1970	1980	1991	2000	2010	2022
Brasil	70.992.343	94.508.583	121.150.573	146.917.459	169.590.693	190.755.799	203.080.756
Sudeste	31.062.978	40.331.969	52.580.527	62.660.700	72.297.351	80.364.410	84.840.113
Minas Gerais	9.960.040	11.645.095	13.651.852	15.731.961	17.866.402	19.597.330	20.539.989

Fonte: Censos Demográficos IBGE (1960-2022)).

Como já destacado acima, uma das principais características do meio técnico-científico-informacional é a mundialização da informação e da ciência. Contudo, sua ampliação sobre uma determinada formação socioespacial não se dá de forma única, deste modo, o acesso à informação não se distribui de modo igualitário entre homens e mulheres e demais agentes que usam o território.

A utilização do território por indivíduos que possuem vulnerabilidade socioeconômica, por exemplo, difere-se da daqueles indivíduos que têm uma alta qualidade de vida. Conforme é citado acima, as características frente ao uso do território divergem dentro de cada momento da história, pois o uso é esculpido de acordo com a entrada das técnicas, da tecnologia, da ciência, da informação, entre outros aspectos.

De 1960 a 1991, identifica-se um crescimento populacional da população brasileira de 20 milhões de habitantes a cada dez anos, havendo um aumento de 1980 a 1991. Este fato pode ser interpretado por eventos que ocorreram no mundo, no Brasil, na Região Sudeste e no Estado de Minas Gerais que influenciaram tal crescimento. É provável que acontecimentos globais, como a Guerra Fria com o incentivo da imigração, a taxa de natalidade e o crescimento vegetativo em si, corroboraram para o crescimento populacional. Pelo fato de a região Sudeste ser o centro das concentrações econômicas, informacionais e de outros conglomerados, ela desperta o interesse pela imigração, não só por parte dos estrangeiros como também dos próprios brasileiros. O Estado de Minas Gerais apresenta uma alta de 2 milhões de habitantes entre 1960 a 2010.

A mesorregião do sul/sudoeste de Minas, de 1991 a 2022, obteve um crescimento de 815.744 habitantes, pois, em 1991, sua população era de 2.082.001 de pessoas; em 2000, consistia em ser 2.384.851 de pessoas. Em 2010, residiam ali 2.730.105 pessoas e, em 2022, 2.897.745 pessoas (Scavazza, 2003; G1, 2023). O expressivo aumento em 32 anos pode ser interpretado por diversos aspectos considerando a questão econômica e política como principais eventos contribuintes. Essa região, em seu quadro de desenvolvimento nos últimos 60 anos, apresenta um processo de transformação em algumas cidades, com a ampliação do meio técnico-científico-informacional; um exemplo disso são as modificações do município foco desta pesquisa.

Pouso Alegre acompanha a formação socioespacial, unidades federativas da Região Sudeste e mesorregião do estado, tendo um importante aumento em sua população total. No período entre 1960 e 2022, apresentou um crescimento populacional de 125.009 pessoas em 62 anos, conforme a tabela 14.

Tabela 14 - População total residente no Município de Pouso Alegre (MG) no período entre 1960 e 2022.

Ano	Total (pessoas)
1960	27.208
1970	38.072
1980	57.362
1991	81.836
2000	106.776
2010	130.615
2022	152.217

Fonte: Censos Demográficos IBGE (1960-2022).

Esse aumento populacional é influenciado por qual evento/acontecimento? Como já abordado anteriormente, o crescimento populacional possui muita influência dos aspectos econômicos locais. A industrialização, o processo de fazer desta cidade média um polo de tal concentração, impacta diretamente no desenvolvimento e na concentração de pessoas ali.

Alinhado a isso, Bontempo (2000) salienta que a descentralização da indústria da capital paulista contribui para o processo migratório por demanda de mão de obra.

De acordo com Ramos (2011), o movimento de desconcentração industrial, iniciado em meados na década de 1970 a partir do Estado de São Paulo, proporcionou novas dinâmicas no que concerne à localização da atividade industrial, à expansão do comércio e serviços modernos e do agronegócio pelo território. Como consequência desse processo, houve uma maior “mobilidade espacial da força de trabalho” (GAUDEMAR, 1977 e BECKER, 1997) para lugares que até então eram reconhecidos como de partida da população, para centros urbanos mais dinâmicos, como é o caso das cidades pequenas, médias e de porte médio do interior do Estado de São Paulo e de outros estados brasileiros (p. 55).

No período entre 1980 e 2022, a população total de Pouso Alegre obteve um aumento de 20 a 30 mil pessoas. Isso pode ser explicado pelo aumento da presença industrial, a duplicação das vias da Fernão Dias, as melhorias constituídas nas vias estaduais, a influência exercida pelo município entre as capitais de Belo Horizonte e São Paulo e a demanda de mão de obra. Esta última é um fator determinante para a concentração de imigrantes de outros lugares no território usado pelas empresas.

Com relação à população total por gênero, a unidade territorial demonstra ter tido historicamente uma predominância de mulheres, conforme se observa na tabela 15:

Tabela 15 - População residente por sexo em Pouso Alegre (MG) no período entre 1960 e 2022.

Variável - População residente (pessoas)		
Ano	Sexo	
	Mulheres	Homens
1960	13.855	13.353
1970	19.115	18.957
1980	28.849	28.513
1991	41.466	40.370
2000	54.061	52.715
2010	66.096	64.519
2022	77.406	74.811

Fonte: Censos Demográficos IBGE (1960-2022).

Esta tabela demonstra que, no atual período do meio técnico-científico-informacional, a presença de mulheres na unidade territorial consiste em ser maior que a de homens. De 1960

a 2022, o crescimento da população feminina foi de 63.551 mulheres. Já a população masculina consistiu em ser de 61.458 homens. O fato é que, ao alinhar o desenvolvimento demográfico por gênero na formação socioespacial brasileira, será nítido que as mulheres são maioria no Brasil. Isso é reflexo das características da natalidade ou da mortalidade, considerando que a expectativa de vida das mulheres tem sido maior que a expectativa dos homens.

Para Santos (1994), ocorreram modificações na moradia com a industrialização, pois, de 1940 a 1950, o crescimento da população urbana foi de quase 8.000.000 de habitantes, sendo em 40, de 10.891.000 de habitantes, e em 50, de 18.783.000. A configuração do crescimento da população residente no urbano vai crescendo, como demonstra 1960, com 31.956.000 habitantes, 1970, com 52.905.000 habitantes, e 1980, com 82.013.000 habitantes. O Brasil sofre um intenso processo de êxodo rural desde 1940. Porém, a nação vai deixar de ter grande parte de sua população residindo no rural só a partir de 1970 e 1980.

Na tabela 16, que abarca a situação de domicílio no período entre 1970 e 2010 ilustra que a cidade sempre obteve uma maior presença de pessoas, enquanto o campo, não.

Tabela 16 - População residente por situação de domicílio em Pouso Alegre (MG) no período entre 1970 e 2010.

Variável - População residente (pessoas)		
Ano	Situação	
	Urbano	Rural
1970	29.224	8.848
1980	50.826	6.536
1991	74.322	7.514
2000	97.756	9.020
2010	119.590	11.025

Fonte: Censos Demográficos IBGE (1970-2010).

As formas do modelo de uma cidade urbanizada são reflexo da instauração da lógica global na delimitação escalar mundo-lugar. Partindo disso, comprova-se as causas da industrialização no processo de povoamento do atual período, obtendo a centralização da divisão social do trabalho voltada aos modos de produção hegemônicos.

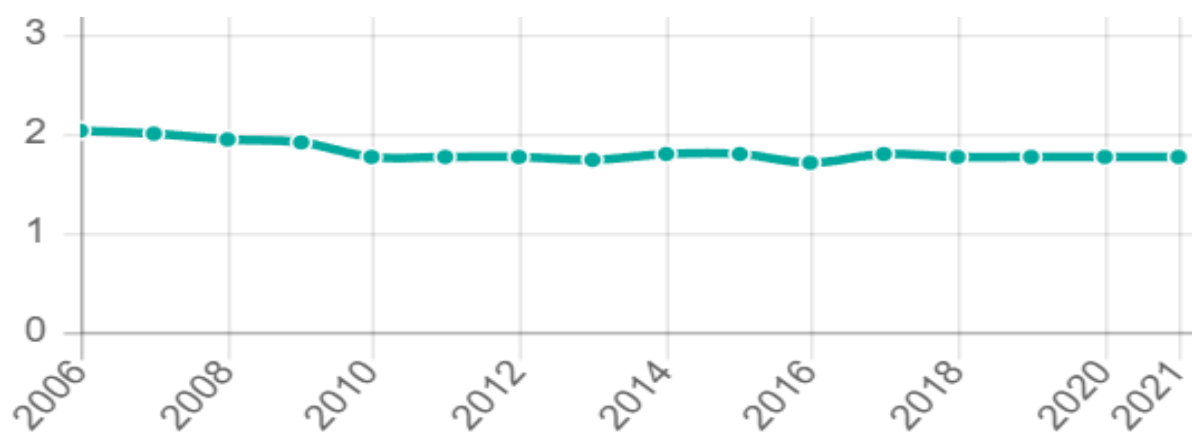
A dinâmica populacional do município é um reflexo e condição da formação

socioespacial brasileira e da inserção do meio técnico-científico-informacional no território correspondente, que, pelas condições da configuração do novo tempo, possui características próprias de desenvoltura em seu processo, sendo o seu crescimento demográfico demonstrativo de intensos movimentos migratórios, apresentando também uma estabilidade na natalidade.

4.2.1 Natalidade

Na história do Brasil, de 1986 a 2002, observa-se um quadro de variação de 3 a quase 6 milhões de pessoas, em que o número de homens consiste em ser a maioria dos nascidos na escala nacional. De 2022, registrou-se um número de nascimentos de 2.621.015; já em 2009, de cerca de 3.045.696 (IBGE), e prevalece o nascimento de pessoas do sexo masculino. Num período de 13 anos, houve uma queda no número de nascimentos. Interpreta-se esta queda como um movimento de transformação da mentalidade, como muito bem colocado por Damiani (1991) e Matos (2011), considerando que as transformações do modelo de sociedade individualizam as formas de entender o mundo. Para além disto, a taxa de fecundidade nacional, representada no gráfico 2, demonstra tal queda.

Gráfico 2 - Taxa de fecundidade de filho por mulher no Brasil no período entre 2006 e 2021.



Fonte: IBGE (2021).

O gráfico acima demonstra a taxa de fecundidade no período de 16 anos, iniciando em 2006 e findando em 2021. É nítido que ocorreu uma queda nos últimos anos, passando da média de 2 filhos por mulher para 1,76 em 2021. Os anos de 2010, 2011, 2012, 2013 e 2016 apresentaram poucas variações na proporcionalidade da variável. Minas Gerais, em

consonância com a socioespacialidade brasileira, demonstra queda quando comparados os dados de 2009 e 2022. No estado, o nascimento está em 265.084 pessoas, enquanto o último ano apresenta ter nascido 236.588 pessoas. Já o município estudado nesta pesquisa, conforme demonstra a tabela 17, denota uma queda e alta entre o período de 2004 e 2021.

Tabela 17 - Registro civil²² de nascidos no Município de Pouso Alegre no período entre 2004 e 2021.

Ano	Ocorridos	Local de Nascimento	
		Hospital	Outros locais
2004	1.733	1.731	2
2005	1.659	1.656	3
2006	1.682	1.681	1
2007	1.607	1.606	1
2008	1.686	1.682	4
2009	1.651	1.648	3
2010	1.729	1.729	0
2011	1.712	1.712	0
2012	1.815	1.812	3
2013	1.872	1.865	7
2014	1.965	1.963	2
2015	2.009	2.008	1
2016	1.807	1.806	1
2017	1.948	1.947	1
2018	1.910	1.908	2
2019	1.901	1.892	9
2020	1.980	1.977	3
2021	1.948	1.938	10
2022	1.850	1.846	4

Fonte: Censos Demográficos IBGE (2004-2021).

²² Paes (2018) salienta que o registro civil passa a ser uma forma de que o estado terá o controle numérico da natalidade. Os dados são montados na escala nacional desde 1986. Entretanto, na escala local, o IBGE apresenta informações desde 2003 até 2022.

O Município de Pouso Alegre demonstra queda no número de nascimentos, baseados nos registros ocorridos no período entre 2006 e 2021. De ano em ano, há um aumento e uma queda. Segundo Damiani (1991), o movimento da dinâmica populacional está em constante transformação, sendo comuns essas modificações de pequenos números dentro do montante total.

No atual momento, com as transições de sociedade proporcionadas pela Revolução Industrial, como coloca Matos (2011), as pessoas passaram a ver nas altas quantidades de filhos um problema para a sua sobrevivência, pois a criança, que antes contribuía para o manuseio de diversas tarefas, passou a ser vista como um aumento significativo de custeio para a família. Dentre outros acontecimentos, a evolução tecnológica e científica, e as mudanças de períodos, proporcionam formas de prevenção para se ter filhos, constituindo métodos preventivos, como a invenção de camisinhas, remédios, pílulas e outros.

A difusão da informação de massa para o processo de educação informal consiste em ser uma forma de conscientização para a população, transformando aquele pensamento individualista em algo mais coletivo, por mais que seja em decorrência das práticas impostas pelo sistema (Aranha, 1989). Eventos da era tecnológica reestruturam as formas de se pensar. Os locais de nascimento dos bebês desenham que, no atual período da globalização, o hospital é o lugar com expressiva quantidade de nascimentos. São poucos, no caso de Pouso Alegre, os casos em que a criança nasce fora deste ambiente. No período entre 2006 e 2022, 2021 foi o ano que apresentou a maior ocorrência de nascimentos fora de hospital, tendo relação com a pandemia da covid-19.

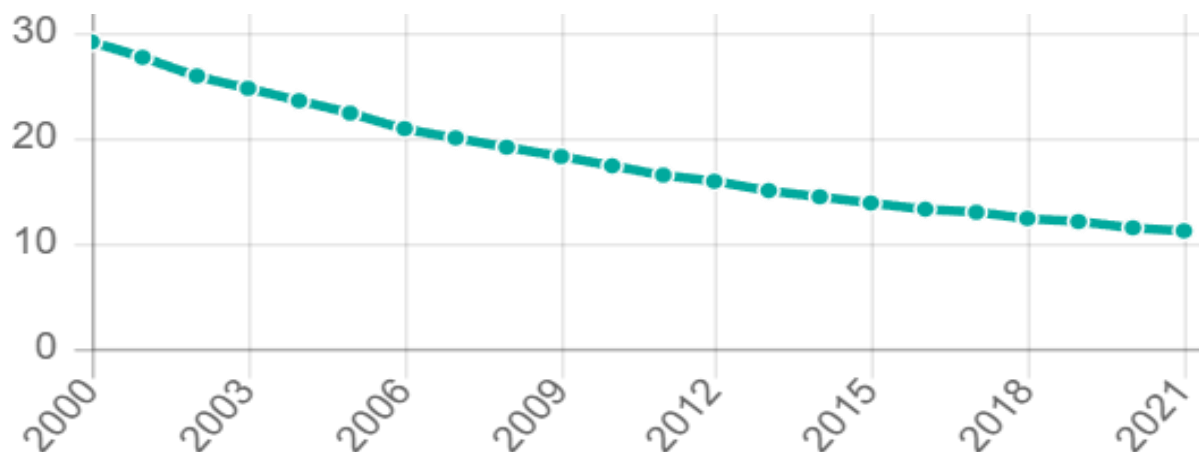
Um outro fato interessante é o de que, no montante de nascimentos por gênero na escala local, os homens representam uma numeração maior, se em comparação com as mulheres — algo que se torna distinto quando se analisa a quantidade de mulheres totais no país e na unidade territorial. Pouso Alegre em 2003 apresentava ter o nascimento de 846 mulheres e 850 homens; já em 2013, 907 mulheres e 985 homens; no caso de 2022, 911 mulheres e 942 homens (IBGE).

4.2.2 Mortalidade

Na América Latina, de 1985-90, a taxa de mortalidade era constituída de 29%, e, em 2007, caiu para 27% (Matos, 2011). Já o Brasil, entre os anos de 2000 e 2021, apresentou

queda neste tipo de mortalidade. Essa variação decaiu de 29 para 11,2 óbitos por mil nascidos vivos em um período de 21 anos, como o gráfico 3 denota.

Gráfico 3 - Taxa de mortalidade infantil no Brasil no período entre 2000 e 2021.



Fonte: IBGE (2023).

Com relação ao Estado de Minas Gerais, a mortalidade infantil acompanha a formação socioespacial brasileira. Entre 2006 e 2022, também houve uma diminuição das mortes no estado, pois foi de 16,33 óbitos, em 2006, para 11,37 óbitos por mil nascidos em 2022. Como se observa na tabela 18, em Pouso Alegre também, de 2006 para 2022, houve uma queda de 13,17 para 9,63 óbitos por mil nascidos vivos. Nos dados, há variações, em que 2009 apresenta o maior índice de mortalidade quando comparado com os outros anos. O maior número de óbitos vem a ocorrer em 2012, com um total de 29 mortes de nascidos que vieram à morte, conforme é salientado pela tabela.

Tabela 18 - Taxa de mortalidade infantil no Município de Pouso Alegre no período entre 2006 e 2022.

Ano	Nascidos	Óbitos	Óbitos por mil nascidos vivos
2006	1.670	22	13,17
2007	1.602	24	14,98
2008	1.719	22	12,98
2009	1.651	28	16,96
2010	1.751	20	11,42
2011	1.724	28	16,24
2012	1.835	29	15,08
2013	1.885	19	10,08
2014	1.971	24	12,18
2015	2.029	27	13,31
2016	1.819	28	15,39
2017	1.947	16	8,22
2018	1.917	12	6,26
2019	1.920	11	5,73
2020	1.998	15	7,51
2021	1.959	14	7,15
2022	1.869	18	9,63

Fonte: Censos Demográficos IBGE (2006-2022).

A mortalidade infantil tem altas probabilidades de ocorrer dentro da infância (Santos; Levy; Szmrecsányi, 1980). Em relação à taxa de mortalidade geral, como se observa na tabela 19, o coeficiente demonstra que a ocorrência de falecimento no período entre 2013 e 2016 apresentou um índice de 6,18 no último ano, considerando a contagem total populacional e os óbitos como pontos basilares.

Tabela 19 - Coeficiente de mortalidade geral em Pouso Alegre de 2013 a 2016.

	2013	2014	2015	2016
População	130.615	142.073	143.846	145.535
Óbitos Totais	796	815	813	900
CMG	6,09	5,74	5,65	6,18

Fonte: SIM/MS/IBGE (2013-2016).

O ano de 2020 é marcado pela ocorrência de uma pandemia fatídica, a de covid-19, em que ocorre um rápido crescimento da mortalidade da população brasileira. Os dados demonstram altas variações na escala nacional, uma vez que, em quase três anos, o número de mortos por esta doença no Brasil ultrapassa a marca de 1 milhão de pessoas.

Localmente, a morbidade apresenta uma alta neste período (tabela 20) de insegurança sanitária.

Tabela 20 - Mortalidade (morbidade) ocorrida, por sexo, no município de Pouso Alegre no período entre 2006 e 2021.

Ano	Total	Feminino	Masculino
2006	630	263	367
2007	649	288	361
2008	668	335	333
2009	709	298	411
2010	718	330	388
2011	816	344	472
2012	776	328	448
2013	810	337	473
2014	836	360	475
2015	820	342	478
2016	908	401	507
2017	932	413	519
2018	922	418	504
2019	942	425	517
2020	918	398	520

Fonte: Censos Demográficos IBGE (2006-2020).

A questão de gênero consiste em ser uma questão bem evidente na mortalidade. O homem, no período abrangido pela tabela acima, é o maior montante na mortalidade. A estrutura de sociedade patriarcal ilustra que a expectativa de vida para o sexo masculino é menor do que a do sexo feminino. Este motivo pode estar atrelado ao ato de se cuidar, já que, para muitos homens, é demonstrar fraqueza, e, como dito anteriormente, a masculinidade frágil impede que eles usufruam da ciência médica. Em 2020, ano da covid-19, com uma diferença de 125 mortes, o gênero masculino apresenta uma alta mortalidade em comparação com o feminino.

Com relação à mortalidade por idade em 2020, o município contou com 83 mortes de pessoas de 0 a 39 anos; no que se refere aos indivíduos de 40 até 80 para mais, foram registradas 649 mortes, maior número na população com mais de 80 anos. Em 2006, por outro

lado, o número de óbitos registrados na população de 0 a 39 anos foi de 93; na população de 40 até 80 anos para mais, o montante assinalado foi de 537 pessoas. No ano de 2017, ocorreu a morte de 91 pessoas de 0 a 39 anos e de 841 indivíduos de 40 até 80 anos para mais.

As variâncias destes dados constroem uma interpretação de que o ano de 2020 foi atípico, tendo o falecimento em massa de pessoas acima de 80 anos, grupo de risco mais atingido pela covid-19. Os anos de 2006 e 2017 demonstraram uma exponencial queda e aumento em ambas as faixas etárias.

4.2.3 Migração

As questões migratórias do atual contexto global constituem reflexos de acontecimentos/eventos que as impulsionam, podendo ser compreendidas das mais diversas posições ditas pelos autores representados no quadro 5, e as chegadas das indústrias em cidades de porte médio ocasionou um profundo processo de vinda populacional para municípios como Marília, no Estado de São Paulo (Bontempo, 2016).

A imigração internacional pode ser entendida em diferentes aspectos. Em 2000, o Brasil contava com 510.067 estrangeiros, dos quais 242.865 eram mulheres e 267.202, homens. Dentre esses, 493.853 imigrantes residiam em áreas urbanas e 16.214, em áreas rurais. Minas Gerais, nesse mesmo ano, abrigava 14.967 estrangeiros, dos quais 8.989 eram homens e 5.978, mulheres. Do total, 14.396 viviam em áreas urbanas, enquanto 571 habitavam áreas rurais. Na escala local, a presença de estrangeiros estava em 118 imigrantes, sendo 36 mulheres e 81 homens. Nota-se, ao analisar os dados, uma significativa predominância de imigrantes do sexo masculino (Fermino, 2022).

As pessoas chegam, mas também saem do município, do estado e da formação socioespacial para residirem em outro país. Este montante, de acordo com o IBGE (2010), foi de 308 emigrantes de Pouso Alegre, 82.749 emigrantes de Minas Gerais e, na escala nacional, de 491.645 emigrantes. Com relação ao destino destas pessoas, muitos optam pelos Estados Unidos da América como nova residência (Matos, 2011).

Não é só nos dados de migração internacional que se prende a análise. Há uma tentativa de reconstruir uma interpretação da migração em Pouso Alegre a partir de dados presentes na tabela 21.

Tabela 21 – Migrantes em Pouso Alegre, no período entre 1970 e 2010.

	1970	1991	2010
Naturais do município	26.322	47.787	74.114
(% do total)	(69,1%)	(58,4%)	(56,8%)
Não naturais do município (%)	11.750	34.049	56.472
	(30,9%)	(41,6%)	(43,2%)
Naturais do Estado de Minas Gerais (%)	36.451	71.843	108.582
	(95,7%)	(87,8%)	(83,1%)
Naturais de outros municípios de Minas Gerais (%)	10.129	24.056	34.468
	(26,6%)	(29,4%)	(26,4%)
Não naturais do estado (%)	1.621	9.993	22.004
	(4,3%)	(12,2%)	(16,9%)
Naturais do Sudeste (%)	37.575	79.092	123.047
	(98,7%)	(96,6%)	(94,2%)
Naturais de outros estados do Sudeste (%)	1.074	7.249	14.465
	(3,0%)	(8,8%)	(11,1%)
Naturais de outras regiões brasileiras (%)	350	2.744	6.979
	(0,9%)	(3,1%)	(5,3%)
Naturais do Nordeste (%)	161	1.142	4.053
	(0,4%)	(1,4%)	(3,1%)
Naturais do Sul (%)	142	1.148	1.964
	(0,4%)	(1,4%)	(1,5%)
Naturais do Centro-Oeste (%)	37	143	569
	(0,1%)	(0,2%)	(0,4%)
Naturais do Norte (%)	10	56	393
	(0%)	(0,1%)	(0,3%)
Brasileiros sem especificação (%)	147	33	359
	(0,4%)	(0%)	(0,3%)
Brasileiros (%)	37.998	81.616	130.356
	(99,8%)	(99,7%)	(99,9%)
Estrangeiros (%)	74	220	230
	(0,2%)	(0,3%)	(0,1%)
População Total	38.072	81.836	130.586
	(100%)	(100%)	(100%)

Fonte: Andrade (2014).

Como demonstra a tabela 21, os estrangeiros no censo de 1970 representavam 74 pessoas; no caso de 1991, 220 pessoas, e, em 2010, 230 pessoas. Na população total, os imigrantes internacionais representam uma porcentagem muito pequena.

Em 1970, há um intenso processo de crescimento de moradores não naturais do Estado de Minas Gerais e de outros municípios pertencentes a ele. Quando analisada a grande região do imigrante, a Sudeste é a com maior predominância. Já em 1991, quando questionados sobre as suas regiões de naturalidade, o Sudeste ainda prevalece, entretanto, é contabilizada a unidade federativa de Minas Gerais, que novamente representa o maior número de pessoas,

pois migraram em massa para Pouso Alegre pessoas que residem nos municípios pertencentes de seu estado.

Esse número aumentou ainda mais em 2010; a migração de pessoas que residiam em cidades de Minas Gerais e passaram a morar em Pouso Alegre é considerável. A presença de pessoas que moravam no Nordeste é um demonstrativo crescente quando analisado, uma vez que, em 1970, era de 102 pessoas; partindo do Sul, do Norte e do Centro-Oeste, o movimento é tímido: em 1991, 1.142 pessoas e, em 2010, cerca de 4.053 pessoas.

4.3 A relação entre o período atual e a dinâmica populacional de Pouso Alegre

Compreender os movimentos da dinâmica populacional não é uma tarefa fácil, considerando sua complexidade analítica. Fica claro que a transformação dos modelos de sociedades influenciados pela Revolução Industrial ocorrida no século XVIII cria novas formas de pensar (e até mesmo a relação do homem com o seu meio). Os novos usos do território proporcionados a partir daí redistribuem o valor numérico da natalidade, apresentando queda (Damiani, 1991; Matos, 2011; Paes, 2018).

Para o aspecto da migração, na pesquisa, fica clara a reconstituição de novos fatores para migrar. Este aspecto consiste em ser apresentado com desvantagens ao capital e com melhores condições de vida buscadas pelos emigrantes e imigrantes. Já com a mortalidade, com o advento da guerra, o incentivo à migração, a alta mortalidade e a concentração de poder nas mãos de determinadas formações socioespaciais, como os EUA, o mundo ganha novo formato de impacto na sociedade, uma vez que, antes, era possuído de dados exorbitantes, passando, a partir da evolução científica, a decair naturalmente.

A compactação de um novo período, o meio técnico-científico-informacional, não ocorre com rapidez em cada localidade da formação socioespacial brasileira — por exemplo, aqui é possível a descentralização da técnica da metrópole. É anacrônico ²³ retratar os fenômenos ocorridos com as concepções do presente. As mutações acontecem no caminhar do interesse do sistema capitalista. Pouso Alegre será motivada por estes fenômenos, que, a partir da chegada da Rodovia Fernão Dias e sua pavimentação, com a descentralização da indústria, torna-se município de grande interferência na rede urbana sul-mineira, sendo caracterizado como cidade média e de porte médio (Beltrão Sposito, 2004; Costa, 2023).

²³ A definição de anacronismo está ligada à incorporação de termos, fenômenos de outros tempos dentro de um período específico em que aquilo já foi modificado, utilizando expressões ou até eventos do presente — como exemplo, o uso de uma linguagem, de uma vivência, entre outras coisas.

Para Matos (2011), após a Revolução Industrial, a sociedade mundial se debruça sobre uma nova ordem mundial:

Um quarto regime demográfico se anunciaria apoiado nas economias urbanas pós-industriais, no qual a grande maioria da população estaria ocupada nos serviços, distante da agricultura e indústria? Nesse mundo hipotético, como sugerem alguns dados das Nações Unidas, as taxas de natalidade e mortalidade seriam baixas, de tipo pós-transicional, o crescimento da população mundial se reduziria significativamente e o envelhecimento da população seria um problema. As migrações seriam menos elevadas, talvez em fluxos de menor distância, e a própria produção de riquezas tenderia a ser menos explosiva, embora importante, estruturada por plantas industriais móveis e por uma agroindústria muito mais dispersa espacialmente, integrada a um sistema capitalista multipolarizado, diferente dos dias de hoje (p. 113).

Como é retratado nesta citação, o quarto período demográfico se debruça sobre uma nova lógica de crescimento populacional, na qual algumas das variáveis sofreriam queda, conforme demonstra os dados das Nações Unidas, tendo uma queda no crescimento da população total mundial e uma alta taxa de envelhecimento, além das baixas ocorrências de migrações. Essa perspectiva de futuro demonstra problemas nas questões econômicas, sociais e políticas em âmbito global.

Não poderíamos falar que a população de hoje está inserida no atual período da globalização? Sua compactação ao meio técnico-científico-informacional irá desempenhar um novo enquadramento populacional para o mundo e para as formações socioespaciais que o fazem. As movimentações trouxeram a Pouso Alegre novos trilhos populacionais, econômicos e sociais. Isso pode ser exemplificado no crescimento dos imigrantes internacionais, neste atual contexto global, demonstrado na tabela 22, que analisa a presença deles em 2000 e 2023, apresentando um aumento na localidade estudada, em Minas Gerais e no Brasil.

Tabela 22 - Número de registros de imigrantes internacionais no ano de 2000 e de 2023.

Recortes Espaciais	Variável - Pessoas							
	2000				2023			
	Total de Imigrantes	Estados Unidos	Reino Unido	Outros países	Total de Imigrantes	Venezuela	China	Outros países
Brasil	23.427	3.533	692	19.202	232.193	125.159	3.041	103.993
Minas Gerais	1.123	226	32	865	6.325	2.544	98	3.683
Pouso Alegre	6	1	3	2	115	46	46	23

Fonte: SISMIGRA (2000 e 2023).

Como demonstra a tabela 22, em Pouso Alegre, nos anos 2000, os estrangeiros (3) pertencentes ao Reino Unido consistiam na maioria, havendo também o registro de imigrantes provenientes dos Estados Unidos e de outros países. No caso de Minas Gerais, nesse mesmo ano, registrou-se a presença de imigrantes dos Estados Unidos (226) e do Reino Unido (22). O Brasil apresentou, em 2000, o registro de 3.553 imigrantes vindos dos Estados Unidos, 692 imigrantes do Reino Unido e 19.202 imigrantes de outros países.

Em 2023, o valor total de registros de imigrantes internacionais em Pouso Alegre foi de 115, sendo 46 imigrantes da Venezuela, 46 imigrantes da China e 23 de outros países. Com relação a Minas Gerais, houve o registro de 6.325 imigrantes internacionais, sendo 2.544 imigrantes da Venezuela, 98 imigrantes da China e 3.683 imigrantes de outros países. No Brasil, nesse mesmo ano, registrou-se a presença de 232.193 imigrantes, sendo 125.159 imigrantes da Venezuela, 3.041 imigrantes da China e 103.993 imigrantes de outros países.

De 2000 a 2023, chegaram a Pouso Alegre cerca de 1.331 imigrantes internacionais, sendo 2014 (232 estrangeiros) o ano com o maior número. No Brasil, de 2000 a 2024, registrou-se a chegada de 2.213.884 imigrantes internacionais. Em Minas Gerais, nesse mesmo período, houve o registro de 76.995 imigrantes internacionais. Em todos esses recortes espaciais, com relação ao gênero, o masculino representa o maior número (Sismigra, 2024).

A partir destes dados expostos, entende-se que, no período do MTCI, na variável da migração, como resultado do atual contexto global, houve um crescimento, pois as conectividades entre os lugares pelo sistema de infraestrutura e de transportes, a internet, as políticas brasileiras de imigração, além dos eventos ocorridos nos países de origem, corroboram para a vinda de estrangeiros para o Brasil e para o município pesquisado.

De modo geral, em dados populacionais totais, estima-se que Pouso Alegre, no atual contexto da globalização, com o intenso processo de industrialização e o crescimento demográfico, venha a apresentar o maior número de habitantes e imigrantes internacionais da mesorregião do Sul/Sudoeste de Minas nos próximos censos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para abordar a problemática deste estudo, foram formuladas algumas questões centrais: quais eventos de destaque na formação socioespacial brasileira, durante o período do meio técnico, motivaram a formação territorial de Pouso Alegre? Quais acontecimentos inseriram o município no contexto do meio técnico e como era a dinâmica populacional nesse período? Como se comportavam as variáveis demográficas à época? Por fim, como o município se posiciona no atual contexto da globalização e quais são as características populacionais que marcam esta era na localidade?

Os resultados obtidos indicam que a formação territorial do município foi motivada por acontecimentos globais e nacionais, em especial os relacionados à interação entre a Coroa portuguesa e sua colônia. Destacam-se: a expansão da colonização da costa litorânea para o interior em busca de ouro; a intensa exploração das jazidas auríferas na Capitania de Minas Gerais; o processo formativo da Comarca do Rio das Mortes; a chegada da família real ao Brasil (1808); a elevação do Brasil a Reino Unido; a Independência do Brasil; os períodos do Primeiro e do Segundo Reinados; a promulgação da Constituição de 1824; o período regencial e suas revoltas; as leis abolicionistas do século XIX; a Proclamação da República; e a implementação da política de integração nacional no governo Vargas, pautada na construção de rodovias.

Em escala local, refletindo esses movimentos históricos, destacam-se eventos como: a emancipação política de arraial para freguesia em 1811, de freguesia para vila em 1831 e de vila para cidade em 1848; a fundação do hospital e da cadeia em 1874; a retificação do leito do Rio Mandu em 1885; a chegada da estação da Rede Mineira de Viação em 1895; a criação do Ginásio São José pela diocese em 1899; a chegada da diocese em 1901; e as emancipações políticas de Silvanópolis (1911), Borda da Mata (1923), Estiva (1948) e Congonhal (1953), entre outros acontecimentos.

A análise do período do meio técnico em Pouso Alegre revelou dois momentos distintos, conforme a periodização de Milton Santos: o pré-mecanizado e o mecanizado. O primeiro momento teve início com o processo de colonização da região em 1747. Já o segundo momento consolidou-se com a chegada de um sistema técnico transformador do uso do território: a implantação da ferrovia e a inauguração da estação ferroviária em 21 de março de 1895. Por sua vez, o período do meio técnico-científico-informacional foi impulsionado pela construção de rodovias, iniciada na década de 1950, marcando uma nova etapa de transformações territoriais.

Os dados populacionais encontrados demonstraram um crescimento demográfico significativo no Brasil, passando de 9.930.478 de pessoas em 1872 para 70.191.370 de pessoas em 1960, um incremento de 60.260.892 pessoas. No caso de Pouso Alegre, o crescimento populacional entre 1872 (22.004 pessoas) e 1960 (27.208 pessoas) foi de apenas 5.204 pessoas. Esse baixo crescimento pode ser explicado pela emancipação de unidades territoriais, como Borda da Mata, Silvanópolis, Congonhal e Estiva, cujas populações eram previamente contabilizadas como parte do município. Em relação à natalidade, observa-se um aumento significativo em 1951, enquanto a mortalidade manteve-se acima de 400 óbitos nos anos de 1901, 1916 e 1949. Em 1872, Pouso Alegre tinha 312 estrangeiros, número que subiu para 605 em 1920.

No período técnico-científico-informacional, entre 1960 e 2022, o município apresentou um crescimento populacional de 125.009 pessoas, passando de 27.608 habitantes em 1960 para 152.217 em 2022. A natalidade apresentou variações, mas, em comparação com períodos históricos anteriores de altos índices de nascimentos, os números atuais são mais baixos. Matos (2011) atribui essa mudança à transformação da percepção dos filhos, de uma necessidade de sobrevivência para a visão de como gasto. A mortalidade apresentou redução histórica, embora tenha havido um aumento temporário em 2020 devido à pandemia de covid-19. Em termos migratórios, percebeu-se que a maior parte da população proveniente de outros estados é oriunda de Minas Gerais.

A pesquisa evidenciou que a técnica, representada nos diversos modos de uso do território ao longo da história, é um elemento fundamental para a aplicação da periodização proposta por Milton Santos, investigando os eventos de destaque da formação territorial, da dinâmica populacional e da transformação do meio geográfico dos lugares, que, no caso desta pesquisa, analisa Pouso Alegre. Percebeu-se que, com o desenvolvimento da técnica ou a passagem de um período para o outro, do meio técnico para o meio técnico-científico-informacional, as variações populacionais da natalidade e mortalidade foram modificando-se, apresentando queda, pois o avanço da tecnologia influenciou neste processo, demonstrado, por exemplo, pela queda da mortalidade infantil e o aumento da expectativa de vida. Com relação à migração, chegou-se à conclusão de que houve um crescimento, pois as conectividades entre os lugares pelo sistema de infraestrutura e de transportes nesses períodos corroboraram para a vinda de estrangeiros para o Brasil e para o município pesquisado.

Para o desenvolvimento de pesquisas futuras, pensou-se em explorar questões como: há a possibilidade de compreender a evolução da dinâmica populacional em outras escalas, especialmente na mesorregional, utilizando a periodização? É possível fazer uma

recomposição das transformações geográficas sul-mineiras considerando a técnica como elemento central? É aplicável a proposta de periodização de Milton Santos para diferentes escalas?

Espera-se que esta pesquisa contribua para a formação de novos geógrafos, demonstrando a possibilidade de periodizar para compreender a formação territorial de Pouso Alegre e sua dinâmica populacional como fatores relacionais. Por fim, almeja-se avançar aplicando a teoria e a metodologia de Milton Santos na análise das contradições nos usos do território, seja ele brasileiro, mineiro, sul-mineiro ou pousoalegrense.

REFERÊNCIAS

ABREU, Maurício de Almeida. Construindo uma geografia do passado: Rio de Janeiro, cidade portuária, século XVII. **GEOUSP**, Espaço e Tempo, São Paulo, n. 7, p. 13-25, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/123400>. Acesso em: abril de 2022.

ALVES, Flamarion Dutra; LINDNER, Michele. Agronegócio do café no sul de Minas Gerais: territorialização, mundialização e contradições. **OKARA: Geografia em debate**. João Pessoa, v.14, n.2, 2020. p.433 - 451.

ANDRADE, Ana Eugênia Nunes de; VALE, Fernando Henrique do. **Mercado Municipal de Pouso Alegre: O cotidiano na cidade**. Campinas: Pontes Editores, 2013. 99 p.

ANDRADE, Alexandre Carvalho de. **Pouso Alegre (MG): expansão urbana e as dinâmicas socioespaciais em uma cidade média**. 2014. 299 f. Tese - (doutorado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/108632>>. Acesso em: dezembro de 2021.

ANJOS, Rafael Sanzio Araújo. Geografia, Cartografia e o Brasil africano: algumas representações. **Revista do Departamento de Geografia**, p. 332-350, 2014.

ARANHA, Maria Lúcia Arruda. **Filosofia da educação**. Moderna, 1989.

ARROYO, Maria Mónica. **Território brasileiro e mercado externo. Uma leitura do Brasil na virada do século XX**. 250 p. Tese. (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia. São Paulo/SP, 2001.

ARROYO, Maria Mónica. Dinâmica Territorial, circulação e cidades médias. In: SPOSITO, Eliseu Savério SPOSITO; Maria Encarnação Beltrão. SOBARZO, Oscar. (Orgs.). **Cidades médias: produção do espaço urbano e regional**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

ARROYO, Maria Mónica. A circulação da mercadoria na redefinição dos usos do território. **Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS)**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 133–143,

2018. Disponível em: [//rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/389](http://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/389). Acesso em: 24 nov. 2024.

ARTERIS. **Fernão Dias**. Disponível em: <https://www.arteris.com.br/nossas-rodovias/fernao-dias/apresentacao>. Acesso em: 07 jul. de 2024.

BACCI, Livi; MATOS, Ralfo; HORTA, Célio Augusto da Cunha; DALIO, Danilo José. **População, recursos materiais e geopolítica**. Jundiaí: Paco Editora, 2019. 136 p.

BELTRÃO SPOSITO. Maria Encarnação. **O chão em pedaços: urbanização, economia e cidades**. 2004. 508. Tese (Livre Docência) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

BOMTEMPO, Denise Cristina. MIGRAÇÃO, INDÚSTRIA E CIDADE MÉDIA. **Revista Faz Ciência**, [S. l.], v. 15, n. 21, p. 53, 2000. DOI: 10.48075/rfc.v15i21.8728. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/fazciencia/article/view/8728>. Acesso em: 1 abr. 2024.

BOMTEMPO, Denise Cristina. Cidade média, indústria e migração: recortes para compreensão da urbanização brasileira. **Entorno Geográfico**. V.1, p. 128 - 150, 2016. Disponível em: <https://entornogeografico.univalle.edu.co/index.php/entornogeografico/article/view/3547> Acesso em: 13 mar. de 2024

CARRARA, Angelo Alves. **Minas e currais: produção rural e mercado interno em Minas Gerais, 1674-1807**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2007.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Especial Rodovias - As primeiras estradas brasileiras - (05'49)**. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/260157-especial-rodovias-as-primeiras-estradas-brasileiras-05-49/>. Acesso em: 01 fev. de 2024..

CARVALHO, Marília de Fátima Dutra de Ávila. **Comarca do Rio das Mortes em Minas Gerais: expansão urbana nos séculos XVIII e XIX**. Tese (doutorado em Arquitetura). Universidade Federal de Belo Horizonte, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MMMD-A5ANY2>. Acessado em: 12 de dez. de 2022.

CASTILHO, Fábio Francisco. **A Transição da Mão de Obra no Sul de Minas**. Paco Editorial, 2011.

CASTRO, José Flávio Morais. Georreferenciamento e cartometria dos mapas da capitania de Minas Gerais elaborados por José Joaquim da Rocha em 1778 e 1793. **Sociedade & Natureza**, v. 25, p. 581-593, 2013.

CINTRA, Jorge Pimentel. Reconstruindo o mapa das capitanias hereditárias. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material [online]**. 2013, v. 21, n. 2 [Acessado 27 dezembro 2022], pp. 11-45. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-47142013000200002>>. Epub 08 maio 2014. ISSN 1982-0267. <https://doi.org/10.1590/S0101-47142013000200002>.

CINTRA, Jorge Pimentel. As capitanias hereditárias no mapa de Luís Teixeira. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 11-42, 2015.

CONTEL, Fabio Betioli. As divisões regionais do IBGE no século XX (1942, 1970 e 1990). **Terra Brasilis**, 2014, disponível em: <<http://journals.openedition.org/terrabrasilis/990>>. Acesso em: 30 jan. 2024

CORONEL, D. A.; AMORIM, A. L.; BENDER FILHO, R.; SOUSA, E. P. Métodos qualitativos e quantitativos em pesquisa: uma abordagem introdutória. **V Simpósio brasileiro de agropecuária sustentável/ii congresso internacional de agropecuária sustentável. Anais de palestras e minicursos**. Viçosa: Os Editores, 2013. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/259564600/Metodos-Quantitativos-e-Qualitativos-Em-Pesquisa-Uma-Abordagem-Introdutoria#> Aceso em: 27 de julho de 2023.

CORRÊA, Roberto Lobato. O interesse do geógrafo pelo tempo. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 94, p. 1-11, 2016.

CORRÊA, Maristela Saponara. **Teatro Municipal de Pouso Alegre-MG e sua trajetória através do tempo**. Pouso Alegre: 2015. 117 p.

COSTA, Everaldo Batista da; SCARLATO, Francisco Capuano. Notas sobre a formação de uma rede urbana de um “tempo lento” no período da mineração no Brasil Colônia. **ACTA GEOGRÁFICA**, v. 3, n. 5, p. 07-21, 2009

COSTA, Alexandre Lopes. **Desigualdades socioespaciais na produção do espaço urbano na cidade de Pouso Alegre-MG**. 2023. 99 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, 2023.

DICIONÁRIO ONLINE DE LINGUA PORTUGUESA. **Consulta de palavras**. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/>. Acesso em: 15 fev. de 2024.

DIOCESE. 50 anos da Diocese de Pouso Alegre Pouso Alegre: Editora Própria, 1950.

ERTHAL, Rui. Geografia Histórica – Considerações. In: **GEOgraphia**, vol.09, p.29-39, 2003. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/13442>. Acesso em: maio de 2022.

ESTADO DE MINAS GERAIS. **Usiminas vende filial automotiva**. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2013/06/15/internas_economia,406078/usiminas-vende-filial-automotiva.shtml. Acesso em: 15 fev. de 2024.

ESTADO DE MINAS GERAIS. **Conheça a história do Estado de Minas Gerais**. Disponível em: <https://www.mg.gov.br/pagina/historia>. Acesso em: 20 mai. de 2024.

ESTAÇÕES FERROVIÁRIAS DO BRASIL. **Pouso Alegre**. Disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/rmv_sapucaipousoalegre.htm. Acesso em: 25 dez. de 2024.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. Edusp, São Paulo, 2001.

FICI, Ricardo Petrillo. **O sistema ferroviário mundial: o caso brasileiro**. 2017. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi: 10.11606/T.8.2018.tde-02022018-153134. Acesso em 30 dez. de 2024..

FIGHERA, Delfina Trinca. Espacio, técnica y geografía. In: **I Jornadas de Geografía de la UNLP 12-15 de octubre de 1993 La Plata, Argentina. Primeras Jornadas Platenses de Geografía**. Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Departamento de Geografía, 1993.

FINGER, Ana Eliza. **Um século de estradas de ferro. Arquitetura das ferrovias no Brasil entre 1852 e 1957**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

FIRKOWSKI, Olga Lúcia Castreghini; SPOSITO, Eliseu Savério (Org.). **Indústria, ordenamento do território e transportes: a contribuição de André Fischer**. São Paulo: Expressão Popular, 2008. 160 p.

FERMINO, Leandro Henrique Cunha. **A contribuição de imigrantes internacionais na formação territorial de Pouso Alegre e Itajubá (mg) nos séculos XIX e XX**. 2021. 19. Resultado final de iniciação científica - Curso de Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, 2021.

FERMINO, Leandro Henrique Cunha. **A contribuição de imigrantes internacionais na formação territorial de Poços de Caldas, Pouso Alegre e Itajubá (MG) no período entre 1960 e 2021**. 2022. 23. Resultado final de iniciação científica - Curso de Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, 2022.

FERMINO, Leandro Henrique Cunha. **Formação territorial e povoamento de Pouso Alegre no período do meio natural**. 2023. 81. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) - Curso de Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, 2023.

FREJAT, Adolpho (coord.). **Enciclopédia dos municípios brasileiros**. 33. ed. Rio de Janeiro: Instituto brasileiro de Geografia e Estatística, 1959. 457 p. v. XXVI. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?id=227295&view=detalhes>.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **População escrava do Brasil é detalhada em Censo de 1872**. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/populacao-escrava-do-brasil-e-detalhada-em-censo-de-1872>. Acesso em: 30 fev. de 2024.

GOMES, Laurentino. **1808 – Como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil**. 2ª reimpressão. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2007. 414 p.

GOMES, Laurentino. **1822: Como um homem sábio, uma princesa triste e escosses louco por dinheiro ajudaram D. Pedro a criar um Brasil que tinha tudo para dar errado**. Nova Fronteira, 2010.

GOUVÊA, Octávio. Miranda. **A História de Pouso Alegre. Pouso Alegre:** Gráfica Amaral, 2015.

G1. **Norte-americana General Mills confirma compra da Yoki.** Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2012/05/norte-americana-general-mills-confirma-compra-da-yoki.html>. Acesso em: 21 fev. de 2024.

G1. **Faixa etária entre 40 e 44 anos tem mais habitantes no Sul de MG; veja a divisão por idade conforme o Censo do IBGE.** Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2023/10/27/maior-parte-da-populacao-do-sul-de-mg-tem-entre-40-e-44-anos-veja-a-divisao-por-idade-conforme-o-censo-do-ibge.ghtml>. Acesso em: 30 fev. de 2024.

G1. **Aeroporto.** Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/noticia/2023/10/27/maior-parte-da-populacao-do-sul-de-mg-tem-entre-40-e-44-anos-veja-a-divisao-por-idade-conforme-o-censo-do-ibge.ghtml>. Acesso em: 30 fev. de 2024.

G1. **Índia ultrapassa China e agora é a maior nação.** Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2023/04/29/india-ultrapassa-china-e-agora-e-a-maior-nacao-saiba-quais-sao-os-dez-paises-mais-populosos-do-mundo.ghtml>. Acesso em: 19 de mai. de 2024

IBGE. **Cidades e Estados.** Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=Pouso+Alegre>. Acesso em: agosto de 2023.

IBGE. **Regiões de Influência das Cidades - REGIC:** 2018. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, Rio de Janeiro, 2020.

IBGE. **SIDRA: contagem da população no período entre 1872 e 1960: Pouso Alegre.** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Sistema IBGE de Recuperação Automática, 2020. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6579#resultado>. Acesso em: 27 dez. 2024.

IBGE. **SIDRA: contagem da população no período entre 1970 e 2022: Pouso Alegre.** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, Sistema IBGE de Recuperação Automática, 2020. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/6579#resultado>. Acesso em: 27 dez. 2023.

INTERMODAL DIGITAL. **Os principais marcos da história no transporte ferroviário.**

Disponível em: <https://digital.intermodal.com.br/artigos/os-principais-marcos-na-historia-do-transporte-ferroviario/>. Acesso em: 21 dez. de 2024.

KEATING, Vallandro; MARANHÃO, Ricardo. **Caminhos da conquista: a formação do espaço brasileiro.** Editora Terceiro Nome, 2019.

LEAL, Letícia. **A capitania de minas gerais no período colonial: um estudo a partir da formação socioespacial brasileira.** 2020. 100 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Ciências da Natureza, Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG), Alfenas, 2022.

Disponível em: [file:///C:/Users/leand/Downloads/DissertaA%CC%83%C2%A7A%CC%83%C2%A3o%20LetA%CC%83_cia%20Leal%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/leand/Downloads/DissertaA%CC%83%C2%A7A%CC%83%C2%A3o%20LetA%CC%83_cia%20Leal%20(2).pdf). Acesso em: 17 abr. 2022.

LENCIONI, Sandra. **Reestruturação urbano-industrial: centralização do capital e desconcentração da metrópole de São Paulo, a indústria têxtil.** Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991.

LENCIONI, Sandra. Reestruturação urbano-industrial no estado de São Paulo: a região na metrópole desconcentrada. In: Santos, Milton; Souza, Maria Adélia A. de; Silveira, Maria Laura (Org.). **Território, globalização e fragmentação.** 5. ed. São Paulo: Hucitec, 2006. p. 198 - 210.

LOUREIRO, Eduardo Campolina Vianna. **A técnica e os processos criativos no século XX: entre as artes visuais e a música Belo Horizonte: EBA-UFGM.** Tese (doutorado em Geografia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/JSSS-9BFETQ>. Acesso em: 01 fev de 2024.

MARSON, Michel Deliberali. A indústria de transformação no sul de minas gerais, 1907-1937. **História Econômica & História das Empresas**, v. 20, p. 153-184, 2017. p. 163.

MARTINS, Dora; VANALLI, Sônia. **Migrantes.** São Paulo: Contexto, 2004. 101 p.

MATOS, Ralfo. **Geografia da População.** Belo Horizonte: Editora UFGM, 2011.

MATOS, Ralfo; LOBO, Carlos. Migração como indicador de democracia, sobrevivência econômica e necessidades básicas especiais. **Rev. Inter. Mob. Hum.**, Brasília, 2012, n. 38, p. 213-232.

MONTENEGRO, Marina Regitz & BARROS, Cesar Freitas. “Muda o mundo, mudam as geografias”: entrevista com Maria Laura Silveira. **Revista Da ANPEGE**, 19(40), 2024. <https://doi.org/10.5418/ra2023.v19i40.17874>. Acesso em: 11 jan. de 2024.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Território e história no Brasil**. Annablume, 2005.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Geografia: pequena história crítica**. Annablume, 2007.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia histórica do Brasil: capitalismo, território e periferia**. Annablume, 2011.

MOREIRA, Ruy. **A formação espacial brasileira: contribuição crítica aos fundamentos espaciais da geografia do Brasil**. Consequência, 2020.

MOREIRA, Ruy. Sociedade e espaço no brasil (as fases da formação espacial brasileira: hegemonias e conflitos). **Boletim Paulista De Geografia**, (83), 7–32, 2017.

NOVAES, Ricardo Lafetá. Sobre a técnica. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, São Paulo, v. 3, p. 24-49, 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/J5wfN87VRr3HzLzWRVZ6Lgk/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 30 jan. de 2024.

OBSERVATÓRIO DAS MIGRAÇÕES EM SÃO PAULO. Banco Interativo – Números da imigração internacional para o Brasil, 2000-2024 (jan.-mar). Campinas-SP: Observatório das Migrações em São Paulo – NEPO/UNICAMP. Data do Download: 20 de abril de 2019, com atualização em 10 de abril de 2024. Disponível em: <https://encurtador.com.br/1Qzek>. Acesso em: 15 jan. de 2025

OLIVEIRA, Antônio Marques de. **Almanack do Município de Pouso Alegre**. Rio de Janeiro: Casa MONT’ALVERNE, 1900. 223 p.

PAES, Neir Antunes. **Demografia estatística dos eventos vitais**. 2ª Ed. João Pessoa: Editora CCTA; 2018.

PORTO, Gil Carlos Silveira. **Evolução da rede de localidades centrais na Bahia nos séculos XIX e XX: permanências, complexidades e amadurecimento**. Tese (doutorado em Geografia). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/IGCC9NBQ9P/1/tese_gil_carlos_silveria_porto.pdf>. Acesso em: 30 de novembro de 2021.

PORTO, Gil Carlos Silveira. Notas sobre os impactos da construção da Rodovia Fernão Dias no espaço intraurbano de Alfenas (MG), em meados do século XX. In: **XVIII Encontro Nacional de Geógrafos**. São Luís, Anais. 2016.

PORTO, Gil Carlos Silveira. **Trajетórias socioespaciais de imigrantes internacionais no brasil no período atual**. Anais do XIV ENANPEGE... Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/78886>>. Acesso em: 26/01/2025 15:56

PORTO, Gil Carlos Silveira, et. al. Migração, trabalho e uso do território: contribuição para a recomposição de uma geografia histórica de localidades Sul-Mineiras no período técnico. **Caderno de Geografia**, v. 33, Número Especial 1, 2023. Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/geografia/article/view/31311>>. Acesso em: 27 out. 2024.

PORTO, Gil Carlos Silveira; FERMINO, Leandro Henrique Cunha; CARVALHO, Isabella Oliveira de. Usos conflitantes do território: o caso das feiras livres e lojas de supermercados em Pouso Alegre (MG). In: **Anais do Congresso Brasileiro de Geografia Política, Geopolítica e Gestão do Território - CONGEO**. Anais. São Paulo (SP), USP, 2024. Disponível em: <https://encurtador.com.br/dgTX1>. Acesso em: 30 mar. de 2024.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. Editora brasiliense, 1978.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. 23°. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004. 390 p. ISBN 978-85-11-13016-4.

PRATA, Hugo. **Das Minas às Gerais: história, cultura e costumes de um povo brasileiro**. Uberaba: Ed. do Autor, 2008.

PREFEITURA DE OURO FINO. **Nossa história, nosso maior tesouro**. Disponível em: <https://ourofino.mg.gov.br/historia/>. Acesso em: 30 fev. de 2024.

SAES, Alexandre Macchione; MARTINS, Marcos Lobato. **Sul de Minas em transição: a formação do capitalismo na passagem para o século 20**. São Paulo: EDUSC, 2012.

SAES, Alexandre Macchione; MARTINS, Marcos Lobato; GAMBI, Thiago Fontelas Rosado. **Sul de Minas em urbanização: modernização urbana no início do século XX**. São Paulo: Alameda, 2016.

SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método [1977]. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, Milton. **Por uma geografia nova**. São Paulo, Edusp, 1978.

SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo. Livraria Nobel S.A, 1985.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. Hucitec. São Paulo 1988.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo, Edusp, 1987.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo. Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo**. São Paulo. Hucitec, 1994.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço. Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. São Paulo: Edusp, 1996.

SANTOS, Milton. O Território e o Sabe Local: algumas categorias de análise. Cadernos IPPUR, v. 13, n. 2, p. 15-26, 1999.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: EDITORA RECORD, 2003. 473 p. ISBN 85-01-05939-0.

SANTOS, Milton. O Dinheiro e o Território. *GEOgraphia*, 1(1), 7-13, 2009. <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia1999.v1i1.a13360>.

SAYAD, Abdelmalek. **Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**, A. Edusp, 1998.

SCAVAZZA, Jessica Franca. **Diferenças socioeconômicas das regiões de Minas Gerais**. Assembléia Legislativa de Minas Gerais, 2003. Disponível em: <http://www.almg.gov.br>. Acesso em: 31 jan. 2024.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil: uma biografia**. 2°. ed. São Paulo: SCHWARCZ S.A, 2018. 709 p. ISBN 978-85-359-2566-1.

SENADO FEDERAL. **1º Censo do Brasil, feito há 150 anos, contou 1,5 milhão de escravizados**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/1o-censo-do-brasil-feito-ha-150-anos-contou-1-5-milhao-de-escravizados>. Acesso em: 30 fev. de 2024.

SOUZA, J. N. e S., de. Investigações sobre os recenseamentos da população geral do Império e de cada província de per si tentados desde os tempos coloniais até hoje. **Relatório do Ministério dos Negócios do Império**, Anexo D, Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1870. 167 f. Reimpresso em edição fac-similada, São Paulo, IPE/USP, 1986.

SPOSITO, Eliseu Savério. Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.

SPOSITO, Eliseu S.; BOMTEMPO, Denise Cristina.; SOUSA, Adriano Amaro de. (Orgs.). **Geografia e migração: movimentos, territórios e territorialidades**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. 304p.

SERENI, Emilio. De Marx a Lênin: a categoria de 'formação econômico-social'. **Revista de Geografia**, n. 02, p. 297-346, 2013.

SERPA, Angelo. O trabalho de campo em geografia: Uma abordagem teórico-metodológica. **Boletim Paulista de Geografia**. Número 84. São Paulo – SP JUL. 2006 (Sobre Trabalho de Campo).

SILVA, Marcelo Werner da. A Geografia e o estudo do passado. Conceitos, periodizações e articulações espaço-temporais. **Terra Brasilis (Nova Série)**. **Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica**, n. 1, 2012.

SILVA, Cátia Antônia da. HISTÓRIA SOCIAL DA PESCA E DA MODERNIZAÇÃO ESPACIAL DO RIO DE JANEIRO: a árdua tarefa de periodizar eventos. **Revista Tamoios**, São Gonçalo, v. 11, n. 1, 2015.

SILVA, Fernanda dos Santos. et al. Patrimônio Ferroviário em Minas Gerais: bens imóveis. **Brasília: Iphan, Ministério da Cultura**, 2018.

SILVA, Marcel Pereira da. **De gado a café: as ferrovias no sul de Minas Gerais (1874-1910)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2012.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço geográfico uno e múltiplo. In: **Ambiente e lugar urbano: a Grande Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 2000. p. 13-34. Disponível em: <https://revistes.ub.edu/index.php/ScriptaNova/article/view/313>. Acesso em: 10 de jun. de 2022.

STRAFORINI, Rafael. **Tramas que brilham: sistema de circulação e a produção do território brasileiro no século XVIII**. Tese de Doutorado - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Rio de Janeiro, 2007.

STEFANI, João. Sul de Minas na primeira metade do século dezenove: potencial de centralidade urbana e sua distribuição territorial. **Caderno de Geografia**, v. 26, n. 46, p. 424-446, 2016.

TOLEDO JUNIOR, Rubens de. **Território e densidades técnicas: redes de fibra óptica no Brasil**. 161 f. 2002. Tese. (Doutorado em Geografia Humana). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia. São Paulo/SP, 2002.

UFSJ. **Acervos documentais da Comarca do Rio das Mortes**. Disponível em: <https://documenta.direito.ufmg.br/modules/btrchannel/index.php?pagenum=2>. Acesso em: 20 de dez. de 2022.

VALE, Fernando Henrique do; SAES, Alexandre Macchione; CARVALHO, Rafaela Rodrigues da Silva. Pouso Alegre: uma economia de abastecimento numa sociedade exportadora (1820-1920). In: **Sul de Minas em urbanização: modernização urbana no início do século XX**, São Paulo: Alameda, 2016.

VALE, Fernando Henrique do. **Catedral de Pouso Alegre: espaço de fé e sociabilidade**. Campinas: Pontes Editores, 2019. 136 p.

VALE, Fernando Henrique do. **Economia de abastecimento em uma sociedade exportadora: o município de Pouso Alegre/MG na transição para o século XX**. 2018. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.

VALE, Fernando Henrique do. **Senador José Bento: uma história mal contada**. v.1, Pouso Alegre, 2023.

VALE, Fernando Henrique do. **Amadeu de Queiroz: um imortal Sul-Mineiro**. v.1, Pouso Alegre, 2023.

VALE, Fernando Henrique do. **Economia de abastecimento em uma sociedade exportadora: o município de Pouso Alegre/MG na transição para o século XX**. v.1, Pouso Alegre, 2024.

VEIGA, Bernardo Saturnino da. **Almanack Sulmineiro**. Campanha: Typographia do monitor sulmineiro, 1874. 462 p.

VASCONCELOS, Pedro Almeida de. Questões metodológicas na geografia urbana histórica. **GeoTextos**. Salvador: UFBA, 2009. p. 147-157. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/1984-5537geo.v5i2.3791>. Acessado em: 19 de mai. de 2024.

VASCONCELOS, Pedro Almeida de. **O universo conceitual de Milton Santos**. Curitiba: CRV, 2020.

ANEXO A – MATERIAL POPULACIONAL DA DIOCESE DE POUSO ALEGRE
(MG) EM 1901.

População e movimento das Paróquias em 1901

PAROQUIAS	População da paróquia	Idem da séde	Batizados	Casamentos	Obitos	Comunhões anualmente	Homens praticantes	Irmãndades	Idem N. de assoc.
Andradas	8000	700	280	40	120	300	20	Não	—
Borda da Mata	6000	—	325	60	175	1000	—	Não	—
Brazópolis	9500	1000	325	55	225	3500	varios	2	—
Bueno Brandão	10000	1000	315	46	125	100	10	Não	—
Caldas	5000	1400	150	25	40	300	20	2	800
Cambui	7000	1358	350	80	140	500	70	1	—
Corrego	1300	—	96	22	25	400	12	Não	—
Consolação	3300	300	135	23	50	250	13	Não	—
Cachoeira de Minas	7000	1500	275	65	150	2700	—	1	800
Camanducaia	8000	650	80	30	70	—	40	2	—
Congonhal	3000	500	108	24	36	—	varios	Não	—
Douradinho	2000	150	130	8	100	—	varios	Não	—
Delfim Moreira	6500	300	250	38	150	—	nenh.	Não	—
Estiva	7202	300	130	60	80	650	150	1	45
Extrema	7000	300	235	45	110	400	—	Não	—
Gimirim	5663	1033	280	35	80	—	—	1	—
Itajubá	5700	2800	550	90	325	800	poucos	Não	—
Monte Sião	5500	500	260	43	85	2000	120	1	1500
Ouros	5000	500	200	30	150	1000	—	1	800
Ouro Fino	8000	—	300	40	250	—	nenh.	2	—
Pouso Alegre	9206	4500	280	55	200	600	6	1	—
Pirangussú	5000	227	205	35	98	350	nenh.	Não	—
Paraisópolis	14500	300	304	53	110	1600	varios	2	1803
Retiro do Sapucaí	1700	200	132	9	30	—	muitos	1	—
Sapucaí mirim	3000	180	113	20	85	1000	—	Não	—
Sta. Rita do Sapucaí	6500	1600	375	50	110	—	nenh.	Não	—
Sta. Rita de Caldas	7000	400	200	50	200	1750	6	1	40
Toledo	2200	150	250	20	40	250	20	Não	—

NOTA — No relatório de que nos servimos para esta exposição do estado geral da Diocese no ano da posse do 1.º Bispo Diocesano, não figuram Silvianópolis, Jacutinga, Bom Repouso, Maria da Fé, Bela Vista e Crisolia, sendo que as três últimas foram creadas posteriormente.

ANEXO B – MATERIAL POPULACIONAL DA DIOCESE DE POUSO ALEGRE (MG) EM 1916.

ESTATISTICA DA DIOCESE DE POUSO ALEGRE, 1916 (POSSE DE D. OTÁVIO)

N.º	PARÓQUIAS	Popula- ção TOTAL	Popul. da séde	Bapti- zados	Casa- mentos	Viáticos	Extremas unções	Encom- menda- ções	Comu- nhões	Prega- ções	Alunos de Cat.	1as. Co- munhões	PARA CONFRONTO			
													Reg. de nascim.	casam. civis	Reg. civil de óbit.	Al. matr. nas esco.
1	Borda da Matta	8.000	—	486	86	70	72	—	3.836	150	123	72	175	59	242	155
2	Caracol	20.000	3.000	589	90	4	22	153	324	142	142	35	—	—	—	—
3	Cachoeiras	8.000	1.000	311	51	27	43	129	1.856	62	73	113	109	28	165	97
4	Congonhal	5.000	400	197	46	9	11	15	7.000	105	150	100	—	—	—	—
5	Cambuhy	15.000	1.800	433	117	28	54	188	4.925	70	300	73	458	77	279	260
6	Caldas	5.000	1.200	204	48	16	5+	71	750	52	70	74	204	54	110	214
7	Campo Mystico	12.000	1.000	413	69	28	44	1 8	1.680	62	176	—	373	54	295	112
8	Córrego	4.000	1.500	198	55	25	25	75	1.887	62	—	—	148	25	66	—
9	Capivary	5.000	800	188	43	—	—	80	1.000	62	40	—	167	42	126	92
10	Conceição dos Ouros	6.000	500	260	62	11	87	139	1.050	70	63	—	242	31	160	73
11	Estiva	8.000	700	410	109	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	72
12	Itajubá	14.000	6.000	584	131	62	74	103	14.960	96	170	75	640	81	383	590
13	Jacutinga	18.676	1.600	717	108	29	35	128	15.674	210	366	109	420	112	359	610
14	Jaguary	5.600	250	390	68	76	54	85	1.030	6	130	177	400	70	130	285
15	Maria da Fé	5.000	500	220	48	100	90	190	20.000	300	137	567	287	45	180	188
16	Machadinho	10.000	2.600	431	107	25	26	67	1.610	72	80	—	268	41	112	47
17	Monte São	9.000	1.500	420	101	6	45	158	450	64	80	55	306	54	2 7	168
18	Ouro Fino	24.000	5.000	969	211	56	70	291	10.187	135	120	27	811	135	530	694
19	Paraisópolis	8.000	3.000	551	109	100	100	201	14.450	157	195	129	321	30	180	445
20	Piedade do Retiro	2.800	342	228	33	46	44	19	2.606	62	60	36	49	21	25	98
21	Pirengussú	6.000	240	241	44	26	16	117	5.915	176	120	129	49	18	27	100
22	Pouso Alegre	12.000	6.000	538	95	33	137	211	75.543	143	359	60	300	65	181	1.316
23	Silvianópolis	12.000	1.000	285	63	6	12	17	1.000	74	80	—	90	62	5	255
24	S. José de Toledo	4.500	250	298	44	23	51	149	3.729	72	65	140	211	40	153	92
25	Soledade de Itajubá	11.000	800	455	78	14	39	163	3.518	120	159	—	—	—	—	—
26	Santa Rita da Extrema	8.000	500	278	54	1	35	60	741	120	59	75	375	65	202	18
27	Santa Rita de Caldas	6.000	443	381	63	14	28	101	2.950	52	45	54	186	48	162	124
28	S. Seb. da Bela Vista	3.000	900	101	25	16	22	14	112	60	75	—	51	24	65	144
29	Sant'Anna do Paraiso	4.000	800	121	9	17	20	5	500	34	50	120	184	9	97	94
30	Santa Rita do Sapucahy	10.000	4.000	698	158	48	84	82	6.358	62	391	216	237	68	435	700
31	Villa Braz	10.500	3.000	649	162	50	83	218	6.330	110	309	137	433	97	341	446
TOTAIS.....		280.076	50.625	12.253	2.477	976	1.481	3.397	211.877	3.028	4.168	2.573	7.494	1.455	5.237	7.498

ANEXO C – MATERIAL POPULACIONAL DA DIOCESE DE POUSO ALEGRE (MG) EM 1949.

ESTATÍSTICA DA DIOCESE DE POUSO ALEGRE NO ANO DE 1949

N.º	PARÓQUIAS	Popula- ção	Popul. da séde	BATIZADOS			Casa- mentos	Viáticos	EXTREMA-UNÇÕES			ENCOMENDAÇÕES			Comu- nhões	Prega- ções	Alunos de Cal.	1.ªs. Co- munhões	PARA CONFRONTO			
				Homens	Mulheres	Total			Homens	Mulheres	Total	Homens	Mulheres	Total					Reg. de nascim.	Id. de casam.	Id. de óbitos	Alunos das Esc.
1	Andradas	35.000	3.500	335	301	630	190	128	52	65	117	48	53	101	25.648	135	487	216	538	169	160	1.057
2	Bela Vista	4.000	800	40	62	102	35	5	4	5	9	8	4	12	1.300	40	120	20	174	43	44	120
3	Bom Repouso	6.000	800	150	115	265	80	5	3	3	6				1.200	64	118	18				1.391
4	Borda da Mata	19.000	4.000	416	370	786	162	116	47	53	90	123	82	205	26.000	662	292	178	817	134	219	2.184
5	Brezópolis	25.000	5.000	528	482	1.010	227	125	65	78	143	180	159	339	50.459	210	651	350	1.272	233	639	306
6	Bueno Brandão	12.000	1.200	273	293	566	108		25	39	64	40	65	105	6.009	100	230	25	569	108	290	780
7	Cachoeira de Minas	11.000	1.200	209	163	372	71	50	16	20	36	43	25	68	9.189	200	813	183	342	56	82	1.726
8	Caldas	25.000	3.200	279	301	580	99	32	32	40	72	37	49	86	16.082	130	408	80	601	119	234	750
9	Camanducaia	12.000	2.000	324	340	664	130	39	15	22	37	37	43	86	11.920	60	140	120	641		264	400
10	Cambuí	15.000	5.000	289	00	489	103	80	20	50	70	64	71	135	5.400	50	122	83		35	210	480
11	Consolação	12.000	800	120	158	278	34	20	9	9	18	4	3	7	5.206	115	320	80	270	61	81	158
12	Cristólia	7.000	1.200	84	77	161	58	10	4	6	10	5	7	12	800	50	85	40	310	-3	96	117
13	Congonhal	7.541	636	108	90	198	36	9	4	10	18	10	10	20	4.078	120	79	9	300		92	834
14	Córrego	4.000	600	137	103	240	53	11	6	5	11	4	5	9	1.800	104	245	65	573		158	929
15	Deifim Moreira	19.000	1.600	238	245	480	93	50	24	28	52	14	10	24	20.326	15	929	344	239	70	112	582
16	Douradinho			15	14	29	6	2		2	2				582		430	303	544	117	144	1.254
17	Estiva	11.000	1.000	163	202	365	76	22	15	17	32	7	4	11	2.177	227	189	150	639	245	183	1.200
18	Extrema	9.253	1.020	169	159	328	68	46	15	18	33	26	31	57	7.808	112	600	120	651	92	258	820
19	Gimirim	14.875	3.000	303	315	618	121	69	48	34	82			78	5.160	103	150	639	245	183	1.254	
20	Itajubá	46.419	22.224			1.586	233	207		299				469	219.602	600	3.000	500	1618	158	632	3.000
21	Jacutinga	18.000	4.500	324	292	616	146	37	19	19	38	67	62	129	22.000	250	600	120	651	92	258	1.200
22	Maria da Fé	7.000	1.800	150	172	322	88	190	80	90	170	72	88	160	3.000	140	650	145	452	76	191	820
23	Monte São	12.000	1.200	210	207	417	74	20	10	16	26	30	29	59	6.440	130	230	30	428	191	141	350
24	Ouro Fino	48.000	15.000	460	482	932	198	189	75	86	161	104	102	206	102.000	226	2.600	84	783	43	318	3.700
25	Ourcos	10.228	898	120	116	236	57	13	6	5	11	51	27	78	5.227	110	287	32	299	92	106	239
26	Paraisópolis	18.000	8.000	358	322	680	138	118	65	45	110	99	127	256	93.910	350	1.500	307	228	99	650	1.664
27	Pirangussú	8.350	500	122	107	229	47	11	2	3	7	5	4	12	10.120	159	203	140	283	45	114	191
28	Pouso Alegre	40.000	17.000	412	449	861	129	145	32	47	79	86	90	176	108.000	163	450	180	974	176	310	1.707
29	Retiro do Sapucaí	8.000	1.000	52	71	123	19	15	5	4	9	2	3	5	2.963	18	211	38	132	20	37	632
30	Sapucaí Mirim	5.000	800			176	21	27		6					4.511	108	130	71	205			
31	Santa Rita de Caldas	15.000	1.200	316	334	644	89	35	21	18	39	46	59	105	23.000	210	86	150				210
32	Santa Rita do Sapucaí	24.000	6.000	447	437	884	170	123	45	53	98	121	131	252	18.423	95	429	53	963	201	392	800
33	Silvianópolis	15.782	3.000	290	247	527	101	58	32	24	56	27	15	42	13.592	124	286	78	278	53	109	353
34	Toledo	10.000	3.50	232	268	440	85	4	3	4	7	31	28	59	1.200	80	70	14	167	32	81	60
TOTAIS.....		534.448	119.428	7.654	7.434	16.839	3.345	2.010	802	917	1.988	1.393	1.389	2.935	835.123	5.260	17.235	4.207	15.217	12.872	6.155	27.882